



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA

CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO

**A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM
LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO
AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação de Mestrado submetida à
Universidade Federal Fluminense visando a obtenção do grau de
Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejany dos Santos Dominick



Niterói

2017

LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO

**A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO
DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho desenvolvido no Instituto de Biologia, Curso de Mestrado
Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense.

Dissertação de Mestrado submetida à
Universidade Federal Fluminense como requisito
parcial visando a obtenção do grau de Mestre
em Diversidade e Inclusão

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejany dos Santos Dominick

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Valonguinho

N 244 Nascimento, Lindiane Faria
A audiodescrição como tecnologia em livro didático: um
guia de orientação aos professores da educação básica. - Nite-
rói: [s. n.], 2017.
140 f.

Dissertação – (Mestrado Profissional em Diversidade e
Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, 2017.

1. Educação especial. 2. Pessoas com deficiência visual.
3. Formação de professor. 4. Equipamento de auto-ajuda. 5.
Guia. 6. Rede social. I. Título.

LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO

**A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO DIDÁTICO:
UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação de Mestrado submetida à
Universidade Federal Fluminense como
requisito parcial visando a obtenção do grau
de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Banca Examinadora:

**Prof^a Dra. Rejany dos Santos Dominick – SSE/UFF
(Orientadora/Presidente)**

**Prof^o Dr. Hélio Ferreira Orrico- UERJ/CMPDI
(Membro Titular/Co- orientador)**

**Prof.^a Dra. Edicléa Mascarenhas Fernandes – UERJ/CMPDI
(Membro Titular)**

**Prof^a. Dr^a. Maria Angela Monteiro Corrêa- UNIRIO
(Membro Titular Externo ao Curso)**

**Prof^o. Dr. Alexandre Farbiarz -IACS-UFF
(Membro Titular Externo ao Curso)**

**Prof^a Dra. Neuza Rejane Wille Lima- CMPDI/UFF
(Membro Revisor e Suplente)**

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra certa para referenciar todo carinho e auxílio que tive durante o curso de mestrado e para a produção do guia. Primeiramente gratidão à Deus no qual muitas vezes busquei renovação de fé que me sustentou nesta jornada de pesquisadora.

Gratidão ao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI/UFF) por acreditar no meu trabalho e a todos os professores que contribuíram com ensinamentos valiosos.

Gratidão à minha orientadora Rejany dos S. Dominick que muito contribuiu me guiando para a construção deste trabalho com paciência e carinho.

Gratidão à minha filha, Laís, que nasceu durante essa minha jornada de pesquisadora, transformando tudo mais prazeroso.

Gratidão aos meus pais, irmão, sobrinha e esposo que muito foram pacientes e compreensivos com a minha ausência.

Gratidão aos meus amigos do CMPDI 2014, em especial a Tânia Moratelli, Noemi Horowicz, Daise dos Santos Pereira, Luiz Marcelo Fontes e Daniela da Conceição e para aqueles que não estavam presentes na mesma turma, mas muito me inspiraram: Camila Matheus, Esmeralda Peçanha e Patrícia Ignácio.

Gratidão às colaboradoras da pesquisa: Ana Fátima Berquó, Aparecida Pereira Leite, Margareth Oliveira Olegário e Rachel Ventura Espinheira.

Gratidão ao Instituto Benjamin Constant, em especial, à Direção Geral, ao Departamento Técnico especializado (DTE) em especial à Coordenação de Adaptação de Livros Didáticos e Paradidáticos no Sistema Braille e à Coordenação do Livro Ampliado, à Divisão de Documentação e Informação (DDI) pela autorização da pesquisa, ao Departamento de Educação (DED) e à Comissão de Audiodescrição.

Gratidão aos meus alunos e ex-alunos que se tornaram inspiração para este trabalho.

Enfim, gratidão a todos que colaboraram e torceram para a conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações.....	VIII
Lista de Gráficos.....	IX
Lista de Abreviaturas.....	X
Resumo.....	XI
Abstract.....	XII
1. Introdução.....	1
1.1. Apresentação.....	1
1.2. A imagem e o cego.....	2
1.3. Audiodescrição.....	5
1.4. O professor e a audiodescrição.....	10
1.5. Audiodescrição de imagens estáticas.....	10
1.6. Livro didático.....	12
1.7. A adaptação do livro didático no Instituto Benjamin Constant.....	13
1.8. Livros acessíveis para cegos.....	14
1.8.1. O livro em braille no Instituto Benjamin Constant.....	19
1.8.2. O livro ampliado no Instituto Benjamin Constant.....	20
1.8.3. MecDaisy.....	21
1.9. Descrição e audiodescrição de imagens.....	22
1.10. A audiodescrição no Instituto Benjamin Constant.....	25
2. Objetivos.....	27
2.1. Objetivo geral.....	27
2.2. Objetivos específicos.....	28
3. Material e métodos.....	29
3.1. Sujeitos da Pesquisa.....	31
3.1.1. A consultora cega.....	31
3.1.2. Professoras participantes.....	31
3.1.3. Alunos de didática de cursos de licenciatura da UFF.....	32
3.2. Fases.....	33
3.2.1. Pesquisa bibliográfica.....	33
3.2.2. Vivência e conversas no Instituto Benjamin Constant.....	34
3.2.3. Oficinas sobre Audiodescrição na UFF.....	34
3.2.4. A criação do Grupo Virtual Audiodescrição: Livro Didático... 3.2.4.1. Funcionamento do Grupo.....	38 39
4. Resultados e Discussões.....	41
4.1. Conversas no Instituto Benjamin Constant.....	41
4.2. Oficinas.....	43
4.3. Roteiros audiodescritos nas oficinas.....	46
4.3.1. Oficina 1.....	47
4.3.2. Oficina 2.....	55
4.3.3. Oficina 3.....	60
4.4. Material disponível no grupo.....	67

4.5.	O Produto Final- Guia informativo.....	67
4.6.	Avaliando o Grupo Virtual e o Guia Orientador.....	69
4.7.	Avaliação dos produtos.....	69
4.8.	Validação do grupo virtual.....	70
4.9.	Validação do Guia Audiodescrição como Tecnologia Assistiva Educativa em livro didático: um guia de orientação aos professores da educação básica.....	71
5.	Considerações finais.....	74
5.1.	Conclusões.....	74
6.	Referências Bibliográficas.....	76
6.1.	Obras citadas.....	76
6.2.	Obras consultadas.....	80
7.	Apêndices.....	83
7.1.	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	83
7.2.	Questionário misto apresentado às professoras participantes.....	87
7.3.	O Guia Orientador.....	92
8.	Anexos.....	133
8.1.	Autorização Comitê de Ética.....	133
8.2.	Autorização para pesquisa no Instituto Benjamin Constant.....	137
8.3.	Nota Técnica nº 21, 10 de abril de 2012/MEC/SECADI/DPEE.....	138

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Alfabeto Braille produzido no Instituto Benjamin Constant.....	16
Figura 2: Instrumentos para escrita do braille: reglete, máquina de datilografia braille e punções.....	17
Figura 3: Mapa Tátil com informações em braille da Estação do Metrô Del Castilho - Rio de Janeiro.....	17
Figura 4: “Volta à cidade de um proprietário de chácara”, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.....	23
Figura 5: Imagem do grupo virtual “Audiodescrição de Imagens: Livro Didático no Facebook.....	38
Figura 6: Imagem dos álbuns presentes no grupo virtual “Audiodescrição de Imagens: Livro Didático no Facebook”.....	40
Figura 7: Questão de prova do ENEM (2014) referente à Ciências Humanas e suas Tecnologias.....	45
Figura 8: Imagem de Paulo Manzi da unidade “Eu me Comunico”.....	48
Figura 9: Imagem de Al Stefano “A água na natureza”.....	49
Figura 10: Duas imagens da Praia de Ipanema. Imagem 1: Foto de Lopes, Praia de Ipanema na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro cerca de 100 anos atrás. Imagem 2: Foto de Léo Burgos, Praia de Ipanema na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, em 2007..	50
Figura 11: Imagem “Cena urbana”, aquarela de Henry Chamberlain, 1818.....	52
Figura 12: Imagem “Volta à cidade de um proprietário de Chácara”, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.....	53
Figura 13: Imagem de Marco Vogt.....	55
Figura 14: Duas imagens: Imagem 1 - Foto de Benasi/Coleção Particular, “Turistas em Praia de Santos”, São Paulo, em 1925. Imagem 2 - Arquivo/Folha Imagem, “Mulheres indo para a inauguração de Brasília”, em abril de 1960.....	56
Figura 15: Imagem de Alexandre Dubiela.....	57
Figura 16: “As mulatas do Zé do Bandolim”, de Léa Dray, 1988.....	58
Figura 17: Imagem de Alexandre Matos.....	60
Figura 18: Imagem de Alexandre Matos.....	62
Figura 19: Duas imagens: Imagem 1 - Foto de Hulton Archive / Keystone / Getty Images, “Família assistindo à televisão em 1955”. Imagem 2 - Foto de Zoonar/Erwin Wodicka/Alamy/Other Images, “Família assistindo à televisão em 2009”.....	63
Figura 20: Capa do guia de orientação sobre o uso da Audiodescrição.....	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Curso de licenciatura dos participantes da oficina 1 desenvolvida na turma de Didática I2, oferecida pela Professora Lisete Jaehn.....	43
Gráfico 2: Curso de licenciatura dos participantes da oficina 2 desenvolvida na turma de Didática A3, oferecida pela Professora Walceia Barreto.....	44
Gráfico 3: Curso de licenciatura dos participantes da oficina 3 desenvolvida na turma de Didática I1, oferecida pela Professora Mônica Vasconcellos.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Audiodescrição

CAPs – Centros de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual

CMPDI- Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

DIB – Divisão de Imprensa Braille

DTE – Departamento Técnico Especializado

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBC – Instituto Benjamin Constant

MEC – Ministério da Educação

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SEESP – Secretaria de Educação Especial

TA – Tecnologia Assistiva

UFF – Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Identificamos que, apesar da existência do livro em Braille, há muitas imagens que precisam ser audiodescritas pelos docentes em sua relação direta com estudantes com deficiência visual e que tal tecnologia nem sempre é do conhecimento dos professores em salas de aula inclusivas. Visando contribuir com a formação de professores para a educação inclusiva, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de forma interdisciplinar, cujos dados coletados contribuíram para a produção de um guia para ajudar docentes a fazer a mediação entre as imagens presentes nos livros didáticos ampliados ou em braille com o aluno com deficiência visual. O guia poderá servir como apoio inicial aos docentes da educação básica que lecionam para alunos com deficiência visual em situação de educação inclusiva em escolas não especializadas. Realizamos pesquisa bibliográfica e tivemos o Instituto Benjamin Constant como instituição coparticipante, especialmente a Comissão de Audiodescrição e adaptação dos livros didáticos para braille e ampliado. Foram realizadas três oficinas de **Introdução à descrição de imagens estáticas**, com alunos de cursos de licenciatura da UFF, com a presença de uma consultora para identificarmos se nosso caminho estava correto e verificar quais aspectos deveriam ser trabalhados com mais atenção no Guia. Para validar o produto criamos um grupo virtual no Facebook intitulado **Audiodescrição de Imagens: Livro Didático** e dialogamos com duas profissionais que já atuavam com a audiodescrição de imagens estáticas. Esse grupo, após a defesa da dissertação, estará aberto a outros participantes interessados no assunto para diálogos e acesso gratuito ao guia. O grupo foi pensado como um caminho metodológico, mas se constituiu em um outro produto de mestrado. Buscamos, de forma simples e didática, oferecer conhecimentos básicos sobre o recurso da audiodescrição para o professor e disponibilizamos doze imagens audiodescritas, as mesmas que foram utilizadas nas oficinas, retiradas dos livros didáticos pertencentes à Coleção Buriti, da primeira fase do Ensino Fundamental. A avaliação dos produtos atendeu às expectativas e acreditamos que irá contribuir com a atividade didática dos professores de forma a proporcionar a inclusão escolar do aluno com deficiência visual.

Palavras chaves: Tecnologia educacional, Formação docente, Deficiência visual, Imagens estáticas, Educação Inclusiva

ABSTRACT

We have identified that despite the existence of the Braille book, there are many images that need to be written by teachers in their direct relationship with students with visual impairment and that such technology is not always known to teachers in inclusive classrooms. Aiming to contribute to the training of teachers for inclusive education, a qualitative research was carried out in an interdisciplinary way, whose collected data contributed to the production of a guide to help teachers to mediate between the images present in the expanded textbooks or Braille With the student with visual impairment. The guide can serve as initial support to teachers of basic education who teach for students with visual impairment in inclusive education in non-specialized schools. We carried out bibliographical research and had the Benjamin Constant Institute as co-participant institution, especially the Commission of Audiodescription and adaptation of the textbooks for braille and extended. Three workshops were held on Introduction to the description of static images, with undergraduate students from UFF, with the presence of a consultant to identify if our way was correct and to verify which aspects should be worked with more attention in the Guide. To validate the product we created a virtual group on Facebook titled Audiodescription of Images: Didactic Book and we dialogued with two professionals who already acted with the audio description of static images. This group, after the defense of the dissertation, will be open to other participants interested in the subject for dialogues and free access to the guide. The group was thought of as a methodological path, but it constituted another master's product. We sought, in a simple and didactic way, to offer basic knowledge about the resource of the audio description for the teacher and we made available twelve audiodescribed images, the same ones that were used in the workshops, taken from the textbooks belonging to the Buriti Collection, from the first phase of Elementary School. The evaluation of the products met the expectations and we believe that it will contribute with the didactic activity of the teachers in order to provide the school inclusion of the student with visual deficiency.

Key words: Educational technology, Teacher training, Visual deficiency, Static images, Inclusive education

1. INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa foi pensada a partir da experiência profissional adquirida no Instituto Benjamin Constant (IBC), instituição especializada em assuntos relacionados à deficiência visual. Por se tratar de uma instituição especializada em deficiência visual, a busca por conhecimentos sobre o tema deficiência visual e seus desdobramentos didáticos se tornam incessantes.

A audiodescrição é um tema que venho pesquisando desde 2013, quando ingressei na Comissão de Audiodescrição do IBC. Apesar de haver poucos estudos relacionando a audiodescrição com material didático, pude perceber o quão ela é importante na escolarização do aluno com deficiência visual.

Ao iniciar o Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (CMPDI/UFF), em 2014, tive a oportunidade de aprofundar os estudos sobre o uso da audiodescrição em materiais didáticos, mais especificamente em livros didáticos, além de produzir conhecimentos que estarão disponíveis a outros professores, inclusive aos professores que atuam em classes regulares inclusivas.

A preocupação em atender as necessidades do professor que atua em classes regulares com alunos com deficiência visual surgiu a partir da preocupação com o processo de ensino e aprendizagem destes alunos frente ao uso do livro didático. Sabemos que atualmente as imagens compõem o livro didático de forma a contextualizar e dinamizar o seu conteúdo.

Entendemos que para o processo de inclusão das pessoas com deficiência visual acontecer com mais qualidade é preciso que o professor seja formado e, que tenha à sua disposição alguns conhecimentos sistematizados que possam vir a se articular com aqueles saberes por ele previamente dominados.

Assim, esse trabalho de pesquisa buscou construir conhecimentos que auxiliaram na produção de um guia para a audiodescrição como uma tecnologia que poderá contribuir com o professor, para que ele potencialize os aprendizados de seus estudantes com deficiência visual, uma vez que estes alunos dificilmente

acessam as informações das imagens presentes no livro didático sem o recurso da audiodescrição.

A audiodescrição busca favorecer a participação do aluno com deficiência visual em classes regulares, de forma não isolada, mas como uma tecnologia que permitirá o desenvolvimento da inteligência do aluno tanto na escola quanto para a vida em sociedade. Dessa forma, esta Tecnologia Assistiva (TA) “(...) tem como objetivo proporcionar à pessoa com deficiência: maior independência para o aprendizado, melhoria da qualidade de vida e inclusão social (...)”. (DOMINICK, 2015, p.306-307). Assim, acreditamos também que estaremos contribuindo com o processo de inclusão do aluno com deficiência visual nas escolas.

Algumas políticas públicas têm surgido de forma efetiva para favorecer a entrada e permanência de alunos com deficiência nas escolas regulares dos sistemas de ensino. Exemplo disto está na Lei nº 13.146/15, conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência. O capítulo IV, Do Direito à Educação, assegura um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, o que nos faz reforçar a necessidade de dispor aos professores conhecimentos sistematizados que possam vir a se articular com aqueles saberes por eles já dominados.

1.2. A IMAGEM E O CEGO

Os usuários potenciais da audiodescrição (AD) são pessoas com deficiência visual. A deficiência visual pode ser caracterizada como cegueira ou baixa visão, que possuem características diferentes quanto à perda visual e à utilização de tecnologias em sala de aula e na vida diária desses indivíduos.

A pessoa com deficiência, segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei 13.146/15, artigo 2º, é aquela:

(...) que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015, n.p.)

Considerando a pessoa com deficiência visual, podemos observar que a limitação sensorial, no que tange ao sentido da visão, pode limitar a participação desta pessoa na sociedade, uma vez que estamos cercados de informações visuais em nosso dia a dia. A limitação pode variar de acordo com a perda visual do sujeito. Desse modo, podemos classificar a deficiência visual em baixa visão ou cegueira. Sendo estas conceituadas na área de Educação e da Saúde de formas distintas.

Na educação, Campello e Serfaty (2008) caracterizam a pessoa cega como aquela que possui prejuízos na visão de forma que a incapacita para tarefas do dia a dia. No caso da parcial, há percepção de luminosidade e vultos. A cegueira total é aquela em que há perda completa de qualquer tipo de percepção luminosa. A pessoa com baixa visão, segundo os mesmos autores, é aquela capaz de perceber desde luminosidade até o grau em que a deficiência afeta no seu desempenho, podendo ser acompanhado ou não de alteração do campo visual.

Em termos médicos, a cegueira é caracterizada, segundo Taleb et al (2012, p.10), em cartilha do Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO), “como a perda completa de visão. Nela, a visão é nula, isto é, nem a percepção luminosa está presente”.

Por outro lado a baixa visão, ainda segundo Taleb et al (2012, p.20), é definida como “a acuidade visual de <math><6/18</math> para baixo e incluindo $3/60$ no melhor olho” independente de causa.

Pensemos, que para o aluno cego, utilizar o livro didático, a leitura das imagens se faz necessária para que ele tenha acesso ao conteúdo e desafios que estão sendo propostos e venha a ter uma aprendizagem significativa. A leitura das imagens poderá ser realizada pelos professores, e, para tanto, é necessário que o docente tenha acesso a conhecimentos básicos para realizar essa atividade.

Cabe aos professores, a princípio, entenderem que os alunos cegos ou com baixa visão são capazes de criações imagéticas mesmo sem o sentido da visão ou limitação dela.

Campello e Serfaty (2008) explica que toda informação visual das pessoas que não possuem deficiência visual é

(...) processada pelo sistema nervoso em etapas sucessivas, sendo iniciada na retina, localizada no fundo do olho. Em seguida, diferentes regiões do encéfalo, como tálamo e córtex visual, vão combinar estas informações com outras, por exemplo, as referentes a outras informações sensoriais, e permitir a percepção do objeto.

Viveiros e Camargo (2011) explicam que a visão não será o primeiro sentido utilizado para registrar a percepção do mundo pela pessoa com deficiência visual, por este motivo, outros sentidos deverão funcionar para o processamento de uma informação visual. Em geral os estímulos serão sonoros, olfativos, táteis ou a combinação destes sentidos.

Compreendemos melhor, sobre o funcionamento cerebral das pessoas com deficiência visual na criação de conceitos e formação de imagem mental com Santos (2007) que em sua dissertação de doutorado, aborda um estudo¹ importante divulgado na Conferência Internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência, ocorrido em 2003.

O estudo abordado na Conferência consistiu na observação de um grupo de dez pessoas cegas congênitas e pessoas com cegueira adquirida. O grupo realizou a leitura de um texto e foi submetido à ressonância magnética funcional, o que permitiu identificar, por meio de alterações induzidas no fluxo sanguíneo, as alterações das áreas do cérebro ativadas.

Neste estudo foi descoberto que não há grande diferença na atividade do córtex visual entre pessoas cegas sem memórias visuais (cegos congênitos) e pessoas cegas com memórias visuais (cegueira adquirida), encontrando, assim, ativação de áreas semelhantes no cérebro pelos cegos congênitos durante o estudo.

Através da neurociência podemos compreender que as áreas semelhantes ativadas no cérebro das pessoas cegas sem memória visual em relação aquelas que possuem memórias visuais se deve a plasticidade neural. Desta forma é possível que as construções de imagens na mente de uma pessoa cega sejam mediadas por outros sentidos. A plasticidade neural permite que conceitos, que são construídos em pessoas com o sentido da visão, sejam construídos em

¹ Os professores de psicologia Peter Melzer e Ford F. Ebner foram responsáveis pela pesquisa e o estudo foi publicado na revista científica Human Brain Mapping.

áreas semelhantes do sistema nervoso de pessoas que não têm a visão (RANGEL et al, 2010).

DAS et al, 2001 ²apud Viveiros e Camargo, 2011 nos informa que “a plasticidade ocorre em todo indivíduo, e não somente na pessoa com deficiência visual, e é uma propriedade que permite ao cérebro humano adaptar-se e até regenerar-se frente a possíveis lesões.”

Na prática, podemos observar que na instituição coparticipante da pesquisa, o Instituto Benjamin Constant, muitos professores já utilizam os sentidos remanescentes de seus alunos para que eles construam imagens e conceitos. Materiais concretos são usados sistematicamente para que, por meio do tato e de explicações orais, o aluno possa ter acesso às informações sobre dimensão, textura e forma e venha a construir conceitos. É importante destacar que junto a apresentação do material concreto se faz necessário também que o professor dê auxílio com informações orais, pois o sentido da audição do aluno também será um canal receptor que auxiliará na construção desta imagem em seu cérebro.

Consciente de que a pessoa com deficiência visual é capaz de criar imagens mentais a partir dos sentidos remanescentes e de que os docentes precisam estimular tais sentidos para estimular a inteligência e o conhecimento de mundo de seus alunos, foi que pensamos na necessidade de estudar e divulgar a audiodescrição como um recurso tecnológico indispensável na sala de aula inclusiva.

1.3. AUDIODESCRIÇÃO

Em 2007, quando iniciei a minha carreira profissional na reabilitação do IBC, não tinha o conhecimento sobre a audiodescrição, ainda que, mesmo despreziosamente, já a realizava para meus alunos em reabilitação que, em sua maioria, haviam perdido a visão recentemente. Eles ainda se encontravam prisioneiros das muitas informações visuais que haviam recebido durante a vida

² DAS, A.; FRANCA, J.G.; GATTASS, R.; KAAS, J.H.; NICOLELIS, M.A.L.; TIMO-IARIA, C.; VARGAS, C.D.; WEINBERGER, N.M.; VOLCHAN, E. The brain decade in debate: VI. Sensory and motor maps: dynamics and plasticity. Brazilian Journal of Medical and Biological Research. 34: 1497-1508, 2001.

e precisavam desenvolver a habilidade de ver com os outros sentidos, especialmente com a audição.

As audiodescrições realizadas por mim na época não seguiam as técnicas que hoje tenho conhecimento, porém buscava atender às curiosidades que os alunos apresentavam sobre um objeto, imagem, paisagem, entre outros produtos visuais. Acredito que a bagagem cultural e os conceitos formados por eles antes da perda da visão se tornavam facilitadores para a criação imagética das imagens audiodescritas.

Em um dos passeios culturais oferecidos pela instituição aos reabilitandos, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) para assistirem ao Festival Temático Assim Vivemos³, tive o primeiro contato formal com a audiodescrição.

Os documentários eram audiodescritos e as pessoas com deficiência visual utilizavam um fone de ouvido para terem acesso à audiodescrição, que era realizada ao vivo por dois atores.

O mesmo Festival teve a sua primeira edição no Brasil em 2003, sendo também o primeiro registro do uso da audiodescrição em público em nosso país (FRANCO e SILVA, 2010).

Após esse primeiro contato com a audiodescrição, percebi o quão importante ela é para as pessoas com deficiência visual e que eu necessitava de me dotar de conhecimentos que me permitissem realizar audiodescrições com mais qualidade.

Os reabilitandos, neste evento, conseguiram compreender cenas dos documentários que não seriam possíveis compreender sem a audiodescrição, como cenas sem falas ou sem qualquer outro tipo de pista auditiva. Foi possível a interação social das pessoas com deficiência visual com as demais que assistiam aos documentários e não possuíam a deficiência, sendo capazes de emitir opiniões próprias a partir das informações contidas na audiodescrição.

Vejamos que é relativamente novo o uso da audiodescrição no Brasil, o que nos faz encontrar em estudos bibliográficos distintos conceitos e usabilidade sobre ela e aqui apresentamos alguns. Para o grupo de pesquisa Tradução, Mídia e Audiodescrição (TRAMAD), da Universidade Federal da Bahia, trata-se

³ Festival internacional de filmes sobre deficiência. Saiba mais em www.assimvivemos.com.br.

de uma tradução de imagens em palavras. Lima et al (2009) a definem de forma mais complexa:

(...) os vocábulos áudio e descrição são bem mais que a união dos dois elementos que o compõem, não sendo, portanto, a mera narração de imagens visualmente inacessíveis aos que não enxergam. A áudio-descrição implica em oferecer aos usuários desse serviço as condições de igualdade e oportunidade de acesso ao mundo das imagens, garantindo-lhes o direito de concluírem por si mesmos o que tais imagens significam, a partir de suas experiências, de seu conhecimento de mundo e de sua cognição. (p. 03)

Para Livia Motta (20-?):

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora." (Definições <<http://www.vercompalavras.com.br>>)

Para Franco e Silva (2010):

A audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão. (p.23)

Podemos observar entre os autores citados acima que a audiodescrição pode ser utilizada em distintos ambientes tendo como objetivo a inclusão da pessoa com deficiência visual em espaços que possuem informações visuais. Porém ainda não encontramos uma uniformidade quanto a definição da audiodescrição. Para o Grupo de Pesquisa TRAMAD a audiodescrição é um produto de tradução, para Lima et al é um serviço a favor da pessoa com deficiência já para Livia Motta é um recurso de acessibilidade.

Além dos conceitos apresentados, encontramos novas definições em parâmetros legais. Vejamos que a audiodescrição é garantida na Lei nº 10.098,

de dezembro de 2000, conhecida como Lei da Acessibilidade. No capítulo VII, Da acessibilidade nos sistemas de comunicação e sinalização, artigo 17, podemos ler:

O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer. (BRASIL, 2000, n.p.)

A partir dessa lei foram editados decretos para regulamentação e normatização, enquanto a sua usabilidade, em particular sobre audiodescrição na televisão. Exemplos disso são a obrigatoriedade apresentada pelo Decreto nº 5.296 de 2005, que regulamenta a descrição e narração em voz de cenas e imagens; e a mais recente Lei nº 13.146/2015, conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que, em seu artigo 67, inclui a audiodescrição nos serviços de radiodifusão de sons e imagens, e, ainda, em seu artigo 73, define que o poder público, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil, deve “promover a capacitação de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais habilitados em Braille, audiodescrição, estenotipia e legendagem”.

Em nossa pesquisa consideramos a audiodescrição como uma tecnologia, que para Dominick e Souza (2011), as tecnologias são criações humanas que visam melhorar o desempenho humano em nossas atividades, podendo ser desde um lápis até um computador. Ainda para Dominick (2015), em estudos de Barbieri (1990), fica claro que a tecnologia não se resume a um artefato, podendo também ser um método.

Para este estudo a audiodescrição é ao mesmo tempo um método e um artefato. Um método quando esta se torna um caminho de mediação para que a pessoa com deficiência acesse conhecimentos e um artefato quando a audiodescrição é apresentada, por exemplo: em forma de áudio ou escrita em braille.

Aprofundando o conceito de tecnologia, buscamos no Comitê de Ajudas Técnicas a definição de Tecnologia Assistiva:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (BRASIL, 2009, p. 9)

O conceito de Tecnologia Assistiva hoje vai sendo trabalhado por diferentes autores, mas aqui vamos tomar como referência o termo Tecnologia Assistiva Educacional, que para Dominick (2015) é uma Tecnologia Assistiva na escola e tem como objetivo:

(...) proporcionar à pessoa com deficiência: maior independência para o aprendizado; melhor qualidade de vida e inclusão social por meio da ampliação de sua comunicação e de sua mobilidade; maior controle do ambiente; e desenvolvimento de trabalho integrado com a família, colegas e profissionais da educação. (p.306)

Dentro do contexto escolar, fomos buscar os estudos científicos no Brasil que abordam a audiodescrição em materiais didáticos e identificamos poucas publicações sobre o tema, a saber: Vergara-Nunes et al (2011), Motta (2010) e Vieira e Lima (2010). Identificamos a expansão da audiodescrição em mídias televisivas e no cinema. Porém, em nossa experiência escolar ainda percebemos poucas ações voltadas para atender à exigência legal. Acreditamos que esta pesquisa e o produto da pesquisa venham a contribuir para a capacitação de audiodescritores de imagens estáticas que serão facilitadores nos processos de aprendizagem de alunos com deficiência visual, mas não apenas. Embora o público alvo da AD seja formado por pessoas com deficiência visual, pesquisas relatam que o recurso também pode ser utilizado de forma eficaz por alunos com deficiência intelectual, dislexia e idosos (MOTTA, 2010; SCHWARTZ, 2010).

1.4. O PROFESSOR E A AUDIODESCRIÇÃO

Acreditamos que muitos professores que possuem em suas classes alunos com deficiência visual não tenham tido acesso à tecnologia da audiodescrição, embora por demanda cotidiana acabam por realizar, mesmo que de forma despretensiosa, uma descrição das imagens para seus alunos. A nossa preocupação para com esta descrição despretensiosa é que, de alguma maneira, o aluno acabe por não ter acesso a todas as informações necessárias e corretas para a construção imagética, de forma que a falta de tais informações venha a impossibilitar o estudante de participar, com os demais alunos, do processo de aprendizagem.

Não estamos falando que o professor obrigatoriamente tenha que ser um audiodescritor. Sabemos que a formação nesta área, muitas vezes, está voltada para o profissional que atuará com produtos audiovisuais dinâmicos, como filmes, programas e eventos de forma comercial. Esses profissionais, além da aprendizagem da produção do roteiro, buscam orientar sobre a narração ou locução da obra. Faz saber que Franco e Silva (2010) registram apenas duas formas de capacitação do audiodescritor no Brasil, sendo por treinamento de cursos informais promovidos pela iniciativa privada e a formação universitária certificada no nível de especialização ou extensão. Atualizando esta informação, incluímos os cursos de capacitação, com carga horária de 40 horas, oferecidos pelo IBC⁴ e o curso, com 60 horas, oferecido pela Pontifca Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ)⁵.

1.5. AUDIODESCRIÇÃO DE IMAGENS ESTÁTICAS

Há diferentes formas de produção de audiodescrição, mas aqui iremos focar nas imagens dos livros didáticos, objeto do nosso estudo. A leitura das imagens estáticas se torna relevante para o processo de escolarização do estudante com deficiência visual, pois sabemos que muitos conteúdos estão

⁴ Detalharemos o curso ofertado por esta instituição quando falarmos sobre a Comissão de Audiodescrição do IBC.

⁵ “Da imagem estática à palavra falada, o roteiro de audiodescrição para as artes visuais” ministrado pela Professora Eliana P.C Franco, para maiores detalhes consultar <http://www.cce.puc-rio.br/sitecce/website/website.dll/folder?nCurso=da-imagem-estatica-a-palavra-falada&nInst=cce>.

sendo trabalhados pelas imagens. Tais imagens precisam ser descritas a esses alunos de modo que eles se apropriem do conteúdo de maneira significativa, possibilitem a sua compreensão e estimulem o desenvolvimento de sua inteligência.

O processo para a produção da audiodescrição de imagens se inicia pelo roteiro. Esse processo consiste em escolhas tradutórias da imagem, ou seja, transformar a imagem em texto. No roteiro, assim como em toda tradução, as escolhas dos signos verbais devem ser parte integrante da cultura do interpretante para que seja compreensível a mensagem e sua representação imagética (CARVALHO, 2002).

O texto do roteiro poderá estar disponível ao estudante cego através de áudio, braille ou mesmo lido pelo professor para o aluno. Sendo a escolha pelo áudio, haverá a necessidade de gravar a narração do roteiro.

O roteiro produzido, como dito anteriormente, é resultado de uma tradução de imagens, para tanto, cabe entendermos alguns conceitos sobre tradução e a inserção da AD no campo da linguística.

Para Jakobson (1980) há três tipos de tradução, faz saber:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação (rewording) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução iriterlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Costa (2014) afirma que, segundo de Plaza (2003), para a audiodescrição ser incluída nos estudos da tradução, especificamente na tradução audiovisual, se faz necessário ampliar o conceito apresentado por Jakobson sobre tradução inter-semiótica. O autor prevê a tradução de signos verbais para signos não verbais, sendo a AD uma tecnologia inversa, ou seja, traduz signos não verbais (imagens) em signos verbais (tradução da imagem/AD).

1.6. LIVRO DIDÁTICO

Assim como a audiodescrição, o livro didático é abordado nesta pesquisa como uma tecnologia. Sabemos que esse é uma tecnologia utilizada em sala de aula, mesmo antes das tecnologias informacionais como o computador, por exemplo. Porém, o livro didático não pode ser a única tecnologia utilizada em sala de aula (DOMINICK, 2015).

O livro didático evoluiu desde sua criação. Esta tecnologia surgiu com o uso da imprensa, na Europa, no período do Renascimento (séculos XV e XVI), com acesso apenas à elite e membros do clero para a alfabetização, inclusive no Brasil (BAIRRO, 2012). Hoje, no Brasil, o livro didático utilizado na rede pública de ensino é de responsabilidade do Programa Nacional de Livro Didático (PNLD). Segundo o portal (<http://portal.mec.gov.br/>) do Ministério da Educação (MEC), o Programa possui uma equipe especializada e a avaliação dos materiais disponibilizados à Educação Básica é feita por docentes do ensino superior, atentando para a promoção de acessibilidade. Os livros didáticos devem ser escolhidos pelos docentes das escolas em reunião especialmente convocada para isso.

Em 2001, o PNLD estabeleceu a ampliação de forma gradativa da produção do livro didático em formato acessível ao estudante com deficiência visual, além de livros em braille. Outros recursos acessíveis foram disponibilizados na área da informática, como distribuição de *laptops* com o sistema de voz Dosvox e o programa MecDaisy. A produção de livros em braille se dá através do MEC em parceria com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), com o IBC e com as Secretarias de Educação vinculadas aos Centros de Apoio Pedagógico a Pessoas com deficiência visual (CAP) e aos Núcleos Pedagógicos de Produção Braille (NAPPB) e ao Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE).

1.7. A ADAPTAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

As adaptações dos livros didáticos para o braille e ampliado são realizadas no Departamento Técnico Especializado (DTE) do IBC. Nesse departamento está presente também a imprensa braille e a Divisão de produção de Material Especializado.

Os livros adaptados e transcritos para o braille são de responsabilidade da Coordenação de Adaptação de Livros Didáticos e Paradidáticos no Sistema Braille. Os livros ampliados são de responsabilidade da Coordenação do Livro Ampliado. Ambas coordenações pertencem à Divisão de Imprensa Braille (DIB), que está subordinada ao DTE.

A transcrição de material, anteriormente à existência da imprensa braille no IBC, era realizada de forma quase manual através da oficina tipográfica. “Empregando tipos especiais com pontos em relevo e as páginas eram compostas, letra a letra, por encaixe de cada tipo em uma matriz que, prensada sobre papel espesso, produzia uma página impressa de cada vez” (IBC, 2007, p. 65).

Em 1999, com o objetivo de atender ao aluno cego matriculado em escolas regulares, a Secretaria de Educação Especial (SEESP), com apoio financeiro do FNDE, tornou possível, como teste, a produção/adaptação de vinte títulos de livros didáticos na imprensa do IBC, segundo Filgueiras et al (2008). A partir de 2004, foi possível a produção de cerca de quinze mil exemplares, sendo esse número duplicado em 2007 com a ampliação da Imprensa Braille.

A adaptação, conforme Filgueiras et al (2008), do livro original em tinta para o Braille deve respeitar normas técnicas e convenções adotadas para o Braille em língua portuguesa, pois o conteúdo não deve ser comprometido ou limitado. As adaptações de imagens e de formas tridimensionais estão acompanhadas de explicação textual da figura, quando isso não é possível há a orientação “Peça ajuda ao professor”, o que implicaria na autonomia do estudante cego segundo a mesma autora.

Em visita às coordenações responsáveis pelas adaptações dos livros para o braille e ampliado, tive acesso ao processo de adaptação dos livros didáticos

do PNLD. A atual equipe da Coordenação de Adaptação de Livros Didáticos e Paradidáticos no Sistema Braille foi formada em 2013, e tem uma composição interdisciplinar: uma coordenadora com formação em Língua Portuguesa; um professor de Geografia; um de Matemática; um de Ciências; um de História; e dois professores de Técnicas em Escrita e Leitura no Sistema Braille, sendo um deles uma professora cega, que atua como consultora e revisora. Essa equipe desenvolveu um grupo de estudos cujos trabalhos e pesquisas são divulgados em um blog (<https://blogibcgepa.wordpress.com/>).

A Coordenação do Livro Ampliado é formada por três profissionais formados em Design e uma professora revisora com larga experiência em assuntos relacionados à baixa visão.

Em 2016, os livros adaptados para o braille foram adotados pelos alunos do IBC na primeira fase do Ensino Fundamental.

1.8. LIVROS ACESSÍVEIS PARA CEGOS

Para conhecermos a função dos livros didáticos acessíveis para cegos, é importante entendermos o que seria acessibilidade. Para o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) acessibilidade é a:

(...)possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2015, n.p.)

Essa definição, que modificou o conceito de acessibilidade presente na Lei 10.098 (BRASIL, 2000), abrange não apenas os espaços, mas uma variedade de equipamentos e serviços que devem estar disponíveis para que a pessoa com deficiência possa integrar-se à sociedade com segurança e autonomia, ou seja, acessibilidade. Com relação ao livro didático acessível ao estudante cego ou

com baixa visão, este deve possibilitar, de forma adaptada, o acesso aos mesmos conteúdos que o estudante que não possui deficiência visual tem.

Encontramos em Abreu et al (2008), informações sobre as primeiras tentativas de tornar o livro acessível para a pessoa com deficiência visual. Segundo os autores, o Sistema Braille não foi a primeira tecnologia utilizada para leitura e escrita de pessoas cegas. No século XIV, um professor árabe cego, Zain-Din al Amidi, criou um método de fazer espirais de papel muito fino que, posteriormente, eram engomadas e dobradas sobre as letras. Novas tentativas de tornar a leitura acessível para os cegos foram encontradas, em 1517, na Espanha, onde Francisco Lucas esculpia as letras em finas placas de madeira, sendo essa ideia melhorada pelo italiano Rampansetto, em 1575, que passou a utilizar blocos maiores. No século XVII, a tentativa de escrita pelos cegos ocorreu através de uma camada de cera sobre placas de madeira.

Diante de tantas invenções, Abreu et al. (2008) identificam a existência de duas pessoas cegas, alfabetizadas anteriormente à invenção do Sistema Braille. Estas pessoas, alfabetizadas por meio de letras recortadas em papel, foram o escritor francês Diderot e a cantora e pianista Maria Theresa von Paradis, que foi alfabetizada por meio de alfinetes cravados em almofadas, em meados do século XVIII.

Todas essas tentativas de tornar a leitura e a escrita acessíveis foram identificadas antes da criação da primeira escola para cegos do mundo, em Paris: o Instituto Real dos Jovens Cegos. Este foi criado em 1784, pelo francês Valentin Haüy. Nessa escola os estudantes eram alfabetizados por meio de um sistema tátil que consistia em apresentar letras em alto relevo, em folhas de papel.

Louis Braille, foi um dos estudantes e professor do Instituto Real dos Jovens Cegos. Em 1824, quando aluno, criou o Sistema Braille. Esse Sistema foi criado a partir da adaptação de um código militar, denominado escrita noturna e criado por Charles Barbier que tinha como objetivo transmitir ordens aos militares em manobras noturnas. (STREIT, 2012)

Chega ao Brasil, a convite de D. Pedro II, em 1834, por intermédio de José Álvares de Azevedo, jovem carioca que estudou em Paris. Por intermédio dele foi possível apresentar o sistema ao imperador D. Pedro II, que determinou a

criação da Fundação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant (IBC). Três anos após a sua criação, em 1857, iniciou-se a produção de livros em Braille no país. (INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT)

Diante as tentativas apresentadas de leitura e escrita, podemos afirmar que o braille foi o primeiro método que atendeu com sucesso às necessidades de escrita e leitura das pessoas cegas. Esse método permite, de uma forma simples, a representação de letras, números, acentuação, pontuação e símbolos de aritmética através do sistema de escrita e leitura tátil em pontos em alto relevo.

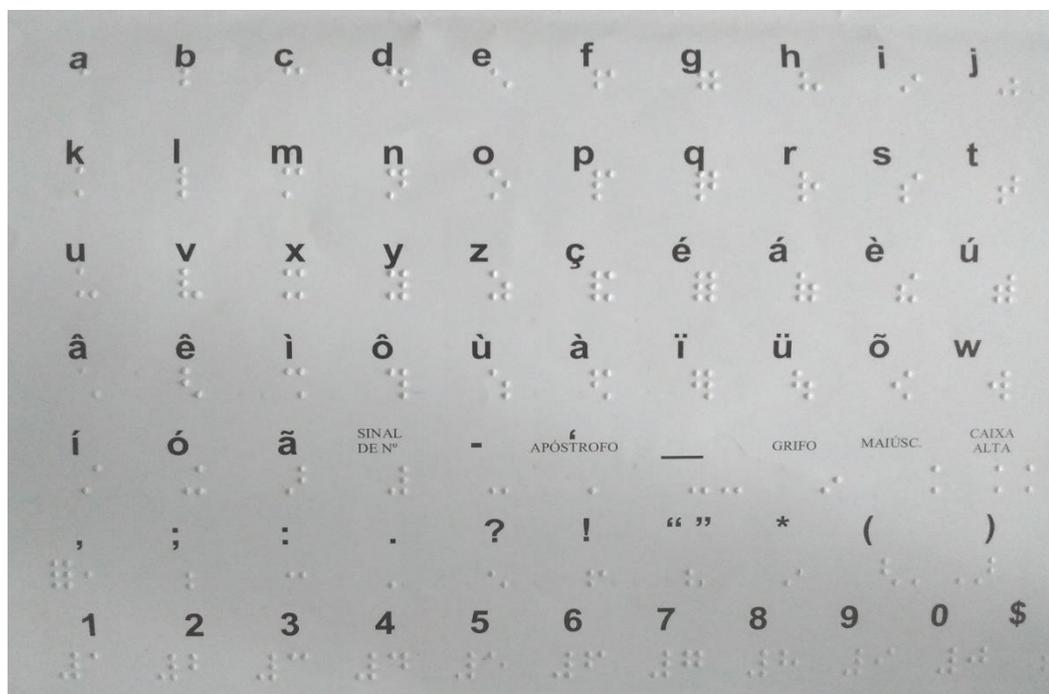


Figura 1: Alfabeto Braille produzido no Instituto Benjamin Constant.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 2: Instrumentos para escrita do braille: reglete, máquina de datilografia braille e punções.

Fonte: Foto tirada pela professora Célia, de braille, da reabilitação do Instituto Benjamin Constant.

O Braille mais que possibilitou o acesso à leitura e à escrita pela pessoa cega. Ele tem oportunizado o desenvolvimento pessoal, educacional e cultural das pessoas cegas (ABREU et al, 2008). Hoje há uma ampla utilização do Sistema Braille no dia a dia, como na identificação em embalagens de diversos produtos, mapas de orientação, cardápios, elevadores, sinalizações, identificação nas teclas das urnas eleitorais, contas e extratos bancários (quando solicitados) entre outros.



Figura 3: Mapa Tátil com informações em braille da Estação do Metrô Del Castilho - Rio de Janeiro.

Foto: Arquivo pessoal.

Novas tecnologias têm surgido para complementar e suplementar a leitura realizada através do tato. O uso de computadores ou outros artefatos informacionais possibilitam dinamizar a leitura, porém, acreditamos que as tecnologias informacionais não devam substituir o uso do braille, visto que este tem sido usado em diversos espaços para torna-los acessíveis aos cegos e pessoas com baixa visão. Atualmente ouvimos falar em “*desbrailização*” devido ao uso das novas tecnologias que estão levando as pessoas cegas a se distanciarem da leitura e escrita em braille.

Porém o sistema braille continua a ser o meio natural de escrita e leitura das pessoas cegas e imprescindível para que elas tenham acesso direto à ortografia e à representação da simbologia científica, musicográfica e fonética. (ABREU et al, 2008; p. 47)

Outras tecnologias que permitem o acesso à leitura e à escrita pelo aluno cego e com baixa visão, serão melhor definidas nos tópicos a seguir. No entanto, cabe aqui, ainda, informar que toda obra literária reproduzida de forma acessível para a pessoa cega não necessita de autorização do autor e/ou editora, não constituindo de ofensa de direitos autorais. Podemos ler na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, no artigo 46, inciso I, alínea d, o seguinte:

(...) de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o Sistema Braille ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários. (BRASIL, 1998, n.p.)

Ainda sobre autoria, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, prevê em seu artigo 68:

Art. 68. O poder público deve adotar mecanismos de incentivo à produção, à edição, à difusão, à distribuição e à comercialização de livros em formatos acessíveis, inclusive em publicações da administração pública ou financiadas com recursos públicos, com vistas a garantir à pessoa com deficiência o direito de acesso à leitura, à informação e à comunicação.

§ 1º Nos editais de compras de livros, inclusive para o abastecimento ou a atualização de acervos de bibliotecas em

todos os níveis e modalidades de educação e de bibliotecas públicas, o poder público deverá adotar cláusulas de impedimento à participação de editoras que não ofereçam sua produção também em formatos acessíveis.

§ 2º Consideram-se formatos acessíveis os arquivos digitais que possam ser reconhecidos e acessados por softwares leitores de telas ou outras tecnologias assistivas que vierem a substituí-los, permitindo leitura com voz sintetizada, ampliação de caracteres, diferentes contrastes e impressão em Braille. (BRASIL, 2015, n.p.)

1.8.1. O livro em braille no Instituto Benjamin Constant

A adaptação do livro para o braille no IBC é realizada pela Coordenação de Adaptação de Livros Didáticos e Paradidáticos no Sistema Braille, seguindo as Normas Técnicas de Produção de Textos em Braille, Grafia Braille para a Língua Portuguesa e o Código Matemático Unificado.

Para a adaptação, é necessária a leitura na íntegra da obra a ser adaptada e transcrita para o Sistema Braille, por um professor formado na área da disciplina da obra, o que facilita sua adaptação pelo conhecimento do conteúdo.

Na adaptação, o profissional deve tornar acessível todo o seu conteúdo. Além dos textos, os gráficos, tabelas, caça palavras, cruzadas, quadrinhos entre outros recursos que encontramos nos livros didáticos.

As imagens são descritas de acordo com as orientações técnicas da adaptação de livros didáticos para o braille e quando as imagens não são seguidas por descrições ou estas são consideradas insuficientes aparece a seguinte orientação: “Peça ajuda ao seu professor”.

A impressão e a encadernação são realizadas na Imprensa Braille e são as últimas etapas da produção do livro em braille, anteriormente há adaptação, transcrição e a revisão.

O exemplar em braille torna-se volumoso pelo fato dos caracteres do Sistema Braille ocuparem mais espaço do que os caracteres da escrita em tinta. Podemos, desta forma, encontrar adaptações divididas em dois ou mais volumes.

Os arquivos dos livros adaptados estão disponíveis no site do IBC e podem ser impressos para e por instituições voltadas a educação de pessoas cegas.

Para sua impressão há necessidade da instalação do Programa Braille Fácil⁶, que permite, entre outras funções, a visualização da impressão em braille.

1.8.2. O livro ampliado no Instituto Benjamin Constant

O livro ampliado é utilizado por alunos com baixa visão. Sua adaptação é realizada de forma que atenda ao maior número de alunos com essa deficiência através da Coordenação do Livro Ampliado. A baixa visão pode ser relacionada a distintas doenças e, por conseguinte, as necessidades dos usuários também são variáveis. Porém, a adaptação realizada no IBC busca atender a um maior número de alunos. Desta forma, foram criados critérios que pudessem atender à diversidade de demandas dos alunos.

Segundo a Coordenação do Livro Falado, a adaptação para o livro ampliado busca uma forma de não trazer prejuízo ao aluno usuário do livro, a ampliação é realizada com caracteres e imagens maiores que o usual. A fonte utilizada tem o nome de *Aphont* e é recomendada que seja em negrito, com o tamanho entre 18 e 22.

Tabelas e imagens devem permanecer na obra com ampliação proporcional ao texto, porém é possível retirar detalhes de informações que não afetarão a compreensão da imagem, como, por exemplo, as sombras.

Para que o aluno não perca a linearidade do texto, recomenda-se que o mesmo seja alinhado à esquerda e que o espaço entre as linhas seja de, pelo menos, 1,5.

A impressão é realizada em papel A4, utilizando apenas um lado da folha, a não ser que a gramatura da página não permita visualizar o verso da página.

O papel deve ser sem brilho e contrastante à cor da fonte, como por exemplo, papel branco com letras pretas.

Os exemplares, assim como os exemplares em braille, são impressos e encadernados na Imprensa Braille e distribuídos a todo Brasil.

⁶ Para instalar o Braille Fácil, acesse <http://intervox.nce.ufri.br/brfacil/>.

1.8.3. MecDaisy

A partir do avanço tecnológico, novas formas para o acesso à leitura de livros por pessoas cegas vêm sendo criadas. O Braille-não é a única tecnologia para este fim. O MecDaisy⁷ é uma destas novas tecnologias, criada em 2009 pelo MEC em parceria com o Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NCE/UFRJ). Este formato segue padrões de referência de acessibilidade do Consórcio Digital Accessible Information System (DAISY), lançado em 1996, na Suécia, por diversas bibliotecas internacionais de livros falados e em braille, que se outorgaram a missão de conduzir, mundialmente, o processo de criação e transição dos livros falados do meio analógico para o digital, em formatos acessíveis (PARAGUAY; SPELTA; SIMOFUSA, 2005).

No Brasil, a criação deste recurso vem em atendimento ao projeto da Política Nacional do Livro, Lei 10.753/2003, que prevê entre suas cláusulas o direito ao acesso à leitura pela pessoa com deficiência visual. Na prática, o leitor de um livro em formato Daisy tem as mesmas informações de um usuário sem deficiência visual ao fazer uso do livro impresso em tinta.

O Mecdaisy possibilita a geração de livros digitais falados e sua reprodução em áudio, gravado ou sintetizado. Este padrão apresenta facilidade de navegação pelo texto, permitindo a reprodução sincronizada de trechos selecionados, o recuo e o avanço de parágrafos e a busca de seções ou capítulos. Possibilita também, anexar anotações aos arquivos do livro, exportar o texto para impressão em Braille, bem como a leitura em caractere ampliado. Todo texto é indexado, facilitando, assim, a manipulação através de índices ou buscas rápidas. (PROJETO MECDAISY, 2009, n.p.)

Por mais que as literaturas informem características positivas ao novo recurso de acessibilidade (SOUSA, 2015; ARAÚJO, 2014; ALBERNAZ, 2010), a Instituição coparticipante desta pesquisa, o IBC, não utiliza esta tecnologia, por isso não nos estenderemos a explicações complexas quanto ao seu uso. Outro fator é que esta também não é ainda muito utilizada nas escolas e com os livros didáticos. No entanto, consideramos importante informar quanto a descrição de

⁷ Para instalação do programa acesse o link <http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/download.htm> e para acessar o manual <http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/tutorial.htm>.

imagens normatizada através da Nota Técnica nº 21/2012/MEC/SECADI/DPEE para o uso do MecDaisy. Essa Nota Técnica (BRASIL, 2012) criou requisitos para realização de descrição de imagens no que tange a livros digitais e definiu a descrição como uma tradução em palavras sem julgamento ou opiniões pessoais a respeito daquilo que é descrito.

Vejamos que esta Nota Técnica (Anexo 3) utiliza da descrição para a narrativa das imagens, por mais que tenham características semelhantes ao recurso da audiodescrição, encontramos distinções entre os dois recursos que caberão ser explicadas no próximo tópico.

1.9. DESCRIÇÃO E AUDIODESCRIÇÃO DE IMAGENS

A audiodescrição caracterizada anteriormente por alguns autores, aqui neste tópico é confrontada a características da descrição. Por mais que contenham traços similares, tentaremos realizar a distinção entre os dois termos.

Iniciemos por entender o que é descrição em seu significado linguístico:

1º Ato ou efeito de descrever.

2º Tipo de composição que consiste em enumerar as partes essenciais de um ser, geralmente adjetivas, de modo que o leitor ou ouvinte tenha, desse ser, a imagem mais exata possível. (DICIONÁRIO MICHAELIS, 2015)

Podemos compreender, a princípio, que a audiodescrição preza por uma transcrição objetiva, já a descrição possui características subjetivas, como afirmam SILVA et al (2010 *apud* OLIVEIRA; ALVES, 2013, p.12):

um texto descritivo possui em seu enunciado características subjetivas daquilo que se descreve e a audiodescrição possui características objetivas, ética e habilidades linguísticas na materialização do pilar “descreva o que você vê”.

Nas normas técnicas para a produção de textos em braille (BRASIL, 2006) a orientação é que a imagem seja substituída por uma breve descrição, sem prejudicar a compreensão do leitor.

Partimos da ilustração a seguir (Figura 4) para exemplificar a descrição e a Audiodescrição para, posteriormente, dialogar com as suas características na

prática. A imagem é parte integrante do Projeto Buriti – História. 3º ano (THAHIRA, 2011) – onde aborda o tema Transportes de ontem e hoje.

O livro foi adaptado pela imprensa braille do IBC⁸ e impresso por instituições interessadas, como os CAPs (Centros de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual), utilizando o Braille Fácil, para impressão em braille.

1 Observe a imagem e responda às questões.



Volta à cidade de um proprietário de chácara, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

- Qual meio de transporte foi representado na imagem? Ele era usado para transportar pessoas ou cargas?
- Como a rede era carregada? Que outro meio de transporte do passado funcionava de modo semelhante à rede?
- Em sua opinião, os dois meios de transporte citados no item anterior eram utilizados por pessoas pobres? Por quê?

Figura 4: “Volta à cidade de um proprietário de chácara”, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

Fonte: Projeto Buriti - História 3º ano (THAHIRA, 2011, p. 99).

Descrição realizada por parte da equipe de adaptação de Livros IBC para Livro em Braille, composta por Zaira Malmud (adaptação), Catia da Silva (transcrição) e Elvis Ramos e Clemilton Lopes (revisão):

⁸ Pode ser acessado na página na internet do Instituto através do link http://www.ibc.gov.br/media/common/Livros/PNLD2014/buriti_historia-3oano.zip

Dois homens negros transportando um homem branco sentado em uma rede pendurada numa vara de bambu. Ao lado, há uma criança negra e um cachorro, a criança carrega um guarda-sol. Ao fundo uma mulher negra equilibrando uma cesta de frutas na cabeça.

Legenda: Volta à cidade de um proprietário de chácara, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

Audiodescrição realizada por membros da Comissão de Audiodescrição do IBC: Ana Fátima Berquó (roteiro) e Aparecida Leite (consultoria) para a nossa pesquisa:

Todos de perfil esquerdo andam sobre chão de terra. Dois homens negros carregam um homem branco sentado em uma rede amarrada a um bambu. O homem negro da esquerda, veste calças brancas dobradas até os joelhos; ele está com uma ponta do bambu sobre o ombro direito e, no esquerdo, um cabo de madeira. O homem branco usa chapéu de palha com fita preta, camisa com gola branca, paletó laranja, lenço gravata preto e calças beges; está com o cotovelo apoiado na rede e as pernas flexionadas. O homem negro da direita, veste túnica e calças brancas arregaçadas até o meio da perna, está com a outra ponta do bambu no ombro esquerdo e, na mão direita, um cabo de madeira. Atrás do homem da esquerda, um menino negro de turbante branco e roupa azul leva um guarda-chuva embaixo do braço. À frente do homem de túnica, um cachorro cinza. Atrás deles, uma mulher negra usa um pano marrom da cabeça aos ombros, veste blusa branca e saia azul e tem uma bandeja de frutas na cabeça.

À margem lateral direita: Reprodução - Museus Castro Maya - Iconografia, Rio de Janeiro.

Legenda: Volta à cidade de um proprietário de chácara, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

Podemos perceber que a descrição ocorre de forma mais suscita. A equipe de adaptação do IBC indica que, desta forma, estão seguindo as orientações técnicas da adaptação de livros didáticos para o braille, as quais orientam que “as imagens devem ser descritas com clareza, utilizando poucas palavras e enfocando os aspectos essenciais ao assunto a que se referem”. (BRASIL, 2006).

Em se tratando do tema abordado, transportes, acreditamos que as informações contidas na descrição darão subsídios para a criança cega

responder às questões solicitadas. Porém, a audiodescrição atendendo ao pilar “descreva o que você vê” vai além de atender à solução da questão proposta. Desta forma, acredita-se que seja possível a construção de novos entendimentos como, por exemplo, a característica do negro escravizado e o ambiente no qual ele vivia. Tais características não foram encontradas em toda a obra, apenas no capítulo 3, Fontes materiais e iconográficas (THAHIRA, 2011), onde há menção aos africanos trazidos para o Brasil para serem escravizados.

Compreendemos que uma forma ampliada de informações da imagem, como a audiodescrição prevê, não caberia na adaptação do livro em braille pelos motivos citados anteriormente. Portanto, a tradução mais complexa da imagem caberia ao professor oferecer ao estudante com deficiência visual. Pensamos que uma leitura minuciosa da imagem também possa acrescentar informações ao estudante sem deficiência visual.

1.10. A AUDIODESCRIÇÃO NO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

O IBC buscou favorecer a capacitação de alguns profissionais da educação do seu quadro permanente ao compreender que a audiodescrição seria um recurso que contribuiria com o processo de aprendizagem dos seus alunos com deficiência visual em suas atividades internas e externas.

Os primeiros professores capacitados, que realizaram a formação de audiodescritores em cursos externos à instituição, formaram, em 2012, uma Comissão Permanente em Audiodescrição composta por doze audiodescritores e dois consultores, com o objetivo de fomentar a pesquisa, o estudo, a produção e a formação de acervo institucional. Também buscou a propagação da tecnologia da Audiodescrição para a comunidade escolar da instituição e a oferta de cursos e oficinas ao público externo e interno interessados.

O primeiro curso ofertado na instituição ocorreu em parceria com o professor Francisco José de Lima, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pesquisador sobre o tema. O curso ocorreu nas dependências do IBC, com carga horária de 40 horas, no ano de 2012, com o objetivo de apresentar e

divulgar a aplicabilidade da audiodescrição na educação, no trabalho e no lazer como recurso de acessibilidade comunicacional.

A partir desse primeiro curso, no qual membros da comissão participaram como alunos, os cursos seguintes sobre o tema no IBC foram ministrados por estes docentes, como previsto nos objetivos da referida comissão.

Interessada pelo assunto, participei como aluna da primeira turma, que teve início em 2013, com carga horária de 40 horas e, posteriormente, no mesmo ano, iniciei a minha participação na Comissão de Audiodescrição.

A Comissão vem trabalhando a fim de atender aos objetivos propostos, o estudo sobre o tema e a capacitação são contínuos. Vale informar que a primeira especialização sobre Audiodescrição, oferecida pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), teve a participação de membros da Comissão de audiodescrição do IBC como alunos.

No ano que ingressei na comissão, presenciei a retomada de um projeto existente e intitulado “Sessão Pipoca”, em que a proposta era exibir filmes com roteiros audiodescritivos uma vez ao mês. Além de proporcionar um momento de descontração entre os alunos, foi possível divulgar o recurso aos mesmos, pois, nas sessões anteriores à existência da Comissão, os filmes eram exibidos sem audiodescrição, quando os professores realizavam, informalmente, as descrições de cenas.

Para a continuidade do Projeto Sessão Pipoca, a Comissão de AD do IBC, adquiriu um acervo com mais de trinta filmes com audiodescrição. No acervo, por exemplo, podemos encontrar o filme brasileiro A Casa da Mãe Joana (2008), audiodescrito pela CPL, e o curta metragem Quando o Universo Conspira (2008), audiodescrito pela Comissão de AD.

O curta metragem “Quando o Universo Conspira” foi o último a ser exibido aos alunos, no ano de 2016, e teve a presença do diretor Caio Bortolotti. A audiodescrição do curta, produzida por duas participantes⁹ da Comissão de Audiodescrição, que havia sido premiada no III Festival VerOuvindo, neste mesmo ano, foi a primeira colocada do júri popular, terceira do júri técnico e

⁹ Roteiro produzido por Ana Fátima Berquó, Presidente da Comissão entre 2010 e 2015 e a consultora Aparecida Pereira Leite.

primeira colocada de melhor roteiro de audiodescrição e melhor locução (Georgina Rodrigues) pelos ouvintes da Rádio Mundo Cegal.

Atualmente, a comissão é formada por seis audiodescritores e quatro consultores. Os encontros presenciais ocorrem uma vez por semana com duração de quatro horas, nas dependências do IBC, em uma sala destinada a esse fim. Nesses encontros ocorrem estudos, planejamento para atender às demandas e produção de roteiros audiodescritos. Assuntos não contemplados ou surgidos posteriormente ao encontro são trabalhados através de e-mail.

As narrações gravadas dos roteiros de curtas e longas, produzidos nos encontros presenciais, são realizadas pelo setor do Livro Falado¹⁰, pertencente à Divisão de Produção de Material Especializado (DPME), por locutores profissionais, porém alguns curtas foram anteriormente narrados por professores da Comissão, devido ao interesse dos mesmos.

Os eventos institucionais ocorridos com audiodescrição são realizados com a narração ao vivo e com a participação de todos os membros da Comissão, criando uma escala de pares para atender todo o evento.

Além da oferta do curso de 40 horas, a Comissão vem oferecendo oficinas com carga horária de oito horas. A primeira oficina ocorreu em 2016 com o objetivo de apresentar os aspectos gerais do recurso da audiodescrição em diferentes produtos visuais.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Desenvolver estudos visando a construção de um guia de apoio ao professor da educação básica para a realização de audiodescrição de imagens presentes em livros didáticos.

¹⁰ Livro falado é uma coordenação responsável em produzir audiolivros.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar levantamento bibliográfico aprofundando sobre a audiodescrição;
- Realizar pesquisa junto a professores que trabalham com alunos com deficiência sobre como estes tem utilizado o recurso da audiodescrição;
- Realizar um pré teste com profissionais que já passaram pela experiência de realizar audiodescrição e sistematizar dificuldades, estrutura na narrativa e pontos singulares na forma de cada um;
- Analisar as informações obtidas e desenvolver um guia de orientação para a audiodescrição e imagens em livros didáticos a partir das necessidades apresentadas.

3. MATERIAL E MÉTODOS

O estudo se orientou pelos preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde em relação às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos e foi submetido para apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal Fluminense. Recebeu autorização para ser executado sob o registro número CAAE 52649815.1.0000.5243 e parecer número 1.430.265 (Anexo 1).

Para atender aos objetivos da pesquisa buscamos desenvolver os estudos em uma perspectiva interdisciplinar de cunho qualitativo.

Para Chizzotti (2006) a pesquisa qualitativa pertence ao campo transdisciplinar, onde é possível o pesquisador interagir com variados objetos e sujeitos de pesquisa que possibilitará extrair informações e interpretações qualitativas necessárias para a compreensão da realidade.

Nesta pesquisa buscamos investigar como a audiodescrição pode ajudar os estudantes cegos ou com baixa visão que usam o livro didático adaptado em braille ou ampliado. Não nos cabia fazer um estudo quantitativo, mas sim descrever e buscar aspectos qualitativos deste processo, dialogando com pessoas envolvidas na educação de crianças, jovens e adultos com deficiência visual. Assim conforme os princípios da pesquisa qualitativa utilizamos entrevistas, leitura de relatórios, observação participante, entre outros processos.

A interdisciplinaridade aparece em nossa pesquisa especialmente quando buscamos desenvolver um ambiente colaborativo, nas fases que envolviam os sujeitos da pesquisa. Demos vez ao diálogo e à interação para a construção de um saber coletivo. (HAAS, 2011)

Thiesen (2008) afirma que alguns conceitos sobre interdisciplinaridade são apresentados em estudos científicos e o mais comum de encontrarmos é a definição de interdisciplinaridade como a integração de disciplinas em um projeto comum (JAPIASSU, 1976; FAZENDA, 1979).

Leis (2005) acredita que a definição de um conceito sobre o tema ainda está em construção e que esta não chegará ao final, pois se isso ocorresse não seria propriamente interdisciplinar.

Fazenda (1994), que realiza uma crítica retrospectiva sobre o tema, informa que a interdisciplinaridade teve início na década de 1960, na Europa, através de um movimento estudantil que buscava um novo modelo educacional que aproximasse o conteúdo didático com a realidade. No Brasil, segundo a mesma autora, a interdisciplinaridade surge no final da década de 1960 com sérias distorções, pois não havia uma reflexão adequada sobre o assunto.

Thiesen (2008), após estudos comparativos, identificou que a interdisciplinaridade, mesmo sem um conceito definitivo, é vista por muitos estudiosos como uma forma de superar a fragmentação do conhecimento. O autor, afirma que, para Hilton Japiassu (1976), a interdisciplinaridade caracteriza-se

(...) pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto. A interdisciplinaridade visa à recuperação da unidade humana através da passagem de uma subjetividade para uma intersubjetividade, e assim sendo, recupera a idéia primeira de cultura (formação do homem total), o papel da escola (formação do homem inserido em sua realidade) e o papel do homem (agente das mudanças do mundo). Portanto, mais do que identificar um conceito para interdisciplinaridade, o que os autores buscam é encontrar seu sentido epistemológico, seu papel e suas implicações sobre o processo do conhecer. (p. 91)

Essa passagem dialoga profundamente com o caminho que foi trilhado na metodologia desta pesquisa de mestrado, pois a interação com diferentes profissionais de diferentes áreas, habilidades e conhecimentos nos ajudaram a construir nossas perspectivas.

Faz saber que a construção de novas perspectivas se deu através dos envolvidos na pesquisa, são eles: a pesquisadora da área da educação especial, orientadora da área de educação, da consultora em audiodescrição, das professoras avaliadoras com formação em pedagogia, dos profissionais do IBC. Participaram também das oficinas estudantes de diferentes cursos de licenciatura.

Também foram utilizados para o nosso trabalho livros didáticos de diferentes disciplinas, além disso dialogamos na introdução com autores de diferentes campos do conhecimento, tais como: neurociência, educação, linguística. Portanto, o nosso trabalho contou a colaboração e elaboração de diferentes áreas de conhecimento e diferentes sujeitos de diferentes formações

e conhecimentos. Identificamos cada um como agente de mudança do mundo contribuindo para a inclusão da pessoa com deficiência visual na escola.

3.1. SUJEITOS DA PESQUISA

3.1.1. A Consultora Cega

Toda audiodescrição deve ter a parceria de um consultor com deficiência visual, que é capaz de qualificar o material pelo ponto de vista dos usuários do recurso. O consultor deve ter qualificação na área e uma boa fluência da língua portuguesa (MIANES, 2016). Em nossa pesquisa tivemos a colaboração da consultora cega Aparecida Pereira Leite¹¹, professora e membro da Comissão de Audiodescrição do IBC. Ela nos orientou sobre as imagens traduzidas nas oficinas ministradas para os alunos das turmas de Didática, na UFF, e sobre a tecnologia da AD pelo seu ponto de vista de usuária e profissional da área. Em suma, a sua orientação prezou pela boa compreensão da imagem audiodescrita com o objetivo de atender o maior número de usuários com deficiência visual.

A consultora convidada, juntamente com a pesquisadora, mediou a oficina “Introdução à descrição de imagens estáticas”, nos dias 25 de fevereiro, 02 de março e 09 de março de 2016, durante as aulas de didática para alunos de Lisete Jaehn, Walceia Barreto e Mônica Vasconcellos, respectivamente, e participou no processo final da construção dos roteiros, atuando também como revisora. Essa dinâmica foi planejada de acordo com a necessidade do grupo. Há dinâmicas também que permitem o consultor participar durante todo o processo de construção do roteiro.

3.1.2. Professoras Participantes

Duas professoras do Instituto Benjamin Constant, Margareth de Oliveira Olegário e Rachel Ventura Espinheira, professoras do terceiro e quarto anos do Ensino Fundamental respectivamente, participaram da pesquisa como

¹¹ A consultora realizou diferentes cursos e consultorias em diversas mídias, como o documentário “Boa Noite Solidão”, produzido por Geneton Moraes Neto.

informantes e avaliadoras dos produtos finais da pesquisa: o grupo virtual e o guia orientador.

Ambas possuem formação em audiodescrição com carga horária superior a 100h. Margareth possui 12 e Rachel 10 anos de experiência em sala de aula com alunos com deficiência visual, o que permitiu um olhar crítico e técnico sobre o assunto.

A avaliação dos produtos, se deu através de um único questionário (Apêndice 2). Com perguntas fechadas e abertas buscamos identificar e sistematizar dificuldades na estrutura narrativa, com seus pontos singulares, na forma de cada um.

As participantes receberam o questionário por e-mail, sendo esse meio de comunicação elegido como mais acessível para a participante cega. Essa forma é caracterizada como questionário auto aplicado por Gil (2006), pois não há a necessidade da pesquisadora como interlocutora das questões.

3.1.3 Alunos de Didática de cursos de licenciatura da UFF

Visando disseminar a audiodescrição e coletar informações para desenvolver o guia com orientações sobre o recurso, realizamos três oficinas introdutórias sobre audiodescrição de imagens estáticas com um total de 56 licenciandos de distintos cursos da UFF como participantes. Os licenciandos estavam matriculados nas turmas I2, A3, I1 de Didática. As oficinas ocorreram nas seguintes datas: 25 de fevereiro, 02 de março e 09 de março de 2016.

A escolha por professores em formação como participantes das oficinas se deveu ao pressuposto de que estes ainda não possuem muita experiência em sala de aula e nem formação especializada na área da deficiência visual/educação especial. Consideramos, desta maneira, um público que tenderia a ter menos informações sobre o recurso, mas também menos resistências com relação a expor suas dificuldades, medos e limites.

Ainda sobre a escolha de professores em formação, Dominick e Souza (2011) e Dominick (2015) nos ajudaram a refletir sobre o fato de que conhecimentos sobre tecnologias deveriam ser inseridos desde a formação inicial dos professores para que os mesmos saibam utilizá-las no processo de

ensino e de aprendizagem com seus alunos. Desta forma, acreditamos que além de coletarmos dados para a pesquisa também contribuimos com a formação dos participantes, visto que não conheciam o recurso.

3.2. FASES

O interesse em estudar o tema teve início em 2013, quando iniciei a minha participação na Comissão de Audiodescrição do IBC. A entrada no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, em 2014, oportunizou a transformação da prática em saber científico. Para atingir os objetivos da pesquisa realizamos diferentes fases de estudo, foram elas: estudo bibliográfico; vivência no IBC nos espaços relacionados ao trabalho de audiodescrição para aprofundamento de conhecimento sobre o recurso; oferta de oficinas de introdução a descrição de imagens estáticas a alunos de licenciatura da UFF; e, por fim, a criação do Grupo Virtual no Facebook.

3.2.1. A Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida, principalmente, no período de agosto de 2014 a agosto de 2015. Contudo, novas fontes foram consultadas eventualmente após este período, por consideramos que o recurso da audiodescrição esteja em constante expansão e pelas demandas do projeto e sugestões dos orientadores.

Muitas fontes encontradas estão disponíveis em sites e periódicos relacionados sobre o tema da audiodescrição, como o site desenvolvido pela Lavoro Produções Artísticas www.audiodescricao.com.br e a revista Brasileira de Tradução Visual www.rbtv.associadosdainclusao.com.br. Demais fontes foram consultadas através de bancos de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e nas plataformas Google Acadêmico e Scielo, através das palavras chaves (a) “audiodescrição”, (b) “audiodescrição na escola” e (c) “livro adaptado deficiência visual”.

3.2.2. Vivência e conversas no Instituto Benjamin Constant

O Instituto Benjamin Constant (IBC), criado em 1854 pelo Imperador D. Pedro II com o nome Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atualmente é referência em assuntos relacionados a deficiência visual no Brasil. Desde sua criação vem quebrando tabus e acreditando na educação das pessoas com deficiência visual, além da educação, a instituição é responsável por reabilitação, assessoria à outras instituições, capacitação de profissionais nas áreas pedagógica, reabilitacional e médico-oftalmológica, oferta de consultas oftalmológicas, produção e adaptação de materiais didáticos, publicações científicas e treinamento de atletas.

A instituição foi escolhida como coparticipante por ser referência em assuntos relacionados à deficiência visual, sendo responsável pela adaptação dos livros do PNLD, através da Imprensa Braille Walter Boschiglia, criada em 1943.

O primeiro contato com a instituição foi realizado através do Centro de Estudos e Pesquisas, setor responsável por autorizar a pesquisa dentro do Instituto. Posteriormente, obtive a autorização para a realização de pesquisa (Anexo 2).

Durante a vivência no IBC foi possível realizar a pesquisa participante na Comissão de Audiodescrição e realizar as entrevistas não diretivas na Coordenação de Adaptação de Livros Didáticos e Paradidáticos no Sistema Braille e na Coordenação do Livro Ampliado, onde pude conhecer as etapas da adaptação, transcrição e produção dos livros didáticos, inclusive as adaptações de imagens presentes nos livros didáticos. Assim, como o uso do recurso da audiodescrição por seus estudantes em suas atividades escolares.

3.2.3. Oficinas sobre Audiodescrição na UFF

As oficinas foram desenvolvidas com características da metodologia ativa (BERBEL, 2011), onde foram apresentadas imagens estáticas de livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático e da prova do Exame Nacional do

Ensino Médio (ENEM)¹² de 2014. Foram dadas orientações básicas sobre o recurso no intuito de propor discussão sobre como seria uma audiodescrição que permitisse ao aluno cego ter a mesma oportunidade de entendimento que um aluno vidente sobre a imagem, em termos das informações que ela transmite. Assim, os participantes contribuíram com suas experiências com o processo de construção coletiva do roteiro audiodescritivo de 12 imagens em parceria com uma consultora cega que foi capaz de qualificar o material pelo ponto de vista dos usuários do recurso.

As imagens foram selecionadas pela pesquisadora e previamente demonstradas à consultora. A escolha por imagens presentes em livros da coleção Buriti se deveu ao fato de que a instituição coparticipante foi responsável pela adaptação desta coleção e os tem utilizado em sala de aula com seus alunos.

As doze imagens utilizadas pertenciam as disciplinas de Português - 3º ano, História -3º ano, Geografia - 2º ano e Ciências - 2º ano e eram importantes para compreensão das atividades propostas, deixando de ser apenas ornamentais.

Iniciamos a dinâmica das oficinas apresentando uma imagem da prova do ENEM do ano de 2014 e, posteriormente, as turmas foram divididas em grupos, cada qual recebeu uma imagem parte do Projeto Buriti para a produção de um roteiro audiodescritivo. As imagens selecionadas também foram disponibilizadas no grupo virtual.

As orientações seguiram as Diretrizes Gerais da audiodescrição e Código de Conduta Profissional para audiodescritores, baseados no Treinamento e Capacitação de Audiodescritores e Formadores dos Estados Unidos 2007-2008 com o apoio da Comissão de Audiodescrição do Instituto Benjamin Constant.

A apresentação dos trabalhos concluídos foi realizada em voz alta. Houve debate e considerações visando contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem sobre a tecnologia.

¹² O Enem foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o estudante ao final da educação básica, atualmente também é possível concorrer a bolsas de estudos e vagas em Universidades Públicas. Em 2015 temos o conhecimento de 1.042 candidatos cegos e 10.137 candidatos com baixa visão que solicitaram algum tipo de atendimento especializado. (enem.inep.gov.br)

Registramos o desenvolvimento das oficinas através de áudio e armazenamos os dados em nuvem (Dropbox) para eventuais consultas.

As oficinas seguiram o seguinte plano de aula, que foi entregue às professoras responsáveis pelas turmas antes da realização:

Nome da Oficina: Introdução à descrição de imagens estáticas

Tema: Audiodescrição

Área: Ensino

Responsáveis: Lindiane Faria do Nascimento e Aparecida Pereira Leite

Orientador: Rejany dos S. Dominick

Número de vagas: 50 participantes

INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

A Audiodescrição é um recurso tecnológico que permite a tradução das imagens em palavras, acreditamos que tal recurso favoreça a inclusão escolar, uma vez que permite de forma participativa que os alunos com deficiência visual tenham acesso às informações presentes em imagens que compõem o material didático, como livros, apostilas, vídeos e provas entre outros. O recurso oferece muitas possibilidades, mas é necessário que os docentes responsáveis por mediar o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos sejam capazes de realizar a audiodescrição. Desta forma, acreditamos que o conteúdo da oficina proposta auxiliará a prática docente dos alunos de licenciatura em uma perspectiva inclusiva.

OBJETIVO GERAL

Apresentar a audiodescrição como recurso tecnológico necessário para o docente de sala de aula que tenha alunos com deficiência visual.

OBJETIVOS DE ENSINO

Identificar aspectos fundamentais da audiodescrição.

Saber realizar a audiodescrição de imagens estáticas.

OBJETIVO DE PESQUISA

Identificar quais aspectos fundamentais da audiodescrição são desconhecidos dos professores sem formação específica.

ALUNOS ENVOLVIDOS

Alunos da turma de licenciatura da Universidade Federal Fluminense.

METODOLOGIA

A oficina terá como característica a metodologia ativa, segundo Berbel (2011) “as metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos” (p. 29).

ESTRATÉGIAS - Duração da Oficina: 1h: 30min

Apresentar imagens estáticas retiradas de livros didáticos e provas para propor discussão coletiva sobre a acessibilidade que elas apresentam ao aluno com deficiência visual.

Permitir que os participantes exponham suas experiências com o uso de imagens para fins educativos como contribuição a oficina.

Dividir os participantes em grupos para a construção do roteiro de audiodescrição das imagens apresentadas na oficina.

Realizar a revisão dos roteiros de audiodescrição construídos em grupos de forma coletiva com auxílio de uma consultora cega.

AVALIAÇÃO

Auto avaliação e avaliação da oficina.

MATERIAL NECESSÁRIO

Sala de aula com 52 carteiras escolares, mesa, computador, data show, cópias das imagens e ficha de avaliação.

BIBLIOGRAFIA

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

Leituras Sugeridas:

BRASIL. Lei nº 10.098, Brasília- DF, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.

_____. Nota Técnica nº 21, 10 de abril de 2012/MEC/SECADI/DPEE. Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível –Mecdaisy.

_____. Lei nº 13.146, Brasília-DF, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

OLIVEIRA, Ana Flávia e ALVES, Valquíria. Reflexões sobre a importância da áudio-descrição na prática pedagógica inclusiva. *Revista Brasileira de Tradução Visual* - RBTV, v. 16, Sessão Principal, 2013.

3.2.4. A criação do Grupo Virtual Audiodescrição: Livro Didático

Desenvolvemos, juntamente com o guia de orientação proposta pela pesquisa, um grupo no Facebook nomeado como “Audiodescrição de Imagens: Livro Didático”.

O logo presente no perfil do grupo é formada por um livro aberto e o símbolo da Audiodescrição que nos dá ideia da possibilidade do recurso da audiodescrição presente em livros didáticos.



Figura 5: Imagem do grupo virtual Audiodescrição de Imagens: Livro Didático no Facebook.

Fonte: Reprodução Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1672759702991942/>

A escolha pelo Facebook se deu por ser uma rede social de maior interação utilizada no mundo, o que possibilitará atingir uma grande quantidade de professores (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010, AQUINO; BRITO, 2012).

Durante o desenvolvimento da pesquisa o grupo se manteve como secreto, apenas pessoas convidadas foram adicionadas. Nosso propósito é o de tornar o grupo aberto para que mais professores tenham acesso às informações e que venham a contribuir com o desenvolvimento do grupo. De acordo com Mayer e

Puller (2008 *apud* MIRANDA et al, 2011) os contatos sociais desenvolvidos em redes sociais possibilitam uma grande interação na transmissão de partilha de informações entre os membros.

As convidadas durante a privacidade secreta foram: uma consultora cega (membro da Comissão de Audiodescrição do IBC), uma professora cega do terceiro ano e uma professora vidente do quarto ano. As duas professoras atuam como docentes do Ensino Fundamental do Instituto Benjamin Constant e utilizam os livros do Projeto Buriti, adaptados pela Imprensa Braille da instituição. As convidadas assinaram o Termo de Livre Consentimento para pesquisa (Apêndice 1).

O grupo, quando se tornar aberto, terá como objetivo disseminar e servir de subsídio para produzir estudos sobre o recurso da Audiodescrição para profissionais da educação, visando tornar-se um espaço colaborativo e interdisciplinar. Segundo Sihler (2011) as comunidades virtuais priorizam a interação social, a aprendizagem colaborativa e o trabalho cooperativo, o que possibilitará, a nosso ver, a continuidade de nossa perspectiva interdisciplinar.

3.2.4.1 Funcionamento do Grupo

Atualmente, o grupo é formado por quatro pessoas¹³, com o objetivo de avaliação do grupo e discussão dos roteiros produzidos de forma colaborativa das imagens dos livros da Coleção Buriti, integrante do PNLD para o Ensino Fundamental. Estes roteiros vêm sendo disponibilizados em álbuns do grupo, de modo que possam ser consultados pelos membros participantes. Seguindo a proposta de um ambiente colaborativo, os membros do grupo puderam sugerir alterações do roteiro, criticar e discutir escolhas tradutórias através de comentários, uma vez que, consideramos que a audiodescrição está em constante desenvolvimento.

As imagens e seus respectivos roteiros foram distribuídos em álbuns, cada qual relativo a um dos livros trabalhados, a saber: Português - 3º ano, História - 3º ano, Geografia - 2º ano e Ciências - 2º ano.

¹³ Os membros são as duas administradoras, a orientadora da pesquisa e duas professoras do IBC convidadas a participarem da pesquisa.



Figura 6: Imagem dos álbuns presentes no grupo virtual “Audiodescrição de Imagens: Livro Didático” no Facebook.

Fonte: Reprodução Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1672759702991942/photos/?filter=albums>.

O grupo, após a defesa da dissertação, será modificado para o status aberto, quando novos membros poderão ser incluídos, de forma a manter o ambiente colaborativo, com contribuições de novos álbuns e/ou imagens audiodescritas para compartilhar.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em atendimento aos objetivos da pesquisa, os dados apresentados serão analisados e justificados nesta etapa de pesquisa, através do caminho das atividades propostas na metodologia.

Reconhecemos a necessidade de produzir um guia orientador ao professor da educação básica sobre a AD, após estudos sobre o recurso da audiodescrição, recurso, este, que está em constante expansão. Desta forma, identificamos que novas referências bibliográficas se fazem necessárias para auxiliar o professor em sala de aula em uma perspectiva inclusiva.

4.1 CONVERSAS NO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

O Instituto Benjamin Constant foi instituição coparticipante da pesquisa, através dele foi possível conhecer e compreender a tecnologia da audiodescrição, tema central desta pesquisa. O estudo na instituição ocorreu no período de maio a setembro de 2016, com pausa no mês de agosto quando ocorreram as férias, ocasionadas pelas Olimpíadas que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro.

O acompanhamento das atividades na Comissão de Audiodescrição da instituição aconteceram de forma regular, visto que a pesquisadora é uma das integrantes da citada Comissão.

As entrevistas não diretas foram o caminho seguido para a coleta de dados, bem como a pesquisa participante na Comissão de Audiodescrição. Acreditamos, assim como Thiollent (1982), que as entrevistas não diretas permitem uma liberdade ao entrevistado, possibilitando que este forneça com liberdade informações importantes que, provavelmente, não seriam informadas em uma entrevista estruturada.

Participaram das entrevistas os professores das disciplinas de português, história e geografia da Coordenação de Adaptação de Livros Didáticos e Paradidáticos no Sistema Braille, a professora especializada em educação de

peças com deficiência visual e um design da Coordenação do Livro Ampliado e os membros da Comissão de Audiodescrição.

Realizamos três entrevistas não diretas entre os setores envolvidos na pesquisa. A entrevista teve início com a pergunta norteadora: - Como é realizada a audiodescrição de imagens? Durante as conversas, coletamos dados que foram registrados em anotações pessoais.

Foi possível identificar o processo de adaptação de livros didáticos e o funcionamento da comissão. Essas informações subsidiaram a parte introdutória dessa dissertação.

Também foi possível delinear as orientações para as oficinas, debatermos sobre as principais orientações que encontramos na literatura, como as orientações para descrições de imagens pelo programa do MecDaisy.

Faz saber que a Comissão não apoia grande parte destas orientações, por entender que muitos conceitos técnicos podem atrapalhar o desenvolvimento cognitivo do aluno com deficiência visual. Como, por exemplo, identificação do enquadramento da imagem (grande plano geral, plano geral, plano americano).

Uma outra informação que coletamos durante a entrevista é que a comissão tem como base as orientações dos Estados Unidos e apoia-se nos estudos do pesquisador da área Francisco Lima (2009, 2010). Porém, é sabido que é possível adaptarmos tal base à realidade dos sujeitos.

Durante as conversas debatemos o uso da descrição e audiodescrição de imagens, onde percebemos que há utilização das duas formas na mesma instituição. A comissão preza pela audiodescrição e a Coordenação de Adaptação de Livros Didáticos e Paradidáticos no Sistema Braille utiliza a descrição. Caberia, ao meu ver, que os setores trabalhassem em conjunto e definissem juntos a melhor forma de adaptação de imagens nos livros didáticos, uma vez que o objetivo é dar acesso aos conteúdos das imagens para alunos com deficiência visual, tanto em um ambiente quanto em outro.

Em entrevista não direta junto as Coordenações de adaptação identificamos a importância da leitura minuciosa de toda obra, antes de ser realizada a adaptação, para que seja coerente a audiodescrição com a obra, por exemplo quanto a escolha do vocabulário na produção do roteiro audiodescritivo.

Enfim, as informações obtidas durante as entrevistas possibilitaram uma melhor construção de diferentes aspectos dessa pesquisa e especialmente do Guia Orientador.

4.2. OFICINAS

Foram ministradas três oficinas com o tema “Introdução à descrição de imagens estáticas”, através da metodologia ativa, onde imagens estáticas de livros didáticos selecionados pelo PNLD e da prova do ENEM realizada em 2014 foram apresentadas e analisadas.

Cinquenta e seis licenciandos de distintos cursos da UFF, matriculados em turmas da disciplina Didática, distribuídos em três turmas, participaram das oficinas (Gráficos 1, 2 e 3).

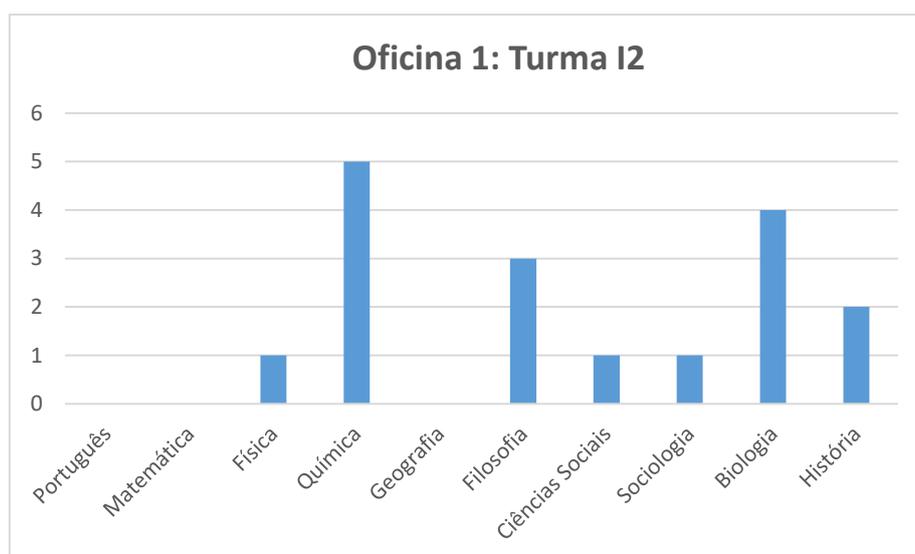


Gráfico 1: Curso de licenciatura dos participantes da oficina 1 desenvolvida na turma de Didática I2, oferecida pela Professora Lisete Jaehn.

Fonte: Elaboração própria.

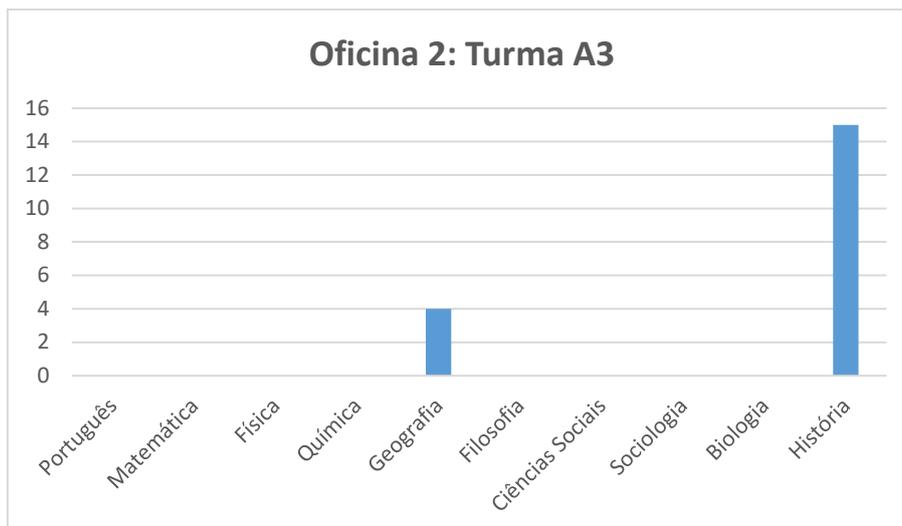


Gráfico 2: Curso de licenciatura dos participantes da oficina 2 desenvolvida na turma de Didática A3, oferecida pela Professora Walceia Barreto.
 Fonte: Elaboração própria.

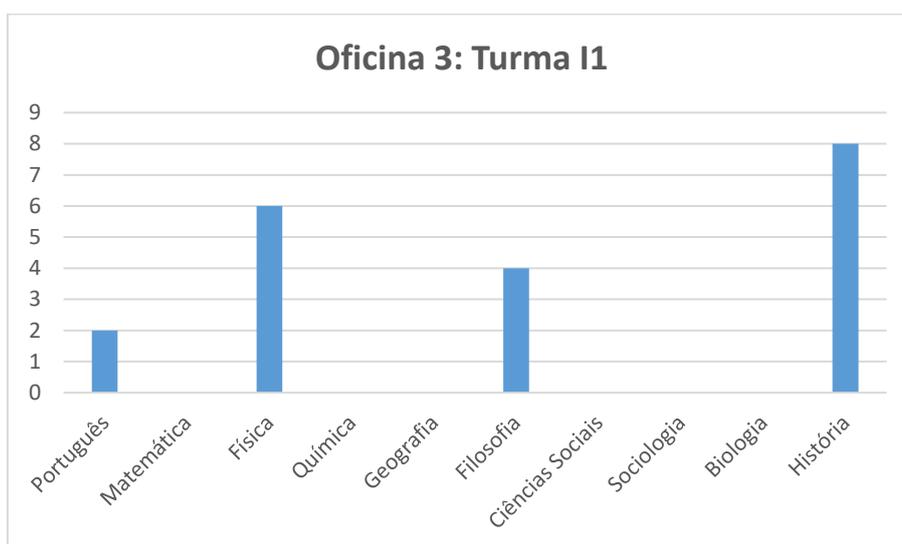


Gráfico 3: Curso de licenciatura dos participantes da oficina 3 desenvolvida na turma de Didática I1, oferecida pela Professora Mônica Vasconcelos.
 Fonte: Elaboração própria.

Inicialmente apresentamos a imagem “Engraxate” (figura 7) que nos subsidiou à novas reflexões sobre a acessibilidade das imagens a pessoa com deficiência visual.

QUESTÃO 05



NEVES, E. Engraxate. Disponível em: www.grafar.blogspot.com. Acesso em: 15 fev. 2013.

Considerando-se a dinâmica entre tecnologia e organização do trabalho, a representação contida no cartum é caracterizada pelo pessimismo em relação à

- A ideia de progresso.
- B concentração do capital.
- C noção de sustentabilidade.
- D organização dos sindicatos.
- E obsolescência dos equipamentos.

Figura 7: Questão de prova do ENEM (2014) referente à Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Fonte: Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2014/CAD_ENEM_2014_DIA_1_01_AZUL.pdf.

Refletimos, juntamente com os participantes das oficinas, como seria o acesso às informações desta imagem pelo candidato cego. Algumas perguntas surgiram durante esse primeiro momento: Como o aluno cego conseguirá solucionar esta questão? O leitor¹⁴ da prova seria capaz de realizar uma audiodescrição da imagem de forma objetiva, mesmo sem ter tido acesso à imagem anteriormente à aplicação do exame? Como o candidato cego teria acesso à imagem através da prova em braille? Quais elementos da imagem, necessariamente deveriam ser descritos? Será que o candidato cego estaria em desvantagem com essa questão? Por quê?

Após as reflexões trazidas para a sala de aula dividimos os participantes em grupos e cada grupo foi responsável por produzir um roteiro audiodescritivo. As imagens foram disponibilizadas de forma impressa e apresentadas em *slides*

¹⁴ Pessoa solicitada para leitura da prova pelo candidato com deficiência visual, através de solicitação na inscrição, com documento probatório da deficiência.

aos participantes. Deixamos expostas, em apresentação de *slide*, as informações mais importantes para construção dos roteiros, são elas:

- Identificação da imagem - foto (colorida ou em preto e branco), gravura, mapa, gráfico, charges, etc.
- Ambiente - Onde? Sala, fábrica, praia, floresta...
- Pessoas - Quem? Quantos (as), características físicas, vestuário, posição (sentado, de pé, de costas, de perfil).
- Ações - sorrir, segurar, falar ... (Evitar Gerúndios)
- Objetos - Quais? Quantos?
- Localização Espacial - à esquerda, à direita, à frente, ao fundo, atrás, primeiro plano, etc.

As orientações acima foram construídas a partir da Diretrizes para Áudio-descrição e Código de Conduta Profissional para áudio-descritores Baseados no Treinamento e Capacitação de Áudio-descritores e Formadores dos Estados Unidos 2007-2008 e orientações da Comissão de Audiodescrição do Instituto Benjamin Constant.

Cabe destacar que tais orientações devem ser lidas de forma flexíveis, pois cada roteiro audiodescritivo produzido deve respeitar a realidade e a diversidade dos usuários e apropriação que é feita pelo professor. Deve ser levado sempre em consideração, por exemplo a diversidade regional e a maturidade do aluno usuário.

4.3. ROTEIROS AUDIODESCRITOS NAS OFICINAS

Os roteiros produzidos foram construídos de forma interdisciplinar, a heterogeneidade presente nas turmas possibilitou que integrássemos saberes de diversas áreas, importantes para tal construção. Após a realização do roteiro a consultora colaboradora, revisou os textos e inseriu suas considerações a partir do ponto de vista dos usuários cegos.

As imagens trabalhadas nas oficinas pertencem a livros da coleção Buriti, que são utilizados na primeira fase do Ensino Fundamental, por isso, a escolha do vocabulário respeitou o conhecimento desses alunos.

Apresentamos, nesta parte do trabalho, o resultado das audiodescrições realizadas pelos alunos das turmas I2, A3 e I1 formada por 56 estudantes das licenciaturas português, física, química, geografia, filosofia, ciências sociais, sociologia, biologia e história. As professoras Lisete Jaehn, Walceia Barreto e Mônica Vasconcellos também contribuíram com considerações sobre a produção dos roteiros.

Os roteiros a seguir foram transcritos a partir dos áudios gravados durante as oficinas.

4.3.1. Oficina 1

Seguem abaixo as audiodescrições produzidas na oficina 1, nela estavam presentes 17 estudantes das licenciaturas em química, filosofia, ciências sociais, sociologia, biologia e história e a professora Lisete Jaehn.

A primeira imagem (figura 8) para a produção de roteiro audiodescritivo foi apresentada ao grupo 1, formado por 4 alunos da licenciatura em química.



Figura 8: Imagem de Paulo Manzi da unidade “Eu me Comunico”.
Fonte: Projeto Buriti - Português 3º ano (SANCHEZ, 2011, p. 10).

Oficina 1/Roteiro do Grupo I. Imagem colorida, capa de um início de uma unidade, representa o mapa de Continente Americano, na parte superior da imagem está escrito: Unidade 1, Eu me comunico. Abaixo do título temos o Continente Americano com a imagem de um menino em cima do continente, em uma escala maior, sentado em uma cadeira em frente a um computador. Mais abaixo, o Continente Sul Americano, há uma menina com um celular no ouvido. No canto inferior esquerdo há uma caixa de diálogo com as seguintes perguntas:

- Observe a imagem e converse com seus colegas.
- O que estas crianças estão fazendo?

- Que aparelhos elas estão utilizando?
- A distância é um empecilho para o que estão fazendo?

Analisando essa audiodescrição podemos afirmar que o grupo identificou de forma correta a imagem, a descrição seguiu uma forma linear que possibilita a construção imagética pelos cegos e as características físicas dos personagens não foram citadas. A informação sobre tratar-se do continente americano privilegia os alunos cegos, pois não há essa informação para os alunos sem deficiência visual.

A segunda imagem que foi audiodescrita por um outro grupo desta mesma turma composto por 3 alunos da licenciatura em filosofia e 1 aluno da licenciatura em química está apresentada na figura 9.

5 Observe a imagem e responda.

- Para que finalidade a mulher está usando a água?
- Na sua opinião, ela está usando a água de maneira consciente? Justifique.



Figura 9: Imagem de Al Stefano “A água na natureza”.
Fonte: Projeto Buriti - Ciências 2º ano (BEZERRA, 2011, p. 51).

Oficina 1/ Roteiro do Grupo 2: Desenho colorido, escrito na lateral esquerda na vertical: Al. Stefano. O ambiente é uma calçada em frente a um portão semiaberto, em frente a este portão há uma mulher de pé, à esquerda do portão, calçando Havaianas e com as barras da calça suspensas se afastando do chão. À direita há uma árvore e folhas no chão, a mulher segura uma mangueira da qual jorra água que ela aponta para as folhas no chão que são levadas pela água para um bueiro que se encontra no meio fio. No canto inferior direito da imagem há um círculo cor de rosa com o número 51 em algarismos azuis.

Na audiodescrição da imagem realizada, percebemos que o grupo identificou de forma correta a imagem, embora a descrição não tenha seguido uma forma linear, o que dificultou a criação imagética pela pessoa cega. O ideal, por exemplo, seria descrever toda a personagem em um só momento. Essa foi uma dica de nossa consultora. O uso excessivo de pronomes deixa o texto mais longo, podendo se tornar cansativo para o leitor/ouvinte. Devemos evitar o uso de metonímia, como foi utilizada pelo grupo ao fazer referência ao chinelo como “Havaianas”.

A terceira imagem apresentada ao terceiro grupo desta turma formado por 1 aluno da licenciatura em sociologia, 1 aluno da licenciatura em ciência sociais e 1 aluno da licenciatura em biologia e está explicitada na figura 10.

1 Observe estas paisagens e responda no caderno.



Praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, cerca de 100 anos atrás.



Praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, em 2007.

- Descreva os elementos que você vê nas paisagens das fotos 1 e 2.
- Que mudanças ocorreram na paisagem desse lugar com o passar do tempo?
- Na sua opinião, por que essas mudanças aconteceram?
- O que permaneceu na paisagem desse lugar?

Figura 10: Duas imagens da Praia de Ipanema. Imagem 1: Foto de Lopes, Praia de Ipanema na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro cerca de 100 anos atrás. Imagem 2: Foto de Léo Burgos, Praia de Ipanema na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, em 2007.

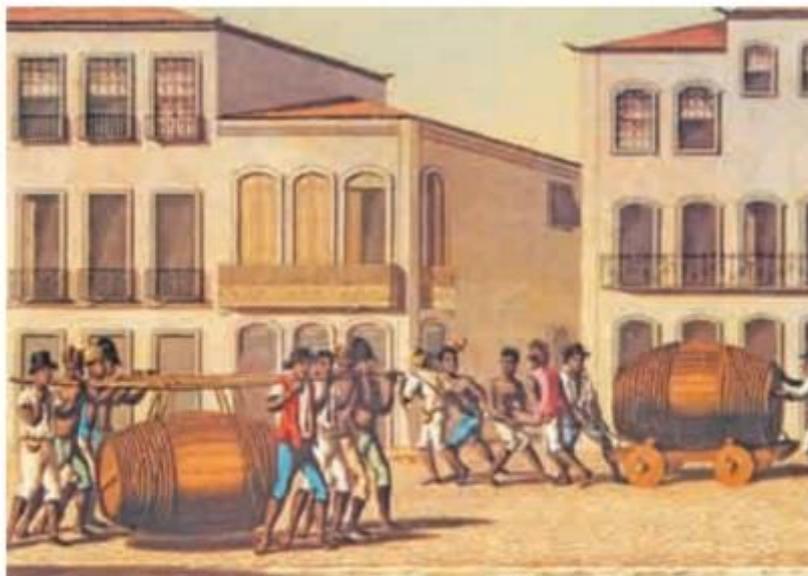
Fonte: Projeto Buriti - Geografia 2º ano (MAESTU, 2011, p.89).

Oficina 1/ Roteiro do Grupo 3: Duas figuras que ilustram a praia de Ipanema no mesmo ponto de observação, de frente, duas fotos. Na figura 1 tem uma legenda que diz: Praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro cerca de 100 anos atrás. Na figura 2 a legenda diz: Praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro em 2007. A figura 1 está em preto em branco e no primeiro plano há rochas de diferentes tamanhos. Em segundo plano há uma faixa de areia com poucas pessoas na areia e um pouquinho no mar. Ao fundo tem prédios de poucos andares e atrás destes prédios tem duas montanhas. A figura 2 é colorida e no primeiro plano essas rochas com algumas pessoas sobre elas e no segundo plano a faixa de areia está cheia de pessoas e no mar também tem bastante gente e no plano de fundo há prédios altos com muitos andares que escondem quase que totalmente a visão dessas duas montanhas. Depois das imagens tem as questões.

Analisando, com a ajuda de nossa consultora, a audiodescrição realizada pelo grupo, podemos afirmar que o roteiro foi produzido com todas as informações necessárias. Há clareza, identificação da imagem, construção linear, localização e características do ambiente. O diminutivo utilizado no texto poderia ser evitado, pois o mesmo poderá aludir uma barreira atitudinal em relação ao cego. As posições da legenda não foram identificadas, o que não compromete a compreensão da mensagem, mas que seria adequado fazer.

A imagem a seguir, audiodescrita pelo quarto grupo desta turma esta apresentada na figura 11, o grupo foi composto por 2 alunos da licenciatura em história e 1 da licenciatura em biologia.

- 2 Observe a pintura. Ela nos mostra como os negros escravizados transportavam água na cidade do Rio de Janeiro há quase 200 anos.



Cena urbana, aquarela de Henry Chamberlain, 1818.

- Como cada grupo de homens transporta a água?
- Quantos homens são necessários para realizar esse transporte em cada grupo?
- Qual grupo de homens realiza um esforço menor? Por quê?

Figura 11: Imagem “Cena urbana”, aquarela de Henry Chamberlain, 1818.

Fonte: Projeto Buriti - História 3º ano (THAHIRA, 2011, p. 103).

Oficina 1/ Roteiro do Grupo 4: A figura é uma pintura colorida que mostra uma cidade com prédios antigos ao fundo. A frente destes prédios há dois grupos de homens negros carregando um barril de água, cada um carrega o barril de uma forma diferente. O primeiro grupo que está à esquerda da figura é composto por oito homens que carregam o barril pendurado a um pedaço de madeira com auxílio de cordas, esse pedaço de madeira está apoiado sobre os ombros destes homens. O segundo grupo que está à direita da figura é composto por seis homens e o barril está preso sobre um carrinho que está sendo puxado por esses homens.

Para nós, a imagem foi identificada de forma correta, como pintura colorida. Porém o grupo não citou a legenda, uma informação importante para que o estudante cego tenha acesso à informação sobre a origem da pintura. Para que houvesse uma construção linear, seria necessário descrever o primeiro plano primeiro (o grupo de homens negros). A consultora sentiu a necessidade da

descrição da posição dos barris em relação aos homens que os carregavam pendurados para poder melhor responder à questão.

A última imagem apresentada foi audiodescrita pelo grupo 5 e está explicitada na figura 12. O grupo foi formado por 1 aluno da licenciatura em física e 2 alunos da licenciatura em biologia.

1 Observe a imagem e responda às questões.



Volta à cidade de um proprietário de chácara, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

- Qual meio de transporte foi representado na imagem? Ele era usado para transportar pessoas ou cargas?
- Como a rede era carregada? Que outro meio de transporte do passado funcionava de modo semelhante à rede?
- Em sua opinião, os dois meios de transporte citados no item anterior eram utilizados por pessoas pobres? Por quê?

Figura 12: Imagem “Volta à cidade de um proprietário de Chácara”, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

Fonte: Projeto Buriti - História 3º ano (THAHIRA, 2011, p. 99).

Oficina 1/ Roteiro do Grupo 5: Uma pintura colorida, uma rua de terra, cinco pessoas, 4 negros malvestidos e 1 homem branco e 1 cachorro entre os negros, dois negros com o mesmo pedaço de madeira sobre os ombros, nessa madeira há uma rede amarrada e o homem branco sentado nessa rede, enquanto os outros dois negros carregam os pertences do branco e o cachorro acompanhando.

Quando analisamos a audiodescrição feita pelo grupo identificamos que a imagem foi identificada de forma correta, porém há necessidade de citar a legenda para o aluno com deficiência visual possa ter as informações sobre a pintura. Devemos evitar emitir juízo de valor. No caso o grupo fez referência a negros malvestidos. Não devemos citar que os pertences são do homem branco, pois não temos essa informação na imagem. Haveria a necessidade de descrever todos os personagens da imagem (dois homens, uma criança e uma mulher), assim como a posição que eles se encontram, conforme as orientações que estavam disponíveis no slide apresentado na oficina.

A primeira turma contou com o grupo mais heterogêneo dentre as três oficinas. Consideramos esse fator importante para a construção dos roteiros, visto que as imagens apresentadas para audiodescrição faziam parte de distintas disciplinas.

Os estudantes, assim como a professora Lisete Jaehn foram muito participativos e também contribuíram com as considerações durante a apresentação oral dos roteiros.

A professora Lisete Jaehn pediu orientações sobre cursos de formação em audiodescritores e reforçou para a turma a importância de conhecer o recurso da AD, pois ela considera importante esta tecnologia para o aluno com deficiência visual.

A pesquisadora e a consultora informaram sobre a oferta do curso de Audiodescrição no IBC e sobre o produto final da pesquisa: o guia Orientador.

Os estudantes apresentaram algumas dificuldades durante as produções dos roteiros audiodescritivos, porém foram muito receptivos às informações prestadas pelas mediadoras da oficina e acrescentadas pelos colegas de turma durante a apresentação oral.

Consideramos que os estudantes sejam capazes de realizarem novos roteiros audiodescritivos com as informações obtidas e que o recurso da AD não seja mais um recurso desconhecido por eles, desta forma, acreditamos que o objetivo da oficina tenha sido alcançado.

4.3.2. Oficina 2

Seguem abaixo as audiodescrições produzidas na oficina 2, nela estavam presentes 19 estudantes das licenciaturas em geografia e história e a professora Walceia Barreto.

A primeira imagem apresentada da disciplina de ciências ao grupo 1 está presente na figura 13. O grupo foi formado por 1 aluno da licenciatura em história e 3 alunos da licenciatura em geografia.

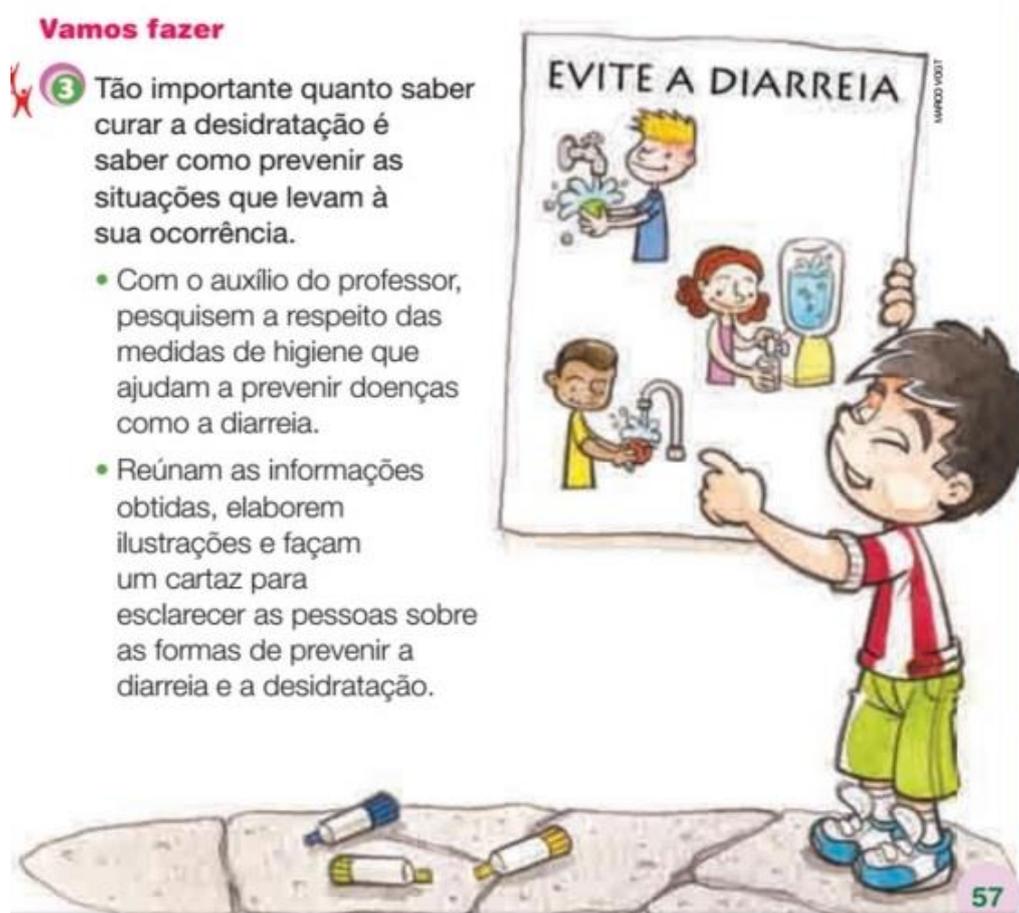


Figura 13: Imagem de Marco Vogt.

Fonte: Projeto Buriti - Ciências 2º ano (BEZERRA, 2011, p. 57).

Oficina 2/ Roteiro do grupo 1: Quadro. Imagem colorida, é uma gravura. Os elementos da imagem são: um menino de cabelo preto e blusa listrada, com listras rosa, calça jeans e tênis azul, ele aponta com expressão de felicidade para um cartaz que tem o título: Evite a diarreia. O cartaz apresenta três desenhos:

um menino de camisa azul lavando as mãos, um menino de camisa rosa pondo água no copo em um filtro de água e outro menino de camisa branca lavando alimento na torneira. O menino que aponta o cartaz, encontra-se em pé no chão de pedras onde estão espalhadas três canetinhas coloridas, branca, azul e rosa.

A imagem foi identificada de forma correta, assim como o personagem e suas características. Os desenhos do cartaz possuem personagens que só aparecem do tronco para cima, o que seria importante de ser informado. Devemos evitar o gerúndio, pois nos dá ideia de uma ação contínua, que ainda está sendo executada. Deve-se evitar expressões como felicidade, pois trata-se de um juízo de valor. Poderíamos substituir, por exemplo, por sorrir. As cores citadas não estão condizentes com a imagem devido a má impressão da imagem a qual o grupo teve acesso.

A segunda imagem apresentada a turma foi audiodescrita pelo grupo formado por 5 alunos da licenciatura em história.

1. Veja estas fotos. Elas registram o modo de viver das pessoas de outras épocas.



Foto de Benasi/Coleção Particular
Fotografada em 1911 na 12ª Avenida, Ld. 8111 de 19 de fevereiro de 1908.

Turistas em praia de Santos, São Paulo, em 1925.

Mulheres indo para a inauguração de Brasília, em abril de 1960.

A fotografia é um meio de preservar as lembranças e registrar a história das pessoas.

2. Você e seus colegas vão preparar a exposição *Nossa história*.

3. Tragam fotos de quando eram bem pequenos.

- Na história de vocês há outras pessoas muito importantes. Será uma boa ideia usar fotos delas também.

Figura 14: Duas imagens: Imagem 1 - Foto de Benasi/Coleção Particular, “Turistas em Praia de Santos”, São Paulo, em 1925. Imagem 2 - Arquivo/Folha Imagem, “Mulheres indo para a inauguração de Brasília”, em abril de 1960.

Fonte: Projeto Buriti - Português 3º ano (SANCHEZ, 2011, p. 60).

Oficina 2/ Roteiro do grupo 2: Duas fotografias em preto e branco. A primeira a gente vê sete mulheres e três homens em pé, cinco crianças e uma mulher sentada, todos com trajes de banho. Os homens ou estão com uma espécie de maiô ou com uma blusa e uma bermuda e as mulheres estão com maiô que vai até o meio da coxa e a legenda da imagem é: Turistas em praia de Santos, São Paulo, em 1925. A segunda imagem são quatro mulheres e um fusca. Elas estão dispostas, duas mulheres próximas as portas dianteiras, uma de cada lado, com uma faixa em cima do capô do fusca e duas mulheres próximas aos vidros traseiros. A legenda é: Mulheres indo para a inauguração de Brasília, em abril de 1960.

Consideramos que a imagem foi identificada de forma correta. Foram explicitadas as características dos personagens de maneira adequada, priorizando informações pertinentes ao conteúdo proposto nas questões abaixo das fotos. O grupo teve a preocupação de pesquisar a segunda fotografia para compreender a faixa que se encontra no capuz do fusca. A legenda foi descrita.

O grupo 3 foi responsável pela audiodescrição da figura 15. O grupo foi composto por 3 alunos da licenciatura em história e 1 aluno da licenciatura em geografia.

8 Copie os versos do poema que esta imagem representa.



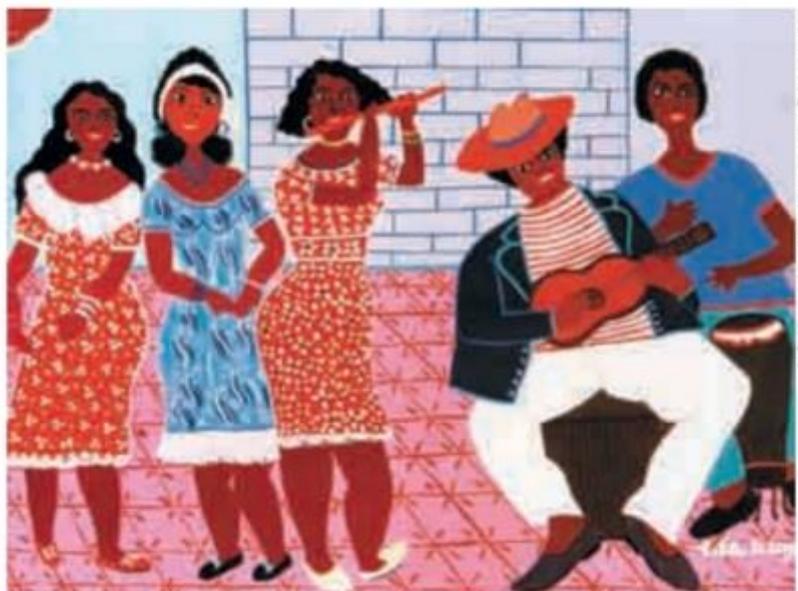
Figura 15: Imagem de Alexandre Dubiela.
Fonte: Projeto Buriti - Português 3º ano (SANCHEZ, 2011, p. 77).

Oficina 2/Roteiro do Grupo 3: Desenho colorido. Ambiente de fundo é um campo com grama baixa e verde, céu azul dá para ver nuvens escuras, pretas tem chuva e raios e vento muito forte. Uma árvore marrom com a raiz fora da terra, folhas verdes e galhos ao vento soltas no espaço.

Na nossa percepção a imagem foi identificada de forma correta, pois foi descrito o primeiro plano e, posteriormente, o segundo plano. Dessa forma, não haveria a necessidade de ser descrito o “*ambiente de fundo*”.

A última imagem audiodescrita na oficina 2 está apresentada na figura 16 e foi audiodescrita por 6 alunos de licenciatura em história.

2 Que instrumentos você observa na pintura? Quais povos trouxeram esses instrumentos para o Brasil?



As mulatas do Zé do Bandolim, de Léa Dray, 1988.

Figura 16: “As mulatas do Zé do Bandolim”, de Léa Dray, 1988.
Fonte: Projeto Buriti - História 3º ano (THAHIRA, 2011, p. 69).

Oficina 2/ Roteiro do Grupo 4: Primeiro plano há cinco pessoas negras adultas, são 4 mulheres e 1 homem. A primeira mulher tem cabelo preto comprido cacheado solto, a mulher sorri, usa vestido rosa de bolinhas, colar branco e brinco de argolas, usa par de sapatos rosa. A segunda mulher tem cabelo pretos na altura dos ombros e usa uma faixa branca na cabeça, usa vestido estampado azul com a barra inferior branca, colar, pulseiras e um par de sapatos pretos, ela também sorri. A terceira mulher tem cabelo preto crespo curto e usa brinco de

argolas e segura uma flauta na altura da boca e usa vestido rosa com estampa florida e um par de sapatos brancos. O homem está sentado e sorri, usa um chapéu marrom e tem cabelo preto curto, usa uma camisa branca com listras vermelhas e um paletó preto aberto segura um bandolim na altura do peito, usa uma calça branca e um par de sapatos marrons. Ele está sentado em um banco marrom. A quarta mulher está atrás, a direita do homem, ela está sentada e sorri, tem cabelo curto, preto e crespo, usa uma roupa azul escura e tem um tambor entre as pernas e usa par de sapatos pretos. O chão é de ladrilhos rosa, ao fundo tem um muro azul com uma parte de tijolos também azul. Legenda: As mulatas do Zé do Bandolim, de Léa Dray, 1988.

A imagem não foi caracterizada, há necessidade de identificar que é uma pintura colorida. As características físicas dos personagens, vestimentas e ambientes foram bem descritos, porém deveriam estar de uma forma mais linear. Caberia uma leitura cuidadosa da obra didática em busca de uma nomenclatura única, como por exemplo a substituição da palavra tambor utilizada nesta audiodescrição por atabaque, que foi utilizada pelo autor em sua obra. Durante o debate a turma identificou que seria importante de levar instrumentos musicais para a sala de aula como auxílio para a aquisição da informação visual pelo aluno cego ou com baixa visão e como fator enriquecedor do conteúdo a toda turma.

Nesta oficina, assim como a primeira, os estudantes demonstraram muito interesse pelo recurso da audiodescrição e demais tecnologias utilizadas por pessoas com deficiência visual. A professora Walceia Barreto também foi muito participativa e contribuiu com considerações sobre as audiodescrições realizadas.

Acreditamos que atingimos o objetivo da oficina, uma vez que os estudantes conseguiram realizar as audiodescrições de forma satisfatória. As considerações realizadas durante as oficinas foram reconhecidas como importantes para o aperfeiçoamento em novas construções de roteiros.

Um fato importante surgido durante esta oficina, foi a questão de citar ou não características subjetivas, como *“ele aponta com expressão de felicidade”*. (Fig.14). O debate foi importante para chegarmos a conscientização que a

criança cega ou com baixa visão ainda está construindo conceitos e sem o sentido da visão as expressões faciais se tornam muito abstratas e as vezes vaga. Dentre as sugestões, optamos por substituir: “*ele aponta com expressão de felicidade*” por “*ele sorri*”. Porém, se o aluno ainda não consegue associar o sorrir como um resultado de felicidade seria importante criar um aposto como contribuição da aquisição de um novo conceito. “*O menino está feliz, ele sorri.*”

A turma sugeriu novas oficinas com temas relacionados a deficiência visual, alegaram que não possuem vivência com alunos cegos ou baixa visão e consideraram de suma importância a aquisição de novos conhecimentos.

4.3.3. Oficina 3

Seguem abaixo as audiodescrições produzidas na oficina 3, nela estavam presentes 20 estudantes das licenciaturas em português, física, filosofia, história e a professora Mônica Vasconcellos.

A primeira imagem apresentada na oficina 3 está explicitada na figura 17 e teve a contribuição de 2 alunos da licenciatura em física e 3 alunos da licenciatura em filosofia.

5 Escreva uma legenda para cada uma das ilustrações, comparando o modo como os idosos são tratados.

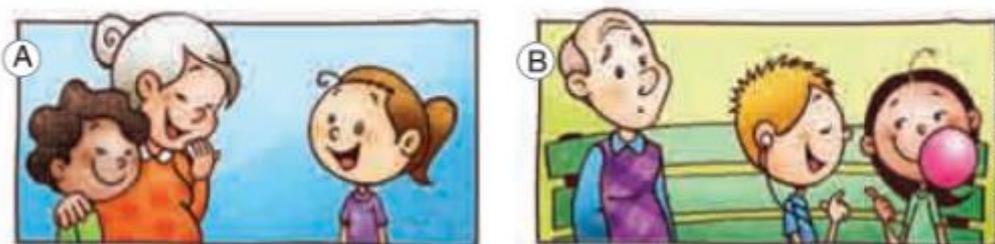


Figura 17: Imagem de Alexandre Matos.
Fonte: Projeto Buriti - Português 3º ano (SANCHEZ, 2011, p. 41).

Oficina 3/Grupo 1: Um quadrinho preto e branco, na esquerda há um menino com cabelos escuros e desgrenhados e com um sorriso no rosto. Pelo ombro do menino está o braço direito de uma senhora de cabelos brancos presos no coque

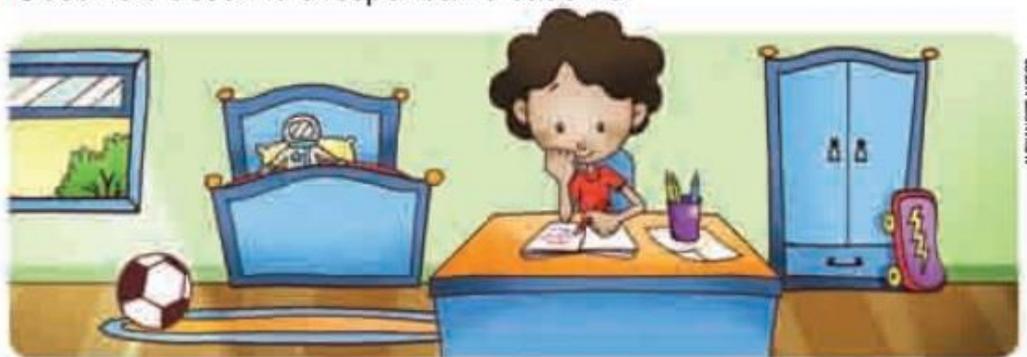
e sorriso no rosto, a mão esquerda dela está sobre a boca. Na frente dos dois está uma menina de cabelos escuros com um fio de cabelo em forma de espiral solto pela testa, o resto do cabelo está preso em um rabo de cavalo e com a boca aberta em forma de sorriso, o fundo da imagem é neutro.

Em quadrinho preto e branco na esquerda tem um senhor calvo com marca de expressão na testa e sobrancelhas levantadas, cabisbaixo, ao lado dele, um menino de perfil, com fone de ouvido, sorriso de lado e olhos fechados que está conversando com uma menina de cabelos soltos que faz uma bola de chiclete na boca.

Para a pesquisadora e a consultora a imagem foi identificada de forma correta, assim como os personagens e suas características. As cores citadas não estão condizentes com a imagem aqui apresentada devido ao fato de termos oferecido ao grupo uma cópia com impressão de pouca qualidade gráfica. Não há necessidade de citar o fundo, pois não há nada nele. As expressões foram muito bem detalhadas, o que possibilitou que toda a turma identificasse a diferença do tratamento que os idosos recebiam em cada uma das imagens.

O grupo 2 foi formado por 3 alunos da licenciatura em história, 2 alunos da licenciatura em letras, 2 alunos da licenciatura em física e 1 aluno da licenciatura em filosofia. A imagem está apresentada na figura 18.

3 Observe o desenho e responda no caderno.



- a) Seu quarto é parecido com o do desenho?
- b) Desenhe em seu caderno como é o seu quarto.
Depois, mostre para os colegas.
- c) De qual parte da sua casa você mais gosta? Por quê?

Figura 18: Imagem de Alexandre Matos.

Fonte: Projeto Buriti - Geografia 2º ano (MAESTU, 2011, p. 41).

Oficina 3/Grupo 2: Desenho colorido. Em primeiro plano há um menino em um quarto. No centro da imagem ele está com um lápis na mão apoiado em um livro. O livro está sobre uma escrivaninha e o menino está sentado. Dentro do quarto, no segundo plano há uma janela aberta, onde pode ver as folhas de uma árvore, mais à direita uma cama e ao seu lado esquerdo uma bola, do lado direito do quarto há um armário e apoiado nele um skate.

A imagem foi identificada de forma correta como desenho colorido, poderia haver maiores informações sobre o personagem, como características físicas e a faixa etária. Faltou referência de lateralidade, pois pela descrição não conseguimos identificar se a cama está ao lado direito do menino ou ao lado direito de quem vê a imagem?

A última imagem apresentada na oficina está apresentada na figura 19. O grupo responsável pela produção da audiodescrição desta imagem foi formado por 2 alunos da licenciatura em física e 5 alunos da licenciatura em história.

1 Observe as fotos.



Família assistindo à televisão em 1955.



Família assistindo à televisão em 2009.

- O que as famílias estão fazendo?
- O que há de parecido quanto à maneira pela qual as famílias realizam essa atividade?
- Observe os aparelhos de televisão. O que há de semelhante e de diferente entre eles?

Figura 19: Duas imagens: Imagem 1 - Foto de Hulton Archive/Keystone/Getty Images, “Família assistindo à televisão em 1955”. Imagem 2 - Foto de Zoonar/Erwin Wodicka/Alamy/Other Images, “Família assistindo à televisão em 2009”.
Fonte: Projeto Buriti - História 3º ano (THAHIRA, 2011, p 115).

Oficina 3/ Grupo 3 Duas imagens. Uma ao lado da outra. A imagem da esquerda é uma foto em preto e branco, a esquerda desta foto uma mulher adulta está sentada em uma poltrona. Ela está de perfil, voltada em direção a uma criança que é um menino. O menino está um pouco à direita de costas, voltado em direção à televisão. Essa criança está em pé e com o braço apoiado na poltrona. No centro da foto, em segundo plano, está uma televisão, a tela está voltada para frente. A tela é pequena, a carcaça da televisão grande, com três grandes botões. A televisão tem a sua própria base e não está apoiada em outro móvel. À direita, de costas e voltado para o centro da imagem um homem de meia idade está sentado em uma poltrona, ele usa óculos. Abaixo da imagem está uma legenda. Família assistindo televisão em 1955. A imagem da direita é uma foto colorida, à esquerda estão sentadas três pessoas de perfil. Elas estão sentadas sobre um tapete no chão. Mais à esquerda, em primeiro plano, uma mulher adulta com camisa branca e calça, ela segura um controle remoto, ao seu lado uma criança com as pernas esticadas, e mais ao fundo, um homem adulto. Os

três estão voltados com os olhos para a televisão, à direita uma televisão de tubo com uma tela grande em cima de uma estante de madeira clara, a tela da televisão é colorida, abaixo da imagem está uma legenda: família assistindo televisão em 2009.

A imagem foi identificada de forma correta como fotografia. Contudo, deve ser evitada a descrição não linear. É necessário terminar de descrever uma pessoa para depois começar a outra. Faltou referência de lateralidade e uma pesquisa prévia sobre o material utilizado na TV antiga. Identificação da legenda de forma correta.

A última oficina ofertada, a oficina 3, desenvolvida durante a aula da Professora Mônica Vasconcellos, assim como as oficinas anteriores teve muita receptividade pelos estudantes e pela docente.

Os estudantes consideraram que a construção de roteiros audiodescritivos foi uma atividade mais complexa do que eles acreditavam ser, alguns não imaginavam a possibilidade de tradução em palavras das imagens.

Durante a oficina observamos a preocupação dos participantes de fornecerem informações de elementos necessários para o aluno com deficiência visual viesse a solucionar a questão.

Assim como as demais oficinas, acreditamos que oferecemos subsídios necessários para a construção de audiodescrições de imagens e, desta forma, consideramos o objetivo da oficina alcançado.

Observamos durante as três oficinas que os participantes, alunos de licenciatura, estavam preocupados em fornecer o maior número de informações possíveis sobre a imagem. Essa atitude se deve à reflexão que levamos no início da oficina, segundo os participantes.

As informações podem ser entendidas como traduções das imagens e consolidam com os conceitos apresentados por Jakobson (1980), em relação à tradução intersemiótica. A tradução do signo não verbal (imagem) para signo verbal (roteiro da AD), permitindo desta forma o acesso das informações da imagem pela pessoa com deficiência visual.

O autor prevê o sentido inverso, tradução de signos verbais para signos não verbais, porém, a ampliação deste conceito, tornando possível a compreensão da AD no campo da tradução é discutida em estudos de Costa (2014).

Costa (2014, p.49), ainda, exemplifica temas discutidos sobre estudos da tradução no campo da AD, como: interpretação e equivalência para reflexões. “Esses conceitos podem fornecer novas e enriquecedoras perspectivas para o campo”.

A preocupação pelo aluno com deficiência visual ficou evidente, os participantes das oficinas identificaram dificuldades que a pessoa com deficiência encontra ao realizar uma prova com imagens sem audiodescrição.

Correções foram sugeridas como mostramos nas considerações, como por exemplo, a descrição não linear. A falta de uma construção linear que foi presente em algumas audiodescrições, para o aluno cego poderá se tornar uma dificuldade a sistematização da informação visual. Este fato contribuiu para refletimos juntamente com Rangel et al (2010) em relação a criações imagéticas pelos cegos, através da neuroplasticidade.

A consultora cega Aparecida Pereira Leite, colaboradora da pesquisa, ao ouvir descrições que não seguiram a regra citada explicou para os estudantes que: “Já que a gente não enxerga, a nossa imagem mental é muito linear, esse vai e volta é muito complicado”.

Os participantes mostraram interesse de ter acesso aos roteiros produzidos durante as oficinas e, a partir deste interesse, construímos um grupo virtual no Facebook, “Audiodescrição de Imagens: Livro Didático”, onde eles e outros profissionais da educação poderão ter acesso aos roteiros produzidos e também contribuir com novas considerações e novos roteiros.

As orientações apresentadas nos slides contribuíram para a construção dos roteiros, porém ampliamos e tornamos mais dinâmicas estas orientações no guia orientador, após percebemos algumas dificuldades pelos participantes.

Muitos participantes tinham o conhecimento sobre a existência de leis que favorecem a inclusão do aluno com deficiência em classes regulares, mas não tinham o conhecimento sobre os recursos que poderiam ser utilizados pelos alunos com deficiência visual. Os colegas que presenciavam as apresentações

desejaram não ter tido acesso à imagem audiodescrita, pois isso os ajudaria a refletir sobre a construção imagética que todos temos de realizar. Desta forma, todos também auxiliaram na revisão dos roteiros.

Muitas perguntas surgiram durante as oficinas, tais como: o material didático utilizado em sala de aula; sobre as diferentes patologias que levam a cegueira e a baixa visão; a educação em uma escola especializada, entre muitas. A consultora colaboradora foi fundamental não apenas para validar as audiodescrições como também por ter levado informações didáticas e pessoais, visto que ela foi aluna do Instituto Benjamin Constant e professora de história do estado do Rio de Janeiro.

Foi muito importante ampliarmos a discussão nas oficinas para além da audiodescrição, pois é necessário conhecermos também o aluno com deficiência, sobre a sua patologia, as tecnologias que ele domina e estão disponíveis em casa e que podem ser utilizadas, sobre seus direitos e deveres. A audiodescrição é apenas um viés de uma grande rede da qual o aluno com deficiência visual participa, porém muito importante para sua aprendizagem.

Diante dos conhecimentos gerados por meio das oficinas, sistematizamos o conteúdo do guia da seguinte forma:

- A Inclusão Escolar e o professor
- A imagem e o cego
- A Audiodescrição
- O Livro Didático
- Audiodescrição de imagens estáticas
- Orientações de como produzir um roteiro audiodescrito
- Exemplos de descrições de imagens presentes em livro adaptado em braille
- Roteiros audiodescritivos produzidos nas oficinas para consulta
- Atividades
- Indicações de sites
- Bibliografia

O guia está disponível no grupo do Facebook Audiodescrição de Imagens: Livro Didático e no Apêndice 3.

4.4. MATERIAL DISPONÍVEL NO GRUPO

Com a criação do grupo Audiodescrição de Imagens: Livro Didático pretendemos oferecer uma gama de informações sobre o recurso, como textos, vídeos, divulgação de eventos, cursos e sobretudo disponibilizamos as imagens audiodescritas durante a pesquisa. O grupo se manterá ativo após a defesa da dissertação com a proposta colaborativa com os membros visando, assim, a construção e compartilhamento de novos roteiros audiodescritivos e a troca de informações que venham a contribuir para uma melhor inclusão escolar da pessoa com deficiência visual.

Os professores poderão utilizar as audiodescrições disponíveis no grupo com os alunos com deficiência visual, não necessitando de autorização da moderação do grupo, do autor e/ou editora, visto que segundo a Lei nº 9.610 que versa sobre direitos autorais não constitui ofensa de direitos autorais desde que seja utilizada de forma acessível para pessoas com deficiência visual.

4.5. O PRODUTO FINAL - GUIA INFORMATIVO

O conteúdo proposto no guia foi esboçado a partir das oficinas ministradas, através dos dados coletados e dos roteiros coproduzidos.

A imagem da capa utiliza o símbolo universal da deficiência visual alternados com o símbolo da audiodescrição, o logo produzido e utilizado no grupo virtual também está presente na capa como ideia de continuidade do trabalho desenvolvido.

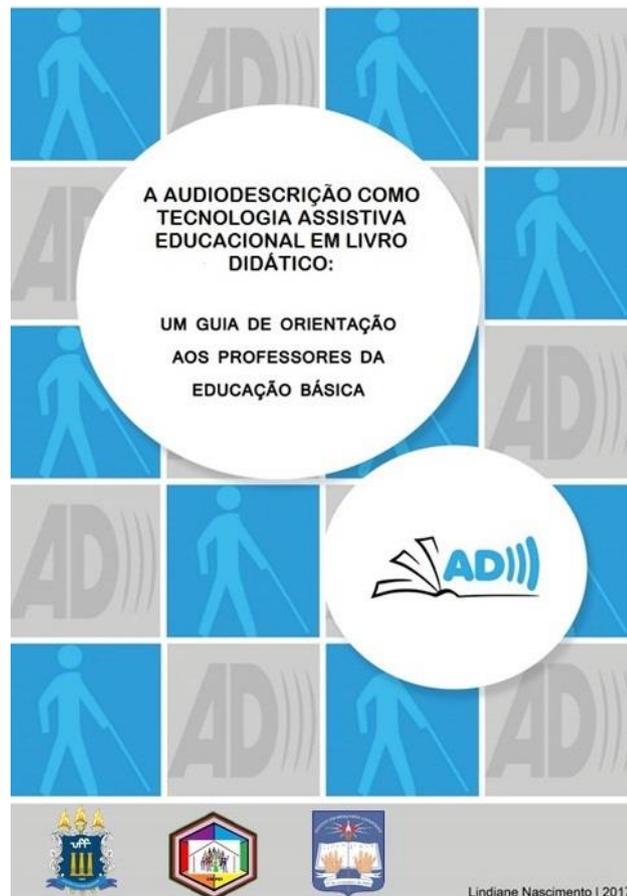


Figura 20: Capa do guia de orientação sobre o uso da Audiodescrição.
Fonte: Elaboração própria.

No guia, assim como no grupo virtual, há uma coletânea de imagens audiodescritas elaboradas nas oficinas e revisadas pela pesquisadora e a consultora cega. Acreditamos que através do guia, os professores sejam capazes de construir novos roteiros e adequar as escolhas tradutórias a partir de sinalizações dos seus alunos.

Para Maristela Dalmolin:

É importante também que, após finalizar a tradução de qualquer imagem, o audiodescritor a apresente a um consultor (pessoa com deficiência visual) que fará suas considerações com relação à forma como aquela imagem foi traduzida bem como a sua compreensão. Em sala de aula, por ser um espaço de interação, o professor assume o papel de audiodescritor e os alunos de consultores ao sinalizarem pontos que podem gerar dúvida ao

entendimento global de uma gravura, foto, tabela, história em quadrinho, entre outros. (DALMOLIN, 2015, p. 19)

4.6. AVALIANDO O GRUPO VIRTUAL E O GUIA ORIENTADOR

A verificação do Grupo Virtual e do Guia Orientador foi realizada pelas professoras Margareth de Oliveira Olegário e Rachel Ventura Espinheira, do Instituto Benjamin Constant e participantes da pesquisa. Margareth é cega e trabalhava com 6 estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental. A professora Rachel estava dando aulas para 8 estudantes do quarto ano do Ensino Fundamental, em 2016. Todos os estudantes são cegos e utilizavam os livros em braille adaptados pela Imprensa Braille.

Após o consentimento, elas foram inseridas no grupo Audiodescrição de Imagens: Livro Didático para acesso ao Guia e às imagens audiodescritas nas oficinas. Ambas são participantes da Comissão de Audiodescrição do IBC e possuem experiência de mais de dez anos em assuntos relacionados a educação de alunos com deficiência visual. Suas contribuições foram fundamentais e tornaram possíveis a sistematização de dificuldades e estruturação do guia em questão.

A avaliação do Grupo Virtual e do Guia Orientador se deu através de um questionário misto, construído com questões fechadas e abertas respondido pelas professoras.

4.7 AVALIAÇÃO DOS PRODUTOS

Como já informamos anteriormente a avaliação dos produtos, o grupo virtual no Facebook e o guia orientador se deu através de um questionário misto.

As participantes responderam o questionário que foi enviado por e-mail e através das respostas foi possível uma avaliação pontual sobre o conteúdo, não havendo pontuações negativas sobre o material.

4.8. VALIDAÇÃO DO GRUPO VIRTUAL

As participantes consideraram o Grupo Virtual de muita relevância, onde informaram que seria possível utilizar as audiodescrições presentes no guia com seus alunos desde que estivessem dentro do plano de aula.

Para Rachel Ventura Espinheira:

É um ótimo grupo para auxiliar os professores em sala de aula na construção de uma audiodescrição. O site é de fácil acesso e possui vários exemplos, facilitando o aprendizado e independência do professor.

Para Margareth Oliveira Olegário:

O grupo é bastante interessante, o conteúdo é proveitoso. Também sugiro como dinâmica no grupo, postagens sobre como tornar acessíveis os livros didáticos como proposta de discussões.

As participantes sinalizaram que indicarão o grupo para colegas professores, pois o Facebook é um ambiente com acessibilidade, sendo possível, por exemplo a navegação por pessoas cegas através de leitores de tela e pelo celular. Porém “as imagens não são acessíveis, mesmo o Facebook tendo criado uma ferramenta de leitura de imagens, elas são traduzidas pobremente”, como nos relatou a professora Margareth.

Este relato nos conduziu a refletir que a audiodescrição é uma área que demanda profissionais e também uma melhor formação daqueles que já atuam nos espaços de comunicação. Tal constatação aumenta a nossa preocupação e responsabilidade ao disponibilizar audiodescrições das imagens que farão parte do Grupo Virtual, bem como com o conteúdo do guia.

Vejam, que a participação da professora Margareth, assim como, de novos participantes do grupo no Facebook com deficiência visual poderá, também, ser de consultora que, para Mianes (2016), é aquela pessoa que sugere alterações, podendo também orientar sobre o uso de palavras e conceitos apropriados aos usuários.

A sugestão, da mesma professora, em criar postagens para discussões reforça o nosso objetivo de manter um ambiente colaborativo e de aprendizagem.

Em estudo de Aquino e Brito (2012) encontramos informações que apoiam o nosso objetivo de interação e colaboração com a criação do grupo no Facebook:

O Facebook oferece várias funcionalidades que promovem a interação entre seus usuários, como chat, blog, feed, timeline, entre outras. É possível também a criação de grupos de interesse que podem aglutinar pessoas que tenham interesses em comum, trazendo algumas das funcionalidades do Facebook para funcionar particularmente para um determinado grupo. (AQUINO E BRITO, 2012, p.3)

4.9. VALIDAÇÃO DO GUIA AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA ASSISTIVA EDUCACIONAL EM LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

As participantes receberam o guia em PDF por e-mail para avaliação. Elas consideraram o guia de muita relevância, afirmando que o conteúdo é adequado para o professor sem experiência e também para o professor que possui experiência prévia com a educação de estudantes com deficiência visual.

Para Margareth Oliveira Olegário:

O guia é adequado ao professor que desconhece o recurso da audiodescrição, pois nele podemos encontrar desde a definição da audiodescrição, informações sobre a relação da imagem e o cego, as regras e a bibliografia para aprofundamento caso haja interesse.

Para o professor que já possui experiência com alunos com deficiência visual também é importante, pois oferece a oportunidade do professor repensar a prática em vista à AD.

Para Rachel Ventura Espinheira:

Ele (o guia) facilita o aprendizado do professor que desconhece o recurso da audiodescrição e disponibiliza vários exemplos de áudio descrição facilitando assim o trabalho do docente.

Para o professor com experiência é importante, pois para se fazer um bom roteiro de áudio descrição é necessário o estudo contínuo desse tema.

Foi satisfatório para a pesquisa a resposta apresentada pelas profissionais. Confirmar, com pessoas com tal experiência, que o guia poderá contribuir com a prática escolar do professor foi considerado por nós como um passo importante, embora tenhamos consciência da necessidade de realizar, após a defesa da dissertação e do registro na Biblioteca Nacional, novas avaliações por meio eletrônico e também presencial.

A professora Rachel nos informou que possui conhecimentos específicos sobre a audiodescrição e que utiliza o recurso em sala de aula para potencializar a aprendizagem dos seus alunos. Por outro lado a professora Margareth, quando perguntada sobre a audiodescrição em sala de aula, nos contou que está é uma dificuldade em sua vida profissional, visto que ela é uma professora com deficiência visual. Ela nos disse que há falta de materiais audiodescritos que possam ajudá-la no seu trabalho com os estudantes também cegos.

Esse relato da docente reforça ainda mais a nossa consciência de que essa pesquisa traz consigo a geração de produtos que serão de grande ajuda para professores videntes que trabalham com estudantes com deficiência visual, mas também para professores cegos ou com baixa visão que poderão usar os roteiros disponibilizados na página do Facebook como uma importante tecnologia para sua ação profissional.

A disponibilização dos roteiros audiodescritos das imagens presentes nos livros didáticos, além de poder ser ouvido pelo docente, poderá ser gravado e levado para a sala de aula para que os estudantes tenham acesso, às informações, que até mesmo a professora perde devido a falta de disponibilização acessível de audiodescrições. Em suas palavras:

As descrições das imagens quando presentes nos livros didáticos são insuficientes para o professor cego, elas não trazem subsídios necessários para o processo de ensino e de aprendizagem.

Sobre as considerações gerais para o guia, as professoras relataram que:

Tenho dificuldades de encontrar materiais audiodescritos para inserir na minha prática escolar, o guia pode me ajudar quando nele também estão disponibilizados roteiros audiodescritos de imagens dos livros que utilizo em sala de aula com os meus alunos. (Margareth Oliveira Olegário)

É um ótimo guia para auxiliar os professores em sala de aula na construção de uma audiodescrição. (Rachel Ventura Espinheira)

Dessa maneira, acreditamos que o guia proporcionará ao professor da educação básica acesso a informações necessárias que lhe possibilitarão a utilização do recurso da audiodescrição, não somente como ferramenta difusora, mas como mediadora do processo de conhecimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que alcançamos o objetivo da pesquisa ao construirmos um guia de apoio ao professor da educação básica para a realização de audiodescrição de imagens presentes em livros didáticos.

Temos a consciência que novos estudos e avaliações deverão ser realizados para manter o guia e o grupo virtual atualizados.

Manter o grupo virtual atualizado e com o status aberto nos faz projetar a presença de um maior número de participantes, o que possibilitará manter um ambiente colaborativo e, desta forma, galgamos que mais imagens sejam disponibilizadas através de novos participantes.

5.1. CONCLUSÕES

O objetivo geral foi desenvolver estudos visando a construção de um guia de apoio ao professor da educação básica para a realização de audiodescrição de imagens presentes em livros didáticos. Para alcançar o objetivo geral da pesquisa traçamos quatro objetivos específicos que foram atendidos durante o desenvolvimento da pesquisa.

Iniciamos pela pesquisa bibliográfica que nos permitiu um arcabouço teórico sobre o recurso da audiodescrição e sobre o uso do livro didático pelo aluno com deficiência visual.

A participação do Instituto Benjamin Constant, como instituição parceira, nos permitiu a aproximação de profissionais que trabalham com a audiodescrição, assim como o conhecimento do processo de adaptação dos livros didáticos. Desta forma, atingimos o segundo objetivo específico que nos permitiu coletar dados importantes para a construção do guia.

Acrescentamos, que durante a vivência da pesquisadora, no IBC, foram coletados dados que ainda não havíamos encontrado em literaturas, como, por exemplo, a utilização da descrição de imagens e não da audiodescrição nas imagens dos livros adaptados. Nesta pesquisa exemplificamos a distinção entre elas.

Destacamos a importância de um consultor com deficiência visual como participante da pesquisa, membro da comissão de audiodescrição do IBC, pois

percebemos a necessidade de uma avaliação técnica sobre o recurso da audiodescrição por um usuário cego.

As atividades, previstas no terceiro objetivo específico, ocorreram em forma de oficinas e permitiram que novos conhecimentos fossem compartilhados e construídos juntamente com os participantes. A ideia da criação do grupo virtual como parte do produto final surgiu durante as oficinas; produzimos os roteiros audiodescritivos de imagens como parte do acervo que estamos construindo. As imagens estão disponíveis no Grupo Virtual e no Guia Orientador com a revisão final realizada pela pesquisadora e a consultora.

Finalmente, após a construção do guia orientador e do grupo virtual construído a partir das necessidades apresentadas nas oficinas e das contribuições da instituição coparticipante tivemos a participação de duas professoras como avaliadoras.

A avaliação dos produtos atendeu às expectativas e acreditamos que irá contribuir com a atividade didática dos professores de forma a proporcionar a inclusão escolar do aluno com deficiência visual.

Sabemos que somente o conhecimento sobre a tecnologia da audiodescrição não seja necessário para uma efetiva inclusão escolar, este ideário de inclusão vem crescendo desde década de 1990, a partir da Declaração de Salamanca.

Novos estudos e conhecimentos devem ser estimulados. Porém, temos a perspectiva que os produtos produzidos durante a pesquisa contribuam com uma educação mais inclusiva e igualitária.

Nesta pesquisa abordamos a audiodescrição como tecnologia educacional assistiva, porém ela vai além deste conceito. Acreditamos que estudos como o nosso possibilitam ampliar a compreensão sobre o tema em diferentes âmbitos, muito embora aqui tratado no espaço educacional, o conceito e uso ultrapassam esse lugar e poderá levar a aprofundamentos em outras áreas e utilizações.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1. OBRAS CITADAS

ALBERNAZ, Nemo Henrique da Cunha. Uma visão sobre a nova tecnologia assistiva: MEC Daisy. Inclusão: Revista Educação Especial, Brasília, v.5, n. 02, p. 72, jul/dez. 2010.

ARAÚJO, Aline Karoline da Silva. O livro acessível: um auxiliar no acesso à informação para deficientes visuais. Natal, RN, 2014.

AQUINO, A; BRITO, A. Estudo da viabilidade do uso do facebook para educação. XX Workshop sobre Educação em Computação. Anais do Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira Computação. 2012.

BAIRRO, Catiane Colaço de. Livro didático: um olhar nas entrelinhas da sua história. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/.../Cj5GgE6L.doc>. Acesso em 10/06/2014.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BEZERRA, Lia Monguilhott. Projeto Buriti: Ciências 2º ano / obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196/96. Diretrizes e Normas Regulamentadoras sobre Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/docs/Resolucoes/reso196.doc>>. Acesso em 15/06/14.

_____. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>.

_____. Lei nº 10.098, Brasília- DF, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm>. Acesso em 29/01/2014.

_____. Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2005. Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, e nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em 02/09/2015.

_____. Ministério da Educação. Normas técnicas para a produção de textos em Braille. Brasília: Seesp, 2006.

_____. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Comitê de Ajudas Técnicas. Tecnologia Assistiva. Brasília: CORDE, 2009. 138 p.

_____. Nota Técnica nº 21, 10 de abril de 2012/MEC/SECADI/DPEE. Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível –Mecdaisy.

_____. Lei nº 13.146, Brasília-DF, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 01/09/2016.

CARVALHO, Castelar de. Para Compreender Saussure: Fundamentos e Visão Crítica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COSTA, Larissa Magalhães. Audiodescrição em filmes: história, discussão conceitual e pesquisa de recepção. 2014. 401p. Tese de doutorado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

DALMOLIN, Maristela. Memória coletiva: audiodescrição em sala de aula. 2015, 105p. Dissertação (Mestrado em Memória Social). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>.

DOMINICK, Rejany dos S. “Discutindo e conceituando as tecnologias para a formação de professores na EJA-I e na diversidade”. In: MEDEIROS, C. C. Educação de jovens, adultos e idosos na diversidade: saberes, sujeitos e práticas. Niterói: UFF/CEAD, 2015. p. 295-314.

DOMINICK, Rejany dos S. Tecnologias e formação de professores: provocações. In: LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino. (Orgs.). Didática e Prática de ensino na relação com a escola. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2015, v. 1, p. 04505-04517.

DOMINICK, Rejany dos S.; SOUZA, Neiva V. Tecnologias em diálogo na formação de professores. Revista Aleph, Niterói, Ano 5, n. 15, p. 50-64, agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistaleph/pdf/revista15.pdf>>.

FAZENDA, Ivani C. Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. Papirus editora, 2006.

FILGUEIRAS, Lúcia Maria; PEREIRA, Luzia Helena; MELCA, Fátima Maria. Processo ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educativas especiais: deficiente visual. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UNIRIO, 2008. v.1.

FRANCO, E. P. C. e SILVA, M. C. C. C. Audiodescrição: Breve Passeio Histórico. In MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (orgs): Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Editora Atlas 2006.

HAAS, Celia Maria. A Interdisciplinaridade em Ivani Fazenda: construção de uma atitude pedagógica. International Studies on Law and Education 8 mai-ago, 2011. CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. Cultrix, São Paulo, 10ª edição, 1980.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LIMA, Francisco José, LIMA, Rosângela A. F.; VIEIRA, Paulo A. M. O Traço de União da Áudio-descrição. Versos e controvérsias. Revista Brasileira de Tradução Visual, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2009. Disponível em <http://rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewPDFInterstitial/11/8>. Acesso em 20/01/2014.

LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, n. 73, ago. 2005. Disponível em: <<http://ppgich.ufsc.br/files/2009/12/TextoCaderno73.pdf>>. Acesso em 20/05/2015.

MAESTU, Juliana. Projeto Buriti: Geografia 2º ano / obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2011.

MIANES, Felipe. Consultoria em audiodescrição: alguns caminhos e possibilidades. In: Carpas, Daiana. (Org.) Audiodescrição: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul, Editora Catarse, 2016. p. 10-21.

MIRANDA LUÍSA; MORAIS, Carlos; ALVES, Paulo; DIAS, Paulo. Redes sociais na aprendizagem. In: BARROS, D.M.V. et al. Educação e tecnologias: reflexão, inovação e práticas. Lisboa: [s.n.], 2011.

OLIVEIRA, Ana Flávia e ALVES, Valquíria. Reflexões sobre a importância da áudio-descrição na prática pedagógica inclusiva. Revista Brasileira de Tradução Visual, v. 16, Sessão Principal, 2013.

PARAGUAY, A. I. B. B.; SPELTA, L. L. ; SIMOFUSA, M. H. . Padrão DAISY 3 ou NORMA ANSI/NISO Z39.86-2002 Solução Universal?. In: ATIID 2005 - III Seminário e II Oficinas, 2005, São Paulo. Anais ATIID. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2005. v. 1. Disponível em: <http://www.prod.am.gov.br/multimedia/midia/cd_atiid/conteudo/ATIID2005/MR3/04/PadraoDaiSY3-NormaZ3986-2002.pdf>. Acesso em 04/02/2017

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vítor. Facebook: rede social educativa? In I Encontro Internacional TIC e Educação. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. 2010. p. 593-598.

PLAZA, Júlio. Tradução Intersemiótica, São Paulo, 1ª edição, 2003

PROJETO MECDAISY. Nota técnica. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/>>.

RANGEL, Maria Luíza; DAMASCENO, Luísa Azevedo; SANTOS FILHO, Carlos Alberto; OLIVEIRA, Felipe; JAZENKO, Fernanda; GAWRYSZEWSKI, Luiz G.; PEREIRA, Antonio. Deficiência visual e plasticidade no cérebro humano. Psicologia. Teoria e Prática, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 197-207, 2010.

SANCHEZ, Marisa Martins. (Ed. responsável). Projeto Buriti: Português 3º ano / obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. São Paulo: Moderna, 2011.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. Revista Inclusão, Nº 01, p.07-18, Outubro/2005.

SANTOS, Allan; FERREIRA, Fernando; VALE, Hyléa; LIVRAMENTO, Maria do; DALMOLIN, Maristela; BARBOSA, Paula. O processo de adaptação de livros didáticos e paradidáticos na inclusão de alunos cegos em escolas especiais e inclusivas. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 20, edição especial, p. 48-57, nov. 2014.

SANTOS, Sueli Souza dos. Linguagem e Subjetividade do cego na escolaridade inclusiva. 2007. 202 p. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação, Porto Alegre, RS.

SCHWARTZ, Letícia. O outro lado da moeda. In Motta, Livia e FILHO, Paulo (org.) Audiodescrição Transformando Imagens em Palavras. Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, São Paulo, 2010.

SIHLER, A. P. Comunidades Virtuais: Aprendizagem Colaborativa. In: Comunidades Virtuais: Aprendizagem Colaborativa, 2011, Brasília. Comunidades Virtuais: Aprendizagem Colaborativa, 2011.

SOUSA, Ivan. Tecnologia Acessível: reflexões sobre a utilização de recursos tecnológicos sonoros como acessibilidade aos textos literários para o aprendiz com deficiência visual. Desafios, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 84-103, jul. 2015. Disponível em: <<https://sistemas2.uft.edu.br:8004/index.php/desafios/article/view/925>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

STREIT, Jacob. Luiz Braille: a grande invenção de um menino cego: a escrita para quem perdeu a luz dos olhos. Tradução por Edith Asbeck, São Paulo: João de Barro Editora, 2012.

TALEB, A. C.; FARIA, M. A. R. ; ÁVILA, Marcos P de ; MELLO, P. A. A. As Condições de Saúde Ocular no Brasil. 1. ed. São Paulo, SP: Walprint Gráfica e

Editora. 2012. v. 1. 162p. Disponível em: <<http://www.cbo.com.br/novo/medico/pdf/01-cegueira.pdf>>. Acesso em 04/02/2017.

TAVARES, Fabiana dos Santos Silva e LIMA, Francisco José- Subsídios para a construção de um código de conduta profissional do áudio-descritores. Revista Brasileira de Tradução Visual - RBTv, v. 5, p. 01-25, 2010.

THAHIRA, Rosane Cristina. (Ed. responsável). Projeto Buriti: História 3º ano / obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2011.

THIESEN, Juarez. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 545, 2008.

THIOLLENT, Michel. Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária. Editora Polis. 3. ed. São Paulo, 1982.

TRAMAD. Grupo de Pesquisa de Tradução, Mídia e Audiodescrição-<http://audiodescricao.com/site/>. Acesso em 01/12/2013.

VER COM AS PALAVRAS. Definições. 2010. Disponível em: <<http://www.vercompalavras.com.br/definicoes>>.

VERGARA-NUNES, Elton; LEDO, R. Z.; VANZIN, T.; ULBRICHT, V. R.; LUZ FILHO, Sílvio Serafim da. Conhecimento escolar acessível: as possibilidades da audiodescrição na educação. In: COSTA, Edemir; RIBAS, Júlio César da; LUZ FILHO, Sílvio Serafim da. (Org.). Mídia, educação e subjetividade: disseminando o conhecimento. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. v. 2, p. 197-228.

VIEIRA, P. A. M. ; LIMA, Francisco José de . A teoria na prática: áudio-descrição, uma inovação no material didático. Revista Brasileira de Tradução Visual, v. 2, p. seção principal, 2010.

VIVEIROS, Edval Rodrigues; DE CAMARGO, Eder pires. Deficiência visual e educação científica: orientações didáticas com um aporte na neurociência cognitiva e teoria dos campos conceituais. **Góndola, enseñanza y aprendizaje de las ciencias. (bogotá, colombia)**, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 25-50, 2014. ISSN 2346-4712. disponível em: <<http://revistas.udistrital.edu.co/ojs/index.php/gdla/article/view/5095>>. Acesso em 10/04/2017

6.2. OBRAS CONSULTADAS

ABREU, Elza Maria et al. Braille!? O que é isso? 1ª ed. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2008. (Série Dorina Nowill).

AUDIO DESCRIPTION COALITION- Diretrizes para Áudio-descrição e Código de Conduta Profissional para áudio-descritores Baseados no Treinamento e

Capacitação de Áudio-descritores e Formadores dos Estados Unidos 2007-2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 29/01/2014.

_____. Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação

Especial. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em 15/06/2014.

_____. Decreto nº 7084, 27 de janeiro de 2010. Dispõe sobre os programas de material didático e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7084.htm. Acesso em 29/01/2014.

CAMPELLO, Paula e SERFATY, Claudio. Aspectos Biológicos da deficiência visual. Rio de Janeiro: Editora UNIRIO, 2008.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais. Salamanca/Espanha: Unesco, 1994. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 15/06/2014.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT. 150 anos do Instituto Benjamin Constant. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Fundação Cultural Monitor Mercantil, 2007.

KASTRUP, Virginia. “Será que cegos sonham?": o caso das imagens táteis distais- Psicologia em Estudo, Maringá, v. 18, n. 3, p. 431-440, jul./set. 2013. Disponível em <http://biblioteca.versila.com/3803803> . Acesso em 05/09/2016

MEC- Ministério da Educação. Programa Nacional do Livro Didático- http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=668id=12391option=com_contentview=article. Acesso em 20/01/2014.

MORAIS, Diele Fernanda Pedrozo- Artes visuais para deficientes visuais: o papel do professor no ensino de desenho para cegos. V Encontro do Grupo de Pesquisa “Educação, Arte e Inclusão” Florianópolis/SC - 19 e 20 de Outubro de 2009 Tema: Tecnologias e Materiais Educativos no Contexto Inclusivo.

MOTTA, L. M. V. Inclusão Escolar e Audiodescrição. Revista Ciranda da Inclusão, abril, 2010.

PLETSCH, Márcia e CARVALHO, Carlos Roberto- Editorial do Dossiê Processos de Inclusão e Exclusão Escolar e Movimentos Sociais. Revista Teias v.12, nº 24, p. 01-08- jan/abr. 2011.

RIBEIRO, Ernani Nunes e LIMA, Francisco José. Contribuições da áudio-descrição para a aprendizagem de educandos surdos. Disponível em

<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/view/127/207> Acesso em 27/01/2014.

VON DER WEID, Olivia. “Visual é só um dos suportes do sonho”: práticas e conhecimentos de vidas com cegueira. RJ: PPGSA / IFCS / UFRJ, 2014. XII, 472f.il.29,7cm (Tese de Doutorado)

7. APÊNDICES

7.1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezada Aparecida Pereira Leite, você foi selecionada para participar como colaboradora na Pesquisa de Mestrado do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense, intitulada “A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA” e que está sendo escrita por Lindiane Faria do Nascimento. A sua escolha deveu-se ao fato de ser consultora em audiodescrição. Sua participação contribuirá para a elaboração de um guia de orientação aos professores da educação básica sobre audiodescrição de imagens em livros didáticos. Todas as informações coletadas ajudarão na estruturação do guia, da dissertação de mestrado e na elaboração de artigos e/ou trabalhos que poderão ser publicados em encontros e/ou revistas científicos.

Sua participação é **voluntária** e sua identidade não será revelada em nenhum momento de produção ou publicação deste guia, sendo garantido o sigilo total sobre sua participação, se for de seu interesse. Poderemos citar seu nome como colaborador do estudo e nos agradecimentos, caso haja sua autorização.

Você pode **desistir** de participar do projeto a qualquer momento, contudo os dados fornecidos durante o processo estarão disponíveis para serem analisados pelo estudo, resguardando o seu direito ao sigilo e o nosso de utilização das informações prestadas até o momento em que cessou sua vontade de participação e de contribuir com o estudo. Fica garantido que seu envolvimento em nossa proposta não trará à sua pessoa qualquer vantagem ou prejuízo de qualquer ordem ou tipo. Sua contribuição consistirá em oferecer assessoria/consultoria nas oficinas e pesquisa.

Seu conhecimento é fundamental para que o guia atenda às necessidades reais dos profissionais nas escolas e ajude na estruturação de uma educação inclusiva com qualidade.

Cordialmente

Lindiane Faria do Nascimento

1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Aparecida Pereira Leite, consultora em audiodescrição, CPF 01845974719 declaro que li as informações da página 1 deste termo de livre consentimento e esclarecimento e estou de acordo em participar voluntariamente com informações orais e escritas para o projeto de pesquisa "**A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**". Estou ciente de que está assegurado o sigilo das informações por mim prestadas, com a garantia de não haver ônus ou bônus à minha pessoa. Estou ciente de que o destino das informações que serão fornecidas pela minha pessoa contribuirá para elaboração da dissertação de mestrado da professora Lindiane Faria do Nascimento e de um guia de orientação aos professores sobre a audiodescrição. Concordo em contribuir com assessoria em audiodescrição e informações sobre minha atividade profissional como consultora. Entendo também que essa contribuição não se configura autoria ou qualquer vantagem ou direito sobre a dissertação de mestrado ou sobre o guia que será produzido.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2016

Aparecida P. Leite

Assinatura do participante

Eu, Aparecida Pereira Leite, consultora em audiodescrição, CPF 01845974719 autorizo a autora do projeto de pesquisa "**A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**", Lindiane Faria do Nascimento, a citar meu nome como colaboradora e nos agradecimentos de seu trabalho.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2016

Aparecida P. Leite

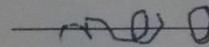
Assinatura do participante

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Margareth de Oliveira Olegário**, profissional da educação básica do Instituto Benjamin Constant, CPF 030101657-73 declaro que li as informações da página 1 deste termo de livre consentimento e esclarecimento e estou de acordo em participar voluntariamente com informações orais e escritas para o projeto de pesquisa "**A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**". Estou ciente de que está assegurado o sigilo das informações por mim prestadas, com a garantia de não haver ônus ou bônus à minha pessoa. Estou ciente de que o destino das informações que serão fornecidas pela minha pessoa contribuirão para elaboração da dissertação de mestrado da professora Lindiane Faria do Nascimento e de um guia de orientação aos professores sobre a audiodescrição. Concordo em contribuir com informações para o trabalho, por meio de respostas sobre a avaliação do guia e minha atividade profissional com alunos com deficiência visual mediada pelo livro didático. Entendo também que essa contribuição não se configura autoria ou qualquer vantagem ou direito sobre a dissertação de mestrado ou sobre o guia que será produzido.

Estou ciente de que posso **desistir** de participar do projeto a qualquer momento, mas que os dados fornecidos durante o processo estarão disponíveis para serem analisados pelo estudo, resguardando o meu direito ao sigilo.

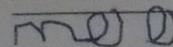
Rio de Janeiro, 01 de junho de 2016



Assinatura do participante

Eu, **Margareth de Oliveira Olegário**, profissional da educação básica do Instituto Benjamin Constant, CPF 030101657-73 autorizo a autora do projeto de pesquisa "**A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**", Lindiane Faria do Nascimento, a citar meu nome como colaboradora e nos agradecimentos de seu trabalho.

Rio de Janeiro, 01 de junho de 2016



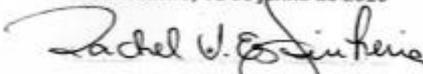
Assinatura do participante

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Rachel Ventura Espinheira**, profissional da educação básica do Instituto Benjamin Constant, CPF 02536582760 declaro que li as informações da página 1 deste termo de livre consentimento e esclarecimento e estou de acordo em participar voluntariamente com informações orais e escritas para o projeto de pesquisa **"A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA"**. Estou ciente de que está assegurado o sigilo das informações por mim prestadas, com a garantia de não haver ônus ou bônus à minha pessoa. Estou ciente de que o destino das informações que serão fornecidas pela minha pessoa contribuirão para elaboração da dissertação de mestrado da professora Lindiane Faria do Nascimento e de um guia de orientação aos professores sobre a audiodescrição. Concordo em contribuir com informações para o trabalho, por meio de respostas sobre a avaliação do guia e minha atividade profissional com alunos com deficiência visual mediada pelo livro didático. Entendo também que essa contribuição não se configura autoria ou qualquer vantagem ou direito sobre a dissertação de mestrado ou sobre o guia que será produzido.

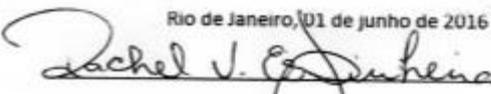
Estou ciente de que posso **desistir** de participar do projeto a qualquer momento, mas que os dados fornecidos durante o processo estarão disponíveis para serem analisados pelo estudo, resguardando o meu direito ao sigilo.

Rio de Janeiro, 01 de junho de 2016


Assinatura do participante

Eu, Rachel Ventura Espinheira, profissional da educação básica do Instituto Benjamin Constant, CPF 02536582760 autorizo a autora do projeto de pesquisa **"A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA"**, Lindiane Faria do Nascimento, a citar meu nome como colaboradora e nos agradecimentos de seu trabalho.

Rio de Janeiro, 01 de junho de 2016


Assinatura do participante

7.2. QUESTIONÁRIO MISTO APRESENTADO ÀS PROFESSORAS PARTICIPANTES



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA

Questionário

Cara professora, o questionário a seguir possui perguntas mistas (fechadas e abertas) e suas respostas contribuirão para a identificação do seu perfil profissional e posteriormente a sua avaliação sobre o grupo virtual e o guia de orientação aos professores da educação básica sobre audiodescrição de imagens em livros didáticos.

O grupo e o guia são resultados de pesquisa sobre o recurso de audiodescrição em livro didático que busca favorecer a prática do professor em sala de aula que estejam incluídos alunos com deficiência visual a partir de orientações básicas sobre audiodescrição.

Identificação

1) Você possui deficiência visual? _____

Em caso positivo: () Baixa visão () cego

2) Qual a sua formação acadêmica?

() Ensino Superior

() Especialização– Lato Sensu

() Mestrado – Strictu Sensu

() Doutorado– Strictu Sensu

3) Há quanto tempo você atua no magistério com a inclusão de alunos com deficiência visual?

4) Qual ano escolar você atua no ano de 2016?

1º ano 2º ano 3º ano 4º ano 5º ano

5) Você fez curso sobre audiodescrição?

sim não

Em caso positivo, informe o curso e a carga horária.

6) Você utiliza livro didático em sala de aula?

sim não

Em caso positivo, quais livros e disciplinas?

7) Em caso de utilização de livro didático em sala de aula, qual adaptação que é utilizada?

ampliado braille digital outros

Especifique outros: _____

A audiodescrição é um recurso que você utiliza em sala de aula?

sim não



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA

Grupo Virtual

Cara professora obrigada por aceitar o convite em participar do grupo virtual Audiodescrição de Imagens: Livro Didático no facebook. Solicitamos a gentileza de colaborar com a construção de um ambiente colaborativo e interdisciplinar, para tanto, é necessária sua avaliação de forma sincera e critica.

1) Você considera o facebook uma mídia social acessível?

() sim () não

Justifique sua resposta:

2) As informações sobre o recurso de audiodescrição presentes no grupo foram:

() de muita relevância () relevantes () de pouca relevância

() de nenhuma relevância

3) Você utilizaria alguma imagem com o roteiro do grupo com seus alunos?

() sim () não

Justifique: _____

4) Indicaria o grupo apresentado a algum colega professor?

() sim () não

5) Descreva sua impressão sobre o grupo, faça sugestões e críticas se necessárias.



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA**

Guia sobre audiodescrição

Cara professora enviamos em anexo o guia intitulado Audiodescrição de Imagens: Livro Didático em formato PDF para avaliação. Solicitamos a gentileza que o material seja avaliado de forma sincera e crítica.

1) O Conteúdo presente no Guia foi:

() de muita relevância () relevantes () de pouca relevância () de nenhuma relevância

2) O conteúdo está adequado de forma a atender o professor que desconhece o recurso da audiodescrição?

() sim () não

Justifique:

3) O conteúdo será útil para os professores que conhecem o recurso da audiodescrição?

() sim () não

Justifique:

4) As orientações sobre a realização da audiodescrição condiz com a prática exercida por você?

() sim () não

5) Descreva sua impressão sobre o grupo, faça sugestões e críticas se necessárias.

FICHA TÉCNICA

Orientadora

Rejany dos S. Dominick

Elaboradora

Lindiane Faria do Nascimento

Colaboradores

Instituto Benjamin Constant- IBC

Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFF

Aparecida Pereira Leite (Consultora)

Ana Fátima Berquó (Audiodescritora/IBC)

Ilustração

Sandra Barbosa (Designer capa e contracapa)

André Sales (Designer Logo)

Revisão

Neuza Rejane Wille Lima

Avaliação

Margareth Olegário (IBC)

Rachel Ventura (IBC)

Contato

lindinascimento@hotmail.com

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a palavra certa para referenciar todo carinho e auxílio que tive durante o curso de mestrado e a produção deste guia. Primeiramente gratidão à Deus no qual muitas vezes busquei renovação de fé que me sustentou nesta jornada de pesquisadora.

Gratidão ao Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da UFF (CMPDI/UFF) por acreditar no meu trabalho e todos os professores que contribuíram com seus ensinamentos.

Gratidão à minha orientadora Rejany dos S. Dominick que muito contribuiu me guiando para a construção deste trabalho com paciência e carinho.

Gratidão à minha filha, Laís, que nasceu durante essa minha jornada de pesquisadora, e que tornou tudo mais prazeroso.

Gratidão aos meus pais, irmão, sobrinha e esposo que muito foram pacientes e compreensivos com a minha ausência.

Gratidão aos meus amigos de curso, ao Instituto Benjamin Constant, aos alunos e professoras que participaram das Oficinas e as colaboradoras e avaliadoras do guia.

Gratidão aos meus alunos e ex alunos que me inspiraram neste trabalho.

Enfim, gratidão à todos que colaboraram e torceram para a conclusão deste trabalho.

SUMÁRIO

Apresentação.....	01
A Inclusão Escolar e o professor.....	02
A imagem e o cego.....	03
A Audiodescrição	04
O Livro Didático utilizado pelo estudante com deficiência visual	08
Audiodescrição de imagens estáticas	10
Mãos à obra: Construindo um roteiro.....	16
Roteiros audiodescritivos produzidos nas Oficinas para consulta	20
Português	20
Ciências	24
Geografia	26
História	28
Audiodescrição da Capa.....	33
O Grupo Virtual no Facebook.....	34
Sugestões de sites	34
Bibliografia	35

APRESENTAÇÃO

Em atendimento ao objetivo de pesquisa do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF) construímos este guia de orientação ao professor da Educação Básica sobre audiodescrição de imagens, após estudos sobre o tema.

Acreditamos que este guia seja um recurso que favoreça a prática do professor em sala de aula em que estejam incluídos alunos com deficiência visual. Através dele o professor poderá encontrar orientações básicas de como criar roteiros audiodescritivos de imagens estáticas que estão presentes em diversos materiais didáticos, inclusive o livro didático.

Vejamos a importância deste guia, uma vez que, apenas ter um livro adaptado, como livro em braille ou ampliado, em sala de aula para ser utilizado pelo aluno com deficiência visual não seja suficiente para o mesmo atingir o processo de aprendizagem, visto que os livros didáticos possuem muitas imagens que não são apenas ornamentais, mas sim essenciais para a compreensão do conteúdo.

Os livros adaptados para o braille possuem descrições simples de imagens e muitas vezes possuem uma legenda solicitando que o aluno peça ajuda ao seu professor, o que impossibilitaria o aluno com deficiência visual ter acesso às informações das imagens.

Para a construção deste guia tivemos o apoio do Instituto Benjamin Constant, instituição coparticipante que, através de sua experiência em assuntos relacionados à deficiência visual, nos possibilitou vivenciar a prática no tocante da adaptação de livros didáticos e da audiodescrição.

Foram desenvolvidas oficinas com alunos de licenciatura da Universidade Federal Fluminense (UFF) com o objetivo de disseminar o recurso da audiodescrição, identificar as necessidades destes alunos para compor o conteúdo deste guia e criar um acervo de imagens com audiodescrição.

A Inclusão Escolar e Professor

Caro professor, diante da preocupação em favorecer a participação do aluno com necessidades educacionais especiais em classes regulares, vem crescendo nos últimos anos uma ampliação significativa do discurso em prol da inclusão e dos direitos sociais de grupos historicamente marginalizados, seja por etnia, condição social, raça, gênero ou deficiência, (PLETSCH E CARVALHO, 2011). Este ideário da inclusão, possivelmente gerado pelos movimentos sociais, traduzem-se hoje em políticas internacionais e nacionais. Um exemplo está na Declaração de Salamanca (1994), que apesar de o governo brasileiro não ter enviado representante para o encontro, este assumiu na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), de 1996, e na Resolução CNE/CEB nº 4, de 02 de outubro de 2009, muitos dos princípios nela explicitados. Hoje há diversas políticas públicas que potencializam a entrada e a permanência de estudantes com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares dos sistemas de ensino, a mais recente é a Lei nº 13.146/15 conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência que em seu capítulo IV, Do Direito à Educação, assegura um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida.

Visando contribuir para que o processo de inclusão das pessoas com deficiência visual aconteça com mais qualidade, é preciso que você professor seja capacitado e tenha à sua disposição alguns conhecimentos sistematizados que possam vir a se articular com aqueles saberes por você já dominados.

Assim, esse guia busca contribuir para que o professor/educador construa conhecimentos que poderão favorecer a sua prática, de forma a potencializar os aprendizados de seus estudantes com deficiência visual, uma vez que o aluno cego não acessa informações das imagens presentes no livro didático sem o recurso da audiodescrição.

A imagem e o cego

Você já deve ter observado o uso mais frequente de uso de imagens nos materiais didáticos e especialmente em livros didáticos. Para Santos et. all, (2014), essa maior frequência se deve ao fato de dinamizar e contextualizar o conteúdo de acordo com os critérios dos parâmetros curriculares nacional.

O aluno cego não poderia deixar de vivenciar essa experiência deste novo formato de livro didático e a leitura das imagens se fará necessária para que este aluno tenha uma aprendizagem significativa. A leitura de imagens é conhecida como audiodescrição e essa leitura poderá ser realizada por você, professor. Para tanto, pretendemos abordar neste guia orientações básicas para auxiliar na sua pratica sem que haja necessidade de excluir o uso de imagens do seu conteúdo didático.

Saibamos que o aluno cego é capaz de criações imagéticas mesmo sem o sentido da visão. A neurociência explica que as construções de imagens na mente por uma pessoa cega são formadas por outros sentidos. Isso ocorre porque nosso cérebro é plástico. A plasticidade neural permite que conceitos, que não são capazes de serem construídos com o sentido da visão, sejam construídos por áreas semelhantes em nosso sistema nervoso (RANGEL et al, 2010).

Viveiros e Camargo (2011) explicam que a visão não será o primeiro sentido utilizado para registrar a percepção do mundo pela pessoa com deficiência visual, por este motivo, outros sentidos deverão funcionar para o processamento de uma informação visual. Em geral os estímulos serão sonoros, olfativos, táteis ou a combinação destes sentidos.

Na prática, podemos observar que na instituição coparticipante da pesquisa, o Instituto Benjamin Constant, muitos professores já utilizam os sentidos remanescentes de seus alunos para que eles construam imagens e conceitos. Materiais concretos são usados sistematicamente para que, por meio do tato e de explicações orais, o aluno possa ter acesso às informações sobre dimensão, textura e forma e venha a construir conceitos. É importante destacar que junto a apresentação do material concreto se faz

necessário também que o professor dê auxílio com informações orais, pois o sentido da audição do aluno também será um canal receptor que auxiliará na construção desta imagem em seu cérebro.

Consciente de que a pessoa com deficiência visual é capaz de criar imagens mentais a partir dos sentidos remanescentes e de que os docentes precisam estimular tais sentidos para estimular a inteligência e o conhecimento de mundo de seus alunos, foi que pensamos na necessidade de estudar e divulgar a audiodescrição como um recurso tecnológico indispensável na sala de aula inclusiva.

A Audiodescrição

A técnica de leitura e tradução de imagens é conhecida como audiodescrição. No Brasil, formalmente aparece pela primeira vez em 2003 quando no Festival Assim Vivemos, “Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência”, exibido no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB); foram exibidos documentários com audiodescrição e legendas *Closed Caption*. Os usuários com deficiência visual usavam fones de ouvidos e a audiodescrição era realizada ao vivo por dois atores. (FRANCO E SILVA, 2010)

Imagino que você, mesmo de forma despretensiosa, já venha realizando descrições de imagens para seus alunos com deficiência visual. Porém a nossa preocupação desta descrição despretensiosa seja que de alguma maneira o aluno não tenha informações necessárias e corretas para a construção imagética, de forma que o impossibilite de participar com os demais alunos do processo de aprendizagem.

Não estamos falando que obrigatoriamente você tenha que ser um audiodescritor como os profissionais que trabalharam com a narração de imagens dos documentários da Mostra de Cinema no CCBB. Sabemos que eles têm a formação na área e que essa formação está voltada para atuar com produtos audiovisuais dinâmicos, como filmes, programas e eventos de forma comercial, onde além da aprendizagem da produção do roteiro, eles também aprenderam técnicas de narração e locução da obra. Abordando sobre formação, Franco e Silva (2010) registram apenas duas formas de capacitação deste

profissional no Brasil, sendo por treinamento de cursos informais promovidos pela iniciativa privada e a formação universitária certificada no nível de especialização ou extensão. Atualizando esta informação, incluímos os cursos de capacitação com carga horária de 40 horas oferecido pelo Instituto Benjamin Constant ¹⁵(IBC) e o curso com 60 horas oferecido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ)¹⁶ .

Listamos abaixo algumas definições sobre a audiodescrição para melhor compreensão do recurso.

Para Lima et. al., (2009):

Os vocábulos áudio e descrição são bem mais que a união dos dois elementos que o compõem, não sendo, portanto, a mera narração de imagens visualmente inacessíveis aos que não enxergam. A áudio-descrição implica em oferecer aos usuários desse serviço as condições de igualdade e oportunidade de acesso ao mundo das imagens, garantindo-lhes o direito de concluírem por si mesmos o que tais imagens significam, a partir de suas experiências, de seu conhecimento de mundo e de sua cognição... (p.03)

Para Lívia Motta (20-?):

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora." (Definições <<http://www.vercompalavras.com.br>>)

Para Franco e Silva (2010):

¹⁵ Veja mais detalhes e datas de novas turmas para o curso em www.ibc.gov.br

¹⁶ Da imagem estática à palavra falada, o roteiro de audiodescrição para as artes visuais, ministrado pela professora Eliana P.C Franco <http://www.cce.puc-rio.br/sitecce/website/website.dll/folder?nCurso=da-imagem-estatica-a-palavra-falada&nInst=cce>

A audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão. (p.23)

Podemos observar entre os autores citados acima que a audiodescrição pode ser utilizada em distintos ambientes tendo como objetivo a inclusão da pessoa com deficiência visual em espaços que possuem informações visuais. Porém ainda não encontramos uma uniformidade quanto a definição da audiodescrição. Para o Grupo de Pesquisa TRAMAD a audiodescrição é um produto de tradução, para Lima et al é um serviço a favor da pessoa com deficiência já para Livia Motta é um recurso de acessibilidade.

Além dos conceitos apresentados, encontramos novas definições em parâmetros legais. Vejamos que a audiodescrição é garantida na Lei nº 10.098, de dezembro de 2000, conhecida como Lei da Acessibilidade. No capítulo VII, Da acessibilidade nos sistemas de comunicação e sinalização, artigo 17, podemos ler:

O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer. (BRASIL, 2000, n.p.)

A partir dessa lei foram editados decretos para regulamentação e normatização, enquanto a sua usabilidade, em particular sobre audiodescrição na televisão. Exemplos disso são a obrigatoriedade apresentada pelo Decreto nº 5.296 de 2005, que regulamenta a descrição e narração em voz de cenas e imagens; e a mais recente Lei nº 13.146/2015, conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, que, em seu artigo 67, inclui a audiodescrição nos serviços de radiodifusão de sons e imagens, e, ainda, em seu artigo 73, define que o poder público, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil, deve “promover a capacitação de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais habilitados em Braille, audiodescrição, estenotipia e legendagem”.

Em nossa pesquisa consideramos a audiodescrição como uma tecnologia, que para Dominick e Souza (2011), as tecnologias são criações humanas que visam melhorar o desempenho humano em nossas atividades, podendo ser desde um lápis até um computador. Ainda para Dominick (2015), em estudos de Barbieri (1990), fica claro que a tecnologia não se resume a um artefato, podendo também ser um método.

Para este estudo a audiodescrição é ao mesmo tempo um método e um artefato. Um método quando esta se torna um caminho de mediação para que a pessoa com deficiência acesse conhecimentos e um artefato quando a audiodescrição é apresentada, por exemplo: em forma de áudio ou escrita em braille.

Aprofundando o conceito de tecnologia, buscamos no Comitê de Ajudas Técnicas a definição de Tecnologia Assistiva:

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (BRASIL, 2009, p. 9)

O conceito de Tecnologia Assistiva hoje vai sendo trabalhado por diferentes autores, mas aqui vamos tomar como referência o termo Tecnologia Assistiva Educacional, que para Dominick (2015) é uma Tecnologia Assistiva na escola e tem como objetivo:

(...) proporcionar à pessoa com deficiência: maior independência para o aprendizado; melhor qualidade de vida e inclusão social por meio da ampliação de sua comunicação e de sua mobilidade; maior controle do ambiente; e desenvolvimento de trabalho integrado com a família, colegas e profissionais da educação. (p.306)

O Livro Didático utilizado pelo estudante com deficiência visual

Atualmente, o estudante com deficiência visual tem acesso ao livro didático de forma acessível, como por exemplo, o livro em braille para cegos e o livro ampliado para baixa visão, além da possibilidade do uso do computador com o uso de sistemas de voz para leitura do arquivo em texto do livro.

Mesmo mediante a oferta destes livros acessíveis, a audiodescrição se faz importante, uma vez que as imagens ainda se tornam inacessíveis. Encontramos formas de descrições nas imagens presentes nos livros em braille adaptados e transcritos no Instituto Benjamin Constant, são descrições breves ou apenas a transcrição de legendas e muitas vezes orientando o aluno a solicitar ajuda ao professor, motivo que reforça a necessidade do conhecimento da audiodescrição pelo professor.

Apresentação do Livro adaptado para o braille pela Imprensa do IBC:

Seu livro em Braille

Este é o livro utilizado em sua classe, produzido em braille para você. Ele contém as mesmas informações que estão no livro do seu colega, porém, enquanto o livro comum apresenta ilustrações, cores e tamanhos variados de letras (grandes, pequenas, ligadas umas às outras, separadas), o seu livro em braille apresenta descrições substituindo ilustrações e, em muitos casos, figuras são explicadas, procurando fazer você compreender o que elas representam.

Dicas para estudar no seu livro em braille:

<R+>

1ª -- *As páginas ímpares deste livro apresentam duas numerações na primeira linha: a que fica à direita é a do próprio livro em braille e a que está à esquerda é a do livro comum. Por esta, você pode se localizar, de acordo com a orientação do professor, ou quando estiver estudando com outros colegas.*

2ª -- *Quando você encontrar o sinal _á e, depois dele, uma frase terminada pelo sinal _ú saiba que se trata de uma explicação especial chamada "nota de transcrição", empregada nos livros em braille.*

3ª -- *Em alguns momentos, você precisará contar com a colaboração de alguém; por isto, foi colocada a frase "peça orientação ao professor" para sugerir que você solicite informações ou esclarecimentos.*

4ª -- *Sempre que você encontrar nos textos alguma representação gráfica ou descrição e tiver dúvidas, pergunte a seu professor ou a outra pessoa capaz de esclarecê-lo.*

<R->

<p>

..

Projeto Buriti, História, 3º ano, 2011, p.VII. Disponível em http://www.ibc.gov.br/media/common/Livros/PNLD2014/buriti_historia-3oano.zip Acesso em 01 de novembro de 2016

Vejamos então que caberá ao professor mediar o processo de aprendizagem do aluno com deficiência visual no que tange as informações presentes nas imagens dos livros adaptados.

Acreditamos que o livro em braille e com outros formatos acessíveis tenha sido um avanço para o acesso do estudante com deficiência em classes regulares e a audiodescrição seria um recurso a complementar o que já é ofertado. Vejamos que a preocupação do MEC em atender o estudante com deficiência vem crescendo desde

2001 quando ampliou a oferta de livros acessíveis através do Projeto Nacional do Livro Didático (PNLD) em parceria com SECADI¹⁷, FNDE¹⁸, IBC e Secretarias de Educação vinculadas aos CAP- Centro de Apoio Pedagógico a Pessoas com Deficiência Visual e os NAPPB- Núcleo Pedagógico de Produção Braille e do Programa Nacional da Biblioteca Escolar- PNBE.

Segundo o portal do MEC (<http://portal.mec.gov.br/>), o programa Nacional do Livro Didático (PNLD) possui uma equipe especializada e a avaliação dos materiais disponibilizados à educação básica é feita por docentes do ensino superior, atentando para a promoção de acessibilidade. Os livros didáticos devem ser escolhidos pelos docentes das escolas em reunião especialmente convocada para isso.

A Audiodescrição de Imagens Estáticas

Você, professor, deve ter notado que muitas vezes deverá realizar o papel de audiodescritor em sala de aula. Muitas informações estão presentes em imagens e não descritas nos livros adaptados para que o aluno com deficiência visual se aproprie do conteúdo de forma plena para que haja compreensão.

Vejamos que o processo para a produção da audiodescrição de imagens se inicia pelo roteiro. Devemos neste roteiro traduzir as imagens, ou seja, transformar a imagem em texto. Este processo requer muita atenção, devemos ter conhecimento de toda a obra para que as escolhas tradutórias estejam coerentes e o vocabulário adequado a faixa etária do estudante usuário do livro. Carvalho, em estudos de Saussure (2002, p.49), já dizia que em qualquer tradução as escolhas dos signos verbais devem ser parte integrante da cultura do interpretante para que seja compreensível a mensagem.

O texto do roteiro poderá estar disponível ao estudante com deficiência visual através de áudio, braille ou mesmo lido por você. Sendo a escolha pelo áudio, haverá a necessidade de gravar a narração do roteiro.

¹⁷ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

¹⁸ Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

Abaixo citamos considerações importantes para a produção de um roteiro a partir das Diretrizes para Áudio-descrição ¹⁹e Código de Conduta Profissional para áudio-descretores Baseados no Treinamento e Capacitação de Áudio-descretores e Formadores dos Estados Unidos 2007-2008, na qual se apoia a Comissão de AD do IBC.

Cabe destacar que tais orientações devem ser lidas de forma flexíveis, pois cada roteiro audiodescritivo produzido deve respeitar a realidade e a diversidade dos usuários e apropriação que é feita pelo professor. Deve ser levado sempre em consideração, por exemplo a diversidade regional e a maturidade do aluno usuário.

1. Ler toda obra da imagem selecionada para a construção do roteiro audiodescrito.
2. Descreva o que você vê.
3. Não interprete a imagem.
4. Identifique a imagem.
5. Informe o ambiente.
6. Descreva do geral para o específico, de cima para baixo e da esquerda para direita.
7. Imagens que possuem personagens se fará necessário a descrição física, como: cor da pele, cabelo, estatura, biótipo, vestuário entre outras informações pertinentes.
8. Seja claro e objetivo, priorize as informações que são importantes para a compreensão do conteúdo presente na imagem.
9. Escolha o vocabulário adequado a idade dos alunos que serão beneficiados com o recurso.
10. Utilize os verbos no presente para identificar as ações e evite utilizar verbos no gerúndio que nos dá ideia de movimento contínuo.

¹⁹ Alguns autores, como Francisco Lima, utilizam da grafia áudio- descrição com hífen por ser uma palavra que se originou na língua Inglesa (audio description)

Para a produção do roteiro, se houver a necessidade de inserir informações introdutórias importantes à compreensão da imagem, elas deverão estar nomeadas como **notas proêmias**. As notas proemias não tem a função de antecipar informações e sim de prestar informações gerais, como: tema e propriedades da imagem.

Exemplo:

Notas Proêmias: Duas fotografias da Praia de Ipanema tiradas do mesmo ponto de observação (De rochas de vários tamanhos)

Outras orientações podem ser encontradas na Nota Técnica nº 21/2012/MEC/SECADI/DPEE. Esta nota técnica cria requisitos para a realização de descrições de imagens no que tange a livros digitais. A princípio essa normatização seria para o uso do MecDaisy.²⁰ Lembramos que o MEC segue o padrão de descrição que para os audiodescriptores, como SILVA *et al*²¹, citado por Oliveira e Alves (2013, p.12), seria uma tradução com características subjetivas daquilo que se descreve, diferentemente da audiodescrição que possui características objetivas, ética e habilidades linguísticas na materialização do pilar “descreva o que você vê”.

Faz saber que a Comissão não apoia grande parte destas orientações, por entender que muitos conceitos técnicos podem atrapalhar o desenvolvimento cognitivo do aluno com deficiência visual. Como, por exemplo, identificação do enquadramento da imagem (grande plano geral, plano geral, plano americano).

Porém, acreditamos que seja importante ilustrarmos as orientações presentes na norma técnica, visto que buscamos identificar os recursos de acessibilidade atualmente referentes ao uso da imagem pelo aluno com deficiência visual.

²⁰ Para instalação do programa acesse o link: <http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/download.htm> para acessar o manual: <http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/tutorial.htm>

²¹ SILVA, Fabiana Tavares dos Santos et all. Reflexões sobre o Pilar da Áudiodescrição: descreva o que você vê. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV) 2010. Disponível em < <http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/>> Acesso: 28 abr.2010.

Nota Técnica nº 21, 10 de abril de 2012/MEC/SECADI/DPEE. Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível – Mecdaisy. (P. 2-4)

Requisitos para descrição de imagem na geração de material digital acessível – Mecdaisy:

1. Identificar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita - O que/quem;
2. Localizar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita onde;
3. Empregar adjetivos para qualificar o sujeito, objeto ou cena da descrição - Como;
4. Empregar verbos para descrever a ação e advérbio para
5. Descrever as circunstâncias da ação - Faz o que/como;
6. Utilizar o advérbio para referenciar o tempo em que ocorre a ação - Quando;
7. Identificar os diversos enquadramentos da imagem - De onde - , tais como:
 - a. Grande plano geral (GPG) - Mostra o cenário todo e é feito de um plano mais elevado, como em imagens aéreas.
 - b. Plano geral - Mostra os personagens e o ambiente no qual estão inseridos.
 - c. Plano americano - Mostra o personagem dos joelhos para cima.
 - d. Plano médio - Mostra o personagem da cintura para cima.
 - e. Primeiro plano - Mostra o personagem do peito para cima.
 - f. Primeiríssimo plano ou *close-up* – Mostra o rosto do personagem em destaque.
 - g. Plano detalhe - Mostra uma parte do corpo de um personagem ou um objeto.
 - h. Plano plongée ou câmera alta - Enquadramento de personagens ou objetos feitos de cima para baixo.

i. Plano contra-plongée ou câmera baixa - Enquadramento de personagens ou objetos feitos de baixo para cima.

8. Utilizar a aplicação do estilo IMAGE CAPTION em todas as imagens e após a apresentação da imagem acrescentar os dados na seguinte ordem: fonte, Legenda e Descrição;

9. Verificar a correspondência entre a imagem e o texto, a fim de garantir a fidedignidade da descrição;

10. Usar termos adequados, à área de conhecimento, abordada na descrição;

11. Identificar os elementos relevantes, levando-se em consideração aspectos históricos e culturais;

12. Organizar os elementos descritivos em um todo significativo. Evitar deixar elementos soltos, inserindo-os em um mesmo período. Começar pelo personagem ou objeto mais significativo (o que/quem), qualificá-lo (como), localizá-lo (onde), qualificar o onde (como), explicitar o tempo (quando);

13. Mencionar cores e demais detalhes;

14. Mencionar (quando possível) o enquadramento de câmera em fotos, principalmente quando for importante para o entendimento (close, plano geral, primeiro plano etc);

15. Usar artigos indefinidos quando é a primeira vez que aparece determinado elemento ou pessoa;

16. Usar artigos definidos quando já forem conhecidos;

17. Usar o tempo verbal sempre no presente;

18. Mencionar as imagens de fundo, detalhes, caixas de texto, bordas coloridas que aparecem na página, na parte inferior, pois os recursos gráficos utilizados traduzem a intenção do autor;
19. Mencionar, na descrição charge, cartun, história em quadrinho e tira cômica a fonte com a data da publicação (quando houver), a legenda com o nome do autor e, em seguida, a descrição da imagem;
20. Iniciar a descrição, usando a expressão: a charge, cartun, história em quadrinho e tira cômica mostra/apresenta;
21. Em histórias considerar alguns aspectos como idade, faixa etária e considerar a expressão verbal por faixa etária.
22. Descrever elementos gráficos como pontos de interrogação, exclamação, gotas de suor, raios, formatos diferentes de balões onde se localizam as falas;
23. Anunciar o número de quadros presentes e a mudança de um para o outro, quando a charge, *cartun*, história em quadrinho ou tira cômica forem constituídos por mais de um quadro, marcando-os com a letra Q e o número correspondente;
24. Mencionar quem são e quantos são os personagens, caracterizá-los, falar sobre o cenário e o tempo (dia, noite, inverno, verão), para depois fazer a descrição de cada quadrinho. Quando os personagens mudam a roupa no decorrer da história, o fato deverá ser mencionado no próprio quadrinho. Falar também sobre como aparecem as falas, se dentro ou fora de balões. Se o desenho do balão apontar para algum significado, como pensamento ao invés de fala (bolinhas), deverá ser apontado na descrição do quadro onde aparece;
25. Anunciar a fala dos personagens, por meio dos verbos: dizer, responder, perguntar, comentar, continuar, gritar, falar;
26. Discriminar, na descrição de paisagens, as urbanas dos campestres ou marítimas, as paisagens naturais das humanizadas;

27. Manter a imagem da tabela, do fluxograma e do organograma com a sua descrição, apresentando de forma sequencial as informações disponíveis;
28. Reduzir ao máximo, o número de colunas utilizado;
29. Sintetizar cabeçalho e rodapé, expressos em poucas palavras;
30. Minimizar a introdução de elementos de formatação e cor, pois estes contribuem para dispersão no entendimento;

Mãos à Obra: Produzindo um roteiro

Diante da leitura realizada até o momento, acreditamos que você já seja capaz de produzir um roteiro de audiodescrição. Abaixo inserimos uma imagem do Livro de História Buriti, 3º ano, p.99, 2011 e passo a passo.

- 1 Observe a imagem e responda às questões.



Volta à cidade de um proprietário de chácara, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

- a) Qual meio de transporte foi representado na imagem? Ele era usado para transportar pessoas ou cargas?
- b) Como a rede era carregada? Que outro meio de transporte do passado funcionava de modo semelhante à rede?
- c) Em sua opinião, os dois meios de transporte citados no item anterior eram utilizados por pessoas pobres? Por quê?

Ler toda a obra

Primeiramente se faz necessário ler toda a obra²² para conhecer, por exemplo, o vocabulário utilizado pelo autor. Desta forma, dotaremos uma nomenclatura única e o roteiro se tornará mais coeso com a obra.

Identifique a imagem

Identifique a imagem. Informe se ela é uma pintura, charge, fotografia entre outros estilos de imagem.

Identifique o ambiente e os personagens

Identifique o ambiente e os personagens da esquerda para direita e de cima para baixo.

Os personagens, assim como objetos presentes, deverão ser identificados primeiramente com a utilização do artigo indefinido, após a descrição dos elementos a utilização passa a ser do artigo definido. Como exemplo a seguir:

Abaixo **um menino loiro**, usa boné azul com aba para traz, blusa vermelha, bermuda azul e tênis verde. Está de perfil direito sentado à frente de uma mesa com computador; com as mãos no teclado. **O menino** está em cima de uma representação da América do Norte no mapa do Continente Americano.

Citar características

Não esqueça de fornecer todas as características possíveis, como: posição dos personagens, raça, vestimentas entre outras características.

Citar informações Lineares

Descreva um personagem por vez e cite os objetos se houver.
Como orientação de lateralidade seja você a referência.

²² O livro adaptado pelo IBC se encontra no endereço a seguir:

http://www.ibc.gov.br/media/common/Livros/PNLD2014/buriti_historia-3oano.zip

Sugestão de Roteiro produzido por Ana Fátima Berquó e consultoria Aparecida Pereira Leite

Audiodescrição: Todos de perfil esquerdo andam sobre chão de terra. Dois homens negros carregam um homem branco sentado em uma rede amarrada a um bambu. O homem negro da esquerda, veste calças brancas dobradas até os joelhos; ele está com uma ponta do bambu sobre o ombro direito e, no esquerdo, um cabo de madeira. O homem branco usa chapéu de palha com fita preta, camisa com gola branca, paletó laranja, lenço gravata preto e calças beges; está com o cotovelo apoiado na rede e as pernas flexionadas. O homem negro da direita, veste túnica e calças brancas arregaçadas até o meio da perna, está com a outra ponta do bambu no ombro esquerdo e, na mão direita, um cabo de madeira. Atrás do homem da esquerda, um menino negro de turbante branco e roupa azul leva um guarda-chuva embaixo do braço. À frente do homem de túnica, um cachorro cinza. Atrás deles, uma mulher negra usa um pano marrom da cabeça aos ombros, veste blusa branca e saia azul e tem uma bandeja de frutas na cabeça.

À margem lateral direita: Reprodução - Museu Castro Maya - Iconografia, Rio de Janeiro.

Legenda: Volta à cidade de um proprietário de chácara, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

Roteiros audiodescritos produzidos nas Oficinas para consulta

Os roteiros a seguir foram produzidos durante as oficinas e revisados pela pesquisadora e a consultora participante da pesquisa.

Português



Imagem de Paulo Manzi da unidade “Eu me Comunico”. Projeto Buriti, Português, 3º ano, p. 10, 2011

Desenho colorido com fundo azul. Na margem superior à esquerda: Unidade 1, centralizado Eu me Comunico. Abaixo um menino loiro, usa boné azul com aba para traz, blusa vermelha, bermuda azul e tênis verde. Está de perfil direito sentado à frente de uma mesa com computador; com as mãos no teclado. O menino está em cima de uma representação da América do Norte no mapa do Continente Americano. Abaixo uma menina ruiva, usa blusa amarela, short e sandália vermelhos, segura um celular próximo ao ouvido. Ela está em pé de perfil direito em cima de uma representação da América do Sul no mapa do Continente Americano. A esquerda da menina: O que eu vejo.

- Observe a imagem e converse com seus colegas.
- O que estas crianças estão fazendo?
- Que aparelhos elas estão utilizando?
- A distância é um empecilho para o que estão fazendo?

5 Escreva uma legenda para cada uma das ilustrações, comparando o modo como os idosos são tratados.

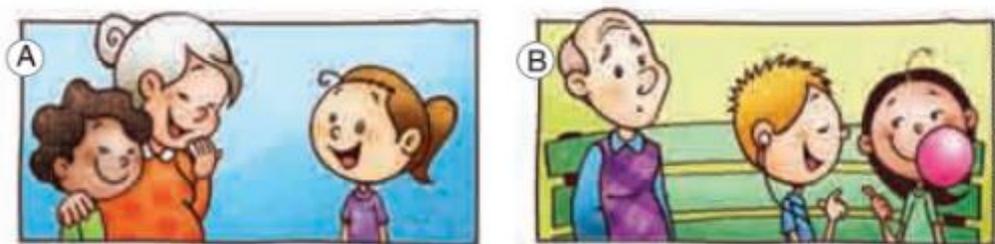


Imagem de Alexandre Matos. Projeto Buriti, Português, 3º ano, Unidade 2 “Eu me lembro”, p. 41, 2011.

Dois quadrinhos coloridos. Quadrinho A. Três pessoas de cintura para cima. A esquerda um menino e uma idosa de perfil direito. O menino tem cabelos escuros e ondulados, veste blusa verde. A idosa tem cabelos brancos preso em um coque veste roupa coral; está abraçada ao menino, a mão esquerda próximo a boca. A frente deles

uma menina de cabelos escuros, preso a um rabo de cavalo, um cachinho está na testa, veste roupa roxa. Os três sorriem.

Quadrinho B. Três pessoas de perfil da cintura para cima, a esquerda um idoso careca, testa franzida e sobrancelhas levantadas, veste camisa azul de mangas longas e suéter roxo. Próximo, um menino de cabelo loiro e arrepiado veste blusa azul e fones de ouvido. A frente e perto do menino uma menina de cabelos castanhos e soltos. Ela tem uma bola de chiclete na boca, veste roupa verde. As crianças sorriem.

À margem lateral direita: Ilustração: Alexandre Matos.

1. Veja estas fotos. Elas registram o modo de viver das pessoas de outras épocas.



Turistas em praia de Santos, São Paulo, em 1925.

Mulheres indo para a inauguração de Brasília, em abril de 1960.

A fotografia é um meio de preservar as lembranças e registrar a história das pessoas.

2. Você e seus colegas vão preparar a exposição *Nossa história*.

3. Tragam fotos de quando eram bem pequenos.

- Na história de vocês há outras pessoas muito importantes. Será uma boa ideia usar fotos delas também.

Duas imagens- Imagem 1: Foto de Benasi/Coleção Particular, Turistas em Praia de Santos, São Paulo, em 1925. Imagem 2: Arquivo/Folha Imagem, Mulheres indo para a inauguração de Brasília, em abril de 1960. Projeto Buriti, Português, 3º ano, Unidade 2 “Eu me Lembro”, p. 60, 2011.

Duas fotografias em preto em branco

Foto: Sete mulheres e três homens em pé, uma mulher usa vestido e as demais usam macaquinho de perna, maiô até o meio da coxa. Um homem usa macaquinho de perna e dois usam camiseta e short de banho. A frente do grupo uma menina em pé, com chapéu e vestido; sentadas no chão, uma mulher e quatro crianças vestidas com roupas de banho.

Legenda: Turistas em praia de Santos, São Paulo, em 1925.

Foto: quatro mulheres de perfil para nós, próximas a um fusca com portas dianteiras abertas e uma faixa sobre o capô. Duas mulheres, uma perto da porta do carona e a outra perto da porta do motorista. Elas seguram a faixa. Atrás delas as outras duas mulheres estão com cotovelos apoiados no teto do fusca

Legenda: Mulheres indo para a inauguração de Brasília, em abril de 1960

8 Copie os versos do poema que esta imagem representa.



Imagem de Alexandre Dubiela. Projeto Buriti, Português, 3º ano, Unidade 3 “Eu expresso sentimentos”, p. 77, 2011.

Desenho colorido. Tempestade. Céu com nuvens escuras, representação de trovão e vento forte. Uma árvore voa com a raiz; as folhas verdes e gravetos são levadas pelo vento.

À margem lateral direita: Alexandre Dubiela

5 Observe a imagem e responda.

- a) Para que finalidade a mulher está usando a água?
- b) Na sua opinião, ela está usando a água de maneira consciente? Justifique.



Imagem de Al Stefano. Projeto Buriti, Ciências, 3º ano, unidade 3 “A água na natureza”, p.51, 2011

Desenho colorido. Em uma calçada, em frente a um portão entre aberto, uma mulher de cabelos castanhos claro em coque, usa blusa roxa, calça azul suspensa até os joelhos e chinelos vermelhos. A direita, uma árvore e folhas no chão. Com uma mangueira a mulher joga água nas folhas caídas próximas a um bueiro.

À margem lateral direita: Al Stefano.

Vamos fazer

É Tão importante quanto saber curar a desidratação é saber como prevenir as situações que levam à sua ocorrência.

- Com o auxílio do professor, pesquisem a respeito das medidas de higiene que ajudam a prevenir doenças como a diarreia.
- Reúnam as informações obtidas, elaborem ilustrações e façam um cartaz para esclarecer as pessoas sobre as formas de prevenir a diarreia e a desidratação.

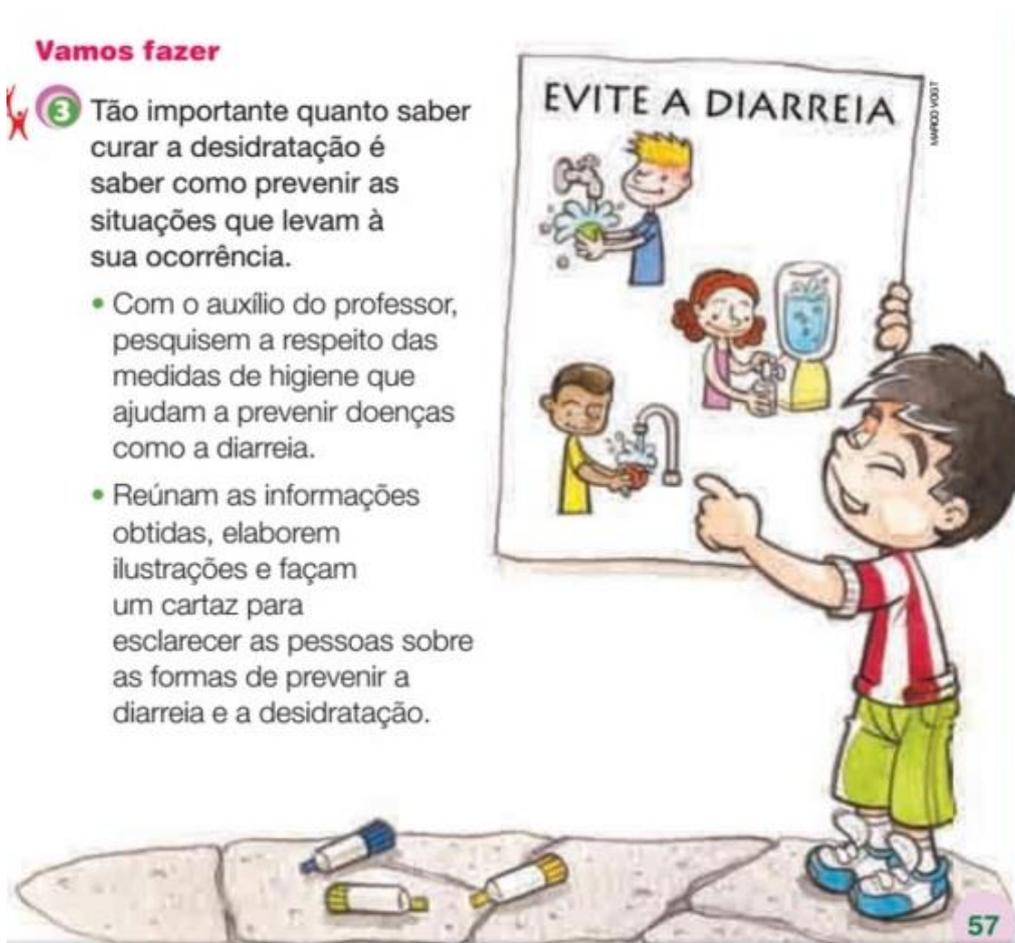


Imagem de Marco Vogt. Projeto Buriti, Ciências, 3º ano, unidade 3 “A água na natureza”, p.57, 2011.

Desenho colorido. Um menino de perfil esquerdo, tem cabelo castanho escuro, veste blusa listrada vermelha e branca, bermudão verde, tênis azul e branco. Ele segura um cartaz com a mão direita e aponta para os desenhos com a esquerda. Aos pés do menino três canetinhas nas cores: amarela, verde e azul. No cartaz centralizado Evite a Diarreia, abaixo três desenhos de crianças de cintura para cima: A esquerda um menino loiro, veste blusa azul e lava as mãos com sabonete. A direita e abaixo uma menina de cabelos castanhos preso em maria chiquinha; veste blusa rosa; ela enche um copo com água de um filtro. Na margem inferior esquerda um menino de cabelos castanhos, veste blusa amarela; ele lava um alimento.

3 Observe o desenho e responda no caderno.



- Seu quarto é parecido com o do desenho?
- Desenhe em seu caderno como é o seu quarto.
Depois, mostre para os colegas.
- De qual parte da sua casa você mais gosta? Por quê?

Imagem de Alexandre Matos. Projeto Buriti, Geografia, 2º ano, Unidade 4 “De casa até a escola, p.41, 2011

Desenho colorido. Em um quarto com móveis azuis um menino de cabelos escuros veste blusa vermelha, ele está sentado em frente a uma mesa; escreve em um caderno.

Atrás, à esquerda, entre uma janela aberta e uma cama, há uma bola sobre um tapete. Na cama um travesseiro e um boneco astronauta sentado. A direita um armário com duas portas e uma gaveta; encostado nele um skate lilás e vermelho com rodas amarelas.

À margem lateral direita: Alexandre Matos.

1 Observe estas paisagens e responda no caderno.



Praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, cerca de 100 anos atrás.



Praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, em 2007.

- Descreva os elementos que você vê nas paisagens das fotos 1 e 2.
- Que mudanças ocorreram na paisagem desse lugar com o passar do tempo?
- Na sua opinião, por que essas mudanças aconteceram?
- O que permaneceu na paisagem desse lugar?

Duas imagens da Praia de Ipanema- Imagem 1: Foto de Lopes, Praia de Ipanema na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro cerca de 100 anos atrás. Imagem 2: Foto de Léo Burgos, Praia de Ipanema na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, em 2007. Projeto Buriti, Geografia, 2º ano, Unidade 8 “O Tempo Passa”, p. 89, 2011.

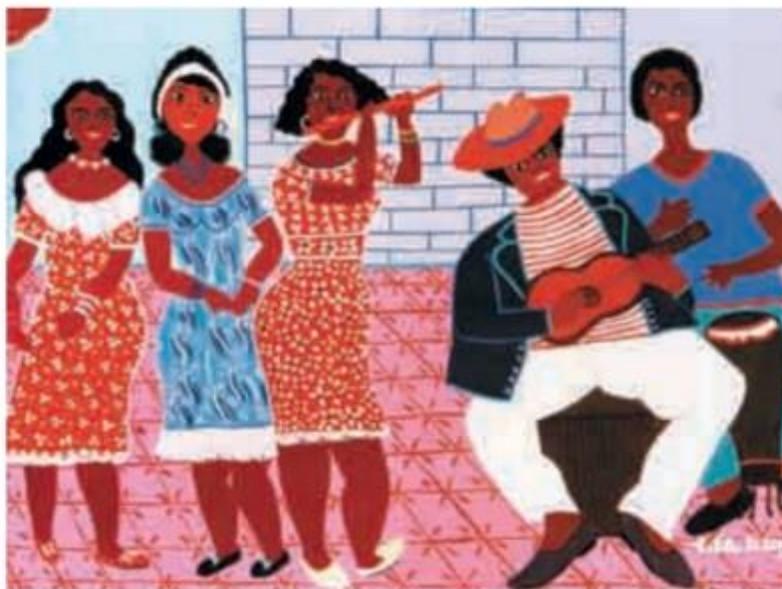
Notas proemias: Duas fotografias da Praia de Ipanema tiradas do mesmo ponto de observação (De rochas de vários tamanhos)

Foto em preto e branco legenda: Praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, cerca de 100 anos atrás. Audiodescrição: Em primeiro plano, de frente para as rochas, a praia. Poucas pessoas na água e na areia. Ao fundo construções baixas e morros com vegetação. À margem lateral esquerda: Lopes.

Foto colorida: Praia de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, em 2007. Audiodescrição: Primeiro plano, de frente para as rochas, a praia. Poucas pessoas estão em cima das rochas e muitas dentro do mar de água esverdeada e na areia. Ao fundo calçadão, árvores e prédios altos, atrás dos prédios parte dos morros com vegetação verde. À margem lateral direita: Léo Burgos.

História

- 2 Que instrumentos você observa na pintura? Quais povos trouxeram esses instrumentos para o Brasil?



As mulatas do Zé do Bandolim, de Léa Dray, 1988.

Imagem: As mulatas do Zé do Bandolim, de Léa Dray, 1988. Projeto Buriti, História, 3º ano, Unidade 5 “Música também tem história”, p.69, 2011

Pintura colorida em aquarela. Sobre piso ladrilhado cor de rosa, três mulheres negras de pé e dois homens negros sentados. A mulher da esquerda tem cabelo preto comprido cacheado, veste vestido coral de bolinhas brancas, sapatos corais, brinco de argolas, colar de contas e pulseira branca. Ela sorri. A direita, outra mulher tem cabelos pretos na altura dos ombros e usa faixa branca na cabeça, vestido azul estampado com a barra branca e sapatos pretos, brincos de argola, colar de contas azuis e pulseiras

brancas e azuis. Ela sorri. A terceira mulher tem cabelo preto crespo curto, veste vestido coral com estampa florida, sapatos brancos, brincos de argola, colar de contas e pulseira brancas. Ela segura uma flauta próxima a boca. A direita das mulheres um homem, tem cabelo preto curto e usa chapéu marrom, camisa branca com listras vermelhas e paletó preto aberto, calças brancas e sapatos marrons. Segura um bandolim na altura do peito. Ele sorri. O outro homem a direita, tem cabelo curto, preto e crespo, veste blusa azul, calça azul e sapatos pretos. Tem um atabaque entre os joelhos. Ele sorri.

A margem lateral direita: Léa Dray, Museu Internacional de Arte Naif, Rio de Janeiro

Legenda: As mulatas do Zé do Bandolim, de Léa Dray, 1988.

1 Observe a imagem e responda às questões.



Volta à cidade de um proprietário de chácara, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

- Qual meio de transporte foi representado na imagem? Ele era usado para transportar pessoas ou cargas?
- Como a rede era carregada? Que outro meio de transporte do passado funcionava de modo semelhante à rede?
- Em sua opinião, os dois meios de transporte citados no item anterior eram utilizados por pessoas pobres? Por quê?

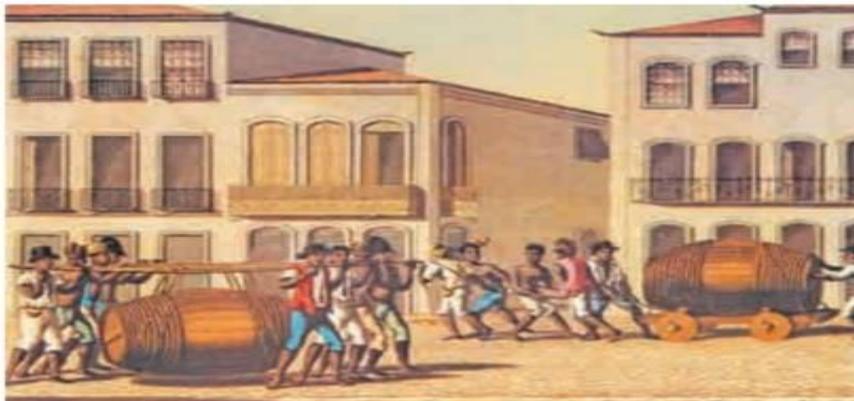
Volta à cidade de um proprietário de chácara, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823. Projeto Buriti, História, 3º ano, Unidade 8 “Os transportes ontem e hoje”, p.99, 2011

Pintura colorida em aquarela. Sobre chão de terra dois homens negros, um menino negro e uma mulher negra descalços, um homem branco sentado em uma rede e um cachorro cinza. Todos estão de perfil esquerdo. A frente do grupo um homem negro veste calças de cor clara, dobradas até o joelho. Sobre o ombro esquerdo ele tem um cabo de madeira e sobre o direito uma ponta de vara de bambu a outra ponta está sobre o ombro esquerdo do outro homem negro vestido com uma túnica de cor clara, ele segura um cabo de madeira com a mão direita. A vara de bambu sustenta a rede com o homem branco sentado. Ele usa chapéu de palha, paletó laranja e calças claras. O menino e o cachorro estão próximos a rede. O menino usa turbante branco, túnica azul, carrega um guarda-chuva embaixo do braço. Atrás do grupo, a mulher usa um tecido comprido marrom da cabeça a cintura, blusa branca e saia longa azul. Ela carrega uma bandeja de frutas sobre a cabeça.

À margem lateral direita: Reprodução - Museu Castro Maya - Iconografia, Rio de Janeiro.

Legenda: Volta à cidade de um proprietário de chácara, aquarela sobre papel de Jean-Baptiste Debret, 1823.

2 Observe a pintura. Ela nos mostra como os negros escravizados transportavam água na cidade do Rio de Janeiro há quase 200 anos.



Cena urbana, aquarela de Henry Chamberlain, 1818.

- Como cada grupo de homens transporta a água?
- Quantos homens são necessários para realizar esse transporte em cada grupo?
- Qual grupo de homens realiza um esforço menor? Por quê?

103

Cena Urbana, aquarela de Henry Chamberlain, 1818. Projeto Buriti, História, 3º ano, Unidade 8 "Os transportes ontem e hoje", p. 103, 2011

Pintura colorida em aquarela. Sobre chão de terra dois grupos de homens escravos. A maioria usa chapéu, camisa em cores diferentes. Todos usam calças de diversas cores, abaixo dos joelhos e estão descalços. Cada grupo carrega um barril. O primeiro grupo com oito homens de perfil direito. Quatro estão à frente do barril e quatro atrás. O barril está deitado sobre cordas amarradas a duas varas apoiadas nos ombros dos quatro escravos que ocupam as pontas do grupo. A direita o segundo grupo caminha em direção contrária ao primeiro grupo. cinco homens estão à frente do barril deitado sobre um carrinho de madeira, cada um está em uma posição (de perfil esquerdo, de costas, de frente) e puxam o carrinho por duas cordas. Atrás, dois homens apoiam o barril. Ao fundo sobrados de três e dois andares.

À margem lateral direita: Reprodução - Museu Castro Maya - Iconografia, Rio de Janeiro.

Legenda: Cena Urbana, aquarela de Henry Chamberlain, 1818.

1 Observe as fotos.



Família assistindo à televisão em 1955.



Família assistindo à televisão em 2009.

- O que as famílias estão fazendo?
- O que há de parecido quanto à maneira pela qual as famílias realizam essa atividade?
- Observe os aparelhos de televisão. O que há de semelhante e de diferente entre eles?

Duas imagens- Imagem 1: Foto de Hulton Archive/Keystone/Getty Images, Família assistindo à televisão em 1955. Imagem 2: Foto de Zoonar/Erwin Wodicka/Alamy/Other Images, Família assistindo à televisão em 2009. Projeto Buriti, História, 3º ano, Unidade 9 “O mundo da comunicação”, p.115, 2011.

Duas fotografias.

Foto em preto em branco. Em uma sala, uma família sentada de costas para nós. Uma mulher, em uma poltrona, olha e se inclina para o menino, em um banco; que está entre ela e um homem. A frente deles uma televisão da marca Invictus: Gabinete grande e de madeira; a tela, pequena.

legenda: Família assistindo à televisão em 1955.

Foto. Em uma sala sobre um tapete, uma família sentada de perfil direito. A mulher é loira e veste blusa branca e calça jeans; ela segura um controle remoto. O menino é loiro, veste blusa azul, calça jeans e meias; ele está entre a mulher e o homem de cabelos pretos, blusa azul e calça branca. A frente deles uma televisão de tubo; a tela é grande e as imagens são coloridas. Está sobre uma estante de madeira clara.

Legenda: Família assistindo à televisão em 2009.

Audiodescrição da Capa

A capa é formada por 20 quadrados do mesmo tamanho, dispostos de forma alternada. Cada quadrado possui um desenho: o símbolo mundial da deficiência visual sobre fundo azul e o símbolo mundial da Audiodescrição sobre fundo cinza. O símbolo da deficiência visual é formado por um pictograma de uma pessoa caminhando a direita com uma bengala e o símbolo da audiodescrição é formado pelas letras A e D em caixa alta com três ondas sonoras a direita. Há um círculo grande com fundo branco, letras pretas e caixa alta o título: A Audiodescrição como Tecnologia Assistiva Educacional em Livro Didático: Um Guia de orientação aos professores da Educação Básica. Abaixo à direita, um círculo menor com fundo branco, o logo do Grupo do Facebook -desenho de um livro aberto, sobre as folhas a esquerda o símbolo da AD em azul. Dentro do rodapé, em cinza, à esquerda, os logos da UFF, CMPDI, IBC e à direita: Lindiane Nascimento 2017.

Logo UFF- Brasão azul com moldura branca com três tochas amarela na parte superior. No centro do brasão UFF e três pilares da universidade em amarelo, abaixo 1960 e uma faixa azul com a frase em latim: Discere docere seminare (aprender, ensinar e semear)

Logo do CMPDI- Um hexágono com 5 bordas internas nas cores verde, vermelho, azul, rosa e preto. No centro da forma seis triângulos nas cores: roxa, azul, verde, amarela, coral e vermelha preenchem o centro do hexágono. Uma imagem com fundo branco está sobre os triângulos. Ela é composta com pictograma de uma casa, em seu interior pictogramas de pessoas com variadas cores.

Logo IBC- Fundo azul. Escrito na parte superior com letras brancas INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT, em meia lua. Abaixo, livro em Braille aberto com um marcador em forma de tocha no meio. Duas mãos espalmadas, uma em cada página. Na parte inferior, fita perpassa pelos punhos com a inscrição: 17 de setembro de 1854. (roteiro do logo produzido pela Comissão de Audiodescrição)

Audiodescrição da Capa: Lindiane Nascimento, Consultoria: Cida Leite e Revisão: Nadir Machado.

O Grupo Virtual no Facebook

O grupo Virtual no Facebook: Audiodescrição de Imagens: Livro Didático foi criado com o objetivo de promover e divulgar o recurso da audiodescrição, assim como disponibilizar roteiros audiodescritos de imagens de Livros didáticos. Participe do Grupo e conheça mais sobre essa tecnologia, você também poderá contribuir com o grupo incluindo novos roteiros em nossos álbuns, desta forma, objetivamos ampliar o acervo de imagens de forma colaborativa.

Sugestões de páginas virtuais

Audiodescrição de Imagens: Livro Didático

<https://www.facebook.com/groups/1672759702991942/>

Site administrado pela Lavoro Produções

www.audiodescricao.com.br

<https://www.facebook.com/lavoroproducoes/?fref=ts>

Revista Brasileira de Tradução Visual

www.rbtv.associadosdainclusao.com.br

<https://www.facebook.com/revistaRBTV>

Tramad- Tradução Mídia e Audiodescrição

<https://www.facebook.com/tramadbahia/>

www.tramad.com.br

Ver com Palavras

<http://www.vercompalavras.com.br/>

<https://www.facebook.com/vercompalavras/?fref=ts>

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em 29/01/2015.

_____. **Decreto nº 5.296**, de 02 de dezembro de 2005. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm. Acesso em 02/09/2015.

_____. **Resolução nº 4**, de 2 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em 15/06/2015.

_____. **Lei nº 10.098**, Brasília- DF, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm Acesso em 01/09/2016

_____. Nota Técnica nº 21, 10 de abril de 2012/MEC/SECADI/DPEE. Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível –Mecdaisy. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10538-nota-tecnica-21-mecdaisy-pdf&category_slug=abril-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em 01/09/2016.

_____. Lei nº 13.146, Brasília-DF, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm Acesso em 01/09/2016

CARVALHO, Castelar de. **Para Compreender Saussure: Fundamentos e Visão Crítica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais. **Salamanca/Espanha: Unesco**, 1994. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 15/06/2014.

FRANCO, E. P. C. e SILVA, M. C. C. C. Audiodescrição: Breve Passeio Histórico. In MOTTA, L.M.V. e ROMEU FILHO, P. (orgs): Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

LIMA, Francisco José. O Traço de União da Áudio-descrição. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em <http://rbtnv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewPDFInterstitial/11/8>. Acesso em 20/01/2014.

MEC- **Ministério da Educação**. Programa Nacional do Livro Didático- http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=66&id=12391option=com_contentview=article. Acesso em 20/01/2014.

MOTTA, L. M. V. “Inclusão Escolar e Audiodescrição”. **Revista Ciranda da Inclusão** – Abril 2010.

_____. Definições de Audiodescrição. Disponível em <http://www.vercompalavras.com.br/definicoes>. Acesso em 19/12/2015.

OLIVEIRA, Ana Flávia e ALVES, Valquíria. Reflexões sobre a importância da áudio-descrição na prática pedagógica inclusiva. **Revista Brasileira de Tradução Visual** - RBTNv, v. 16, Sessão Principal, 2013.

PLETSCH, Márcia e CARVALHO, Carlos Roberto- **Editorial do Dossiê Processos de Inclusão e Exclusão Escolar e Movimentos Sociais**. Revista Teias v.12, nº 24, p. 01-08- jan/abr. 2011.

Projeto Buriti: português 3º ano / organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editora responsável Marisa Martins Sanchez. — 2. ed. — São Paulo : Moderna, 2011.

_____. história 3º ano / organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editora responsável Rosane Cristina Thahira. — 2. ed. — São Paulo : Moderna, 2011.

_____. geografia 2º ano / organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editora responsável Juliana Maestu. — 2. ed. — São Paulo : Moderna, 2011.

_____. Ciências 2º ano / organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editora responsável Lia Monguilhott Bezerra. — 2. ed. — São Paulo : Moderna, 2011.

RANGEL, Maria Luíza et al . **Deficiência visual e plasticidade no cérebro humano**. Psicol. teor. prat., São Paulo , v. 12, n. 1, p. 197-207, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 jan. 2017.

SANTOS, Allan; FERREIRA, Fernando; VALE, Hyléa; LIVRAMENTO, Maria do; DALMOLIN, Maristela; BARBOSA, Paula. **O processo de adaptação de livros didáticos e paradidáticos na inclusão de alunos cegos em escolas especiais e inclusivas**. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 20, edição especial, p. 48-57, nov. 2014

SCHWARTZ, Letícia. O outro lado da moeda. In Motta, Lívia e FILHO, Paulo (org.) **Audiodescrição Transformando Imagens em Palavras**. Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, São Paulo, 2010.

VERGARA-NUNES, Elton ; LEDO, R. Z. ; VANZIN, T. ; ULBRICHT, V. R. ; LUZ FILHO, Sílvio Serafim da . **Conhecimento escolar acessível: as possibilidades da audiodescrição na educação**. In: COSTA, Edemir; RIBAS, Júlio César da; LUZ FILHO, Sílvio Serafim da. (Org.). *Mídia, educação e subjetividade: disseminando o conhecimento*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011, v. 2, pp. 197-228.

VIVEIROS, Edval Rodrigues; DE CAMARGO, Eder pires. Deficiência visual e educação científica: orientações didáticas com um aporte na neurociência cognitiva e teoria dos campos conceituais. **Góndola, enseñanza y aprendizaje de las ciencias. (bogotá, colombia)**, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 25-50, 2014. ISSN 2346-4712. disponível em: <<http://revistas.udistrital.edu.co/ojs/index.php/gdla/article/view/5095>>. Acesso em 10/04/2017

8. ANEXOS

8.1. AUTORIZAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE/ FM/ UFF/ HU



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A AUDIODESCRIÇÃO COMO TECNOLOGIA EM LIVRO DIDÁTICO: UM GUIA DE ORIENTAÇÃO AOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Pesquisador: LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 52649815.1.0000.5243

Instituição Proponente: Curso Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.430.265

Apresentação do Projeto:

Este projeto visa a elaboração de uma dissertação do Curso Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que objetivar levantar dados que contribuam para a produção de um guia de apoio acerca da tecnologia da audiodescrição, visando orientar os professores da educação básica, uma vez que estes se encontrem em uma perspectiva inclusiva, sendo possível favorecer o processo ensino/aprendizagem do aluno com deficiência visual, colaborando para a compreensão e o empoderamento das imagens presentes nos livros didáticos. Para tanto, após o levantamento bibliográfico sobre a tecnologia da audiodescrição de imagens, entrevista com profissionais de instituições coparticipantes – o Instituto Benjamin Constant e Colégio Pedro II –, será elaborada a dissertação e o guia para audiodescrição de imagens. Os dados, de cunho qualitativo, serão coletados junto aos profissionais da educação, que se voluntariarão, por meio de entrevista escrita ou oral (com registro de voz). A entrevista versará sobre a atividade profissional dos docentes junto à alunos com deficiência visual mediada pelo livro didático. A entrevista com os alunos abordará seu conhecimento sobre a audiodescrição e como esta impacta na sua percepção. A análise dos dados se dará através de observação e diálogo com as instituições coparticipantes e participação dos profissionais envolvidos na pesquisa, de forma que os dados sejam explorados de forma qualitativa e interativa.

Endereço: Rua Marquês de Paraná, 303 4º Andar
Bairro: Centro **CEP:** 24.030-210
UF: RJ **Município:** NITERÓI
Telefone: (21)2629-9189 **Fax:** (21)2629-9189 **E-mail:** etica@vm.uff.br

Continuação do Parecer: 1.430.265

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Desenvolver estudos visando a construção de um guia de apoio ao professor da educação básica para a realização de audiodescrição de imagens presentes em livros didáticos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar levantamento bibliográfico aprofundando sobre a audiodescrição;
- Realizar pesquisa junto a professores que trabalham com alunos com deficiência sobre como estes tem utilizado o recurso da audiodescrição;
- Realizar um pré-teste com profissionais que já passaram pela experiência de realizar audiodescrição e sistematizar dificuldades, estrutura na narrativa e pontos singulares na forma de cada um;
- Analisar as informações obtidas e desenvolver um guia de orientação para a audiodescrição e imagens em livros didáticos a partir das necessidades apresentadas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa poderá desenvolver riscos emocionais com os participantes, uma vez que criaremos novas expectativas sobre a metodologia de ensino dos professores participantes.

Benefícios:

Gerar conhecimentos sobre o recurso da audiodescrição para deficientes visuais e desta forma explorar com mais qualidade o uso do livro didático com estes alunos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto relevante, com apresentação adequada e com objetivos podendo ser alcançados através da metodologia proposta. Apresenta embasamento em literatura atual e poderá contribuir para que o professor tenha um material que o apoie em sua formação em serviço e continuada para a realização da audiodescrição de imagens presentes em livros didáticos. Assim sendo, além do produto a ser elaborado, a proposta da pesquisa por si já poderá estimular esta prática, que em ambiente escolar é pouco difundida. Embora o objetivo geral não se configure um objetivo de pesquisa, entende-se que este faz parte dos requisitos deste mestrado. Analisou-se os objetivos específicos e observou-se que os mesmos serão atendidos pelo analisarão os instrumentos de coleta de dados dos participantes para basear o desenvolvimento do produto. Não foram citados os critérios de inclusão e exclusão para os professores.

Endereço: Rua Marquês de Paraná, 303 4º Andar
Bairro: Centro **CEP:** 24.030-210
UF: RJ **Município:** NITEROI
Telefone: (21)2629-9189 **Fax:** (21)2629-9189 **E-mail:** etica@vm.uff.br

Continuação do Parecer: 1.430.265

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TCLE para os professores e o Termo de Assentimento para os alunos encontram-se incluídos e adequados. os contatos da pesquisadora e do CEP da UFF. Os termos de anuência do Instituto Benjamin Constant e do Colégio Pedro II encontram-se anexados.

Recomendações:

Recomenda-se que todos os objetivos sejam incluídos nas informações básicas do projeto e que seja adicionado ao TCLE e Termo de Assentimento o local para a assinatura das testemunhas (2).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_507177.pdf	14/01/2016 23:32:41		Aceito
Outros	Print_IBC.jpg	14/01/2016 23:31:32	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	Declaracao_atualizada_IBC.pdf	14/01/2016 23:28:40	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	05/01/2016 01:08:28	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	05/01/2016 01:07:54	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	DeclaracaodeAnuenciaPII.pdf	01/01/2016 23:13:12	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	Roteiroparaentrevistaaluno.doc	01/01/2016 23:02:47	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	roteiroentvistaprofessor.doc	01/01/2016 22:59:42	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEProfessor.doc	01/01/2016 22:58:20	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	TCLEaluno.doc	01/01/2016 22:57:59	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito

Endereço: Rua Marquês de Paraná, 303 4º Andar
Bairro: Centro **CEP:** 24.030-210
UF: RJ **Município:** NITEROI
Telefone: (21)2629-9189 **Fax:** (21)2629-9189 **E-mail:** etica@vm.uff.br

FACULDADE DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL
FLUMINENSE/ FM/ UFF/ HU



Continuação do Parecer: 1.430.265

Ausência	TCLaluno.doc	01/01/2016 22:57:59	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
Outros	Autorizacao.pdf	20/09/2015 16:06:02	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	20/09/2015 16:00:54	LINDIANE FARIA DO NASCIMENTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

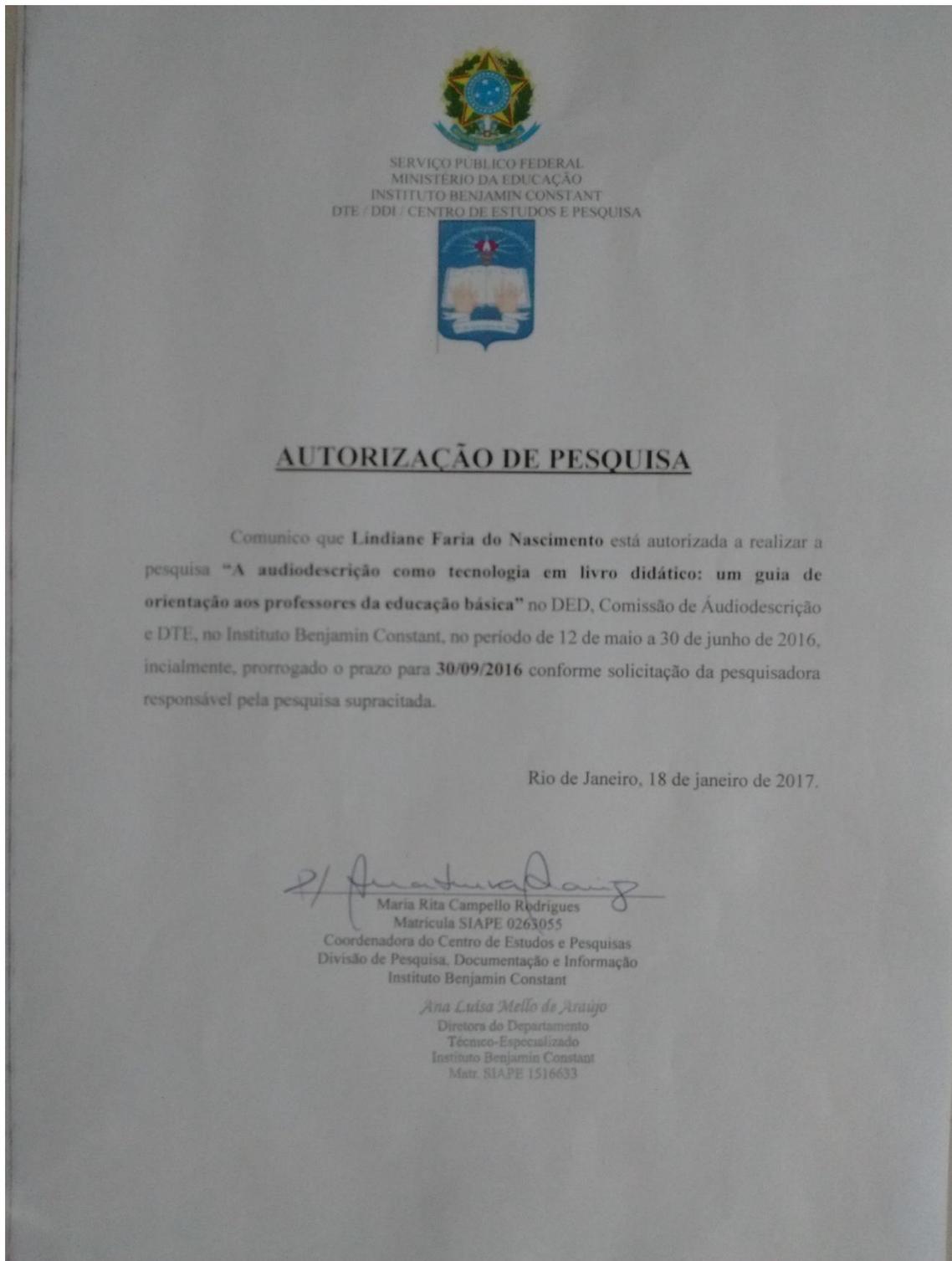
Não

NITEROI, 29 de Fevereiro de 2016

Assinado por:
ROSANGELA ARRABAL THOMAZ
(Coordenador)

Endereço: Rua Marquês de Paraná, 303 4º Andar
Bairro: Centro **CEP:** 24.030-210
UF: RJ **Município:** NITEROI
Telefone: (21)2629-9189 **Fax:** (21)2629-9189 **E-mail:** etica@vm.uff.br

8.2. AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA NO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT



**8.3. Nota Técnica nº 21, 10 de abril de 2012/MEC/SECADI/DPEE.
Orientações para descrição de imagem na geração de material digital
acessível –Mecdaisy.(P. 2-4)**

**Requisitos para descrição de imagem na geração de material digital acessível –
Mecdaisy:**

1. Identificar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita - O que/quem;
2. Localizar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita, onde;
3. Empregar adjetivos para qualificar o sujeito, objeto ou cena da descrição - Como;
4. Empregar verbos para descrever a ação e advérbio para
5. Descrever as circunstâncias da ação - Faz o que/como;
6. Utilizar o advérbio para referenciar o tempo em que ocorre a ação - Quando;
7. Identificar os diversos enquadramentos da imagem - De onde - , tais como:
 - a. Grande plano geral (GPG) - Mostra o cenário todo e é feito de um plano mais elevado, como em imagens aéreas.
 - b. Plano geral - Mostra os personagens e o ambiente no qual estão inseridos.
 - c. Plano americano - Mostra o personagem dos joelhos para cima.
 - d. Plano médio - Mostra o personagem da cintura para cima.
 - e. Primeiro plano - Mostra o personagem do peito para cima.
 - f. Primeiríssimo plano ou *close-up* – Mostra o rosto do personagem em destaque.
 - g. Plano detalhe - Mostra uma parte do corpo de um personagem ou um objeto.
 - h. Plano plongée ou câmera alta - Enquadramento de personagens ou objetos feitos de cima para baixo.
 - i. Plano contra-plongée ou câmera baixa - Enquadramento de personagens ou objetos feitos de baixo para cima.

8. Utilizar a aplicação do estilo IMAGE CAPTION em todas as imagens e após a apresentação da imagem acrescentar os dados na seguinte ordem: fonte, Legenda e Descrição;
9. Verificar a correspondência entre a imagem e o texto, a fim de garantir a fidedignidade da descrição;
10. Usar termos adequados, à área de conhecimento, abordada na descrição;
11. Identificar os elementos relevantes, levando-se em consideração aspectos históricos e culturais;
12. Organizar os elementos descritivos em um todo significativo. Evitar deixar elementos soltos, inserindo-os em um mesmo período. Começar pelo personagem ou objeto mais significativo (o que/quem), qualificá-lo (como), localizá-lo (onde), qualificar o onde (como), explicitar o tempo (quando);
13. Mencionar cores e demais detalhes;
14. Mencionar (quando possível) o enquadramento de câmera em fotos, principalmente quando for importante para o entendimento (close, plano geral, primeiro plano etc.);
15. Usar artigos indefinidos quando é a primeira vez que aparece determinado elemento ou pessoa;
16. Usar artigos definidos quando já forem conhecidos;
17. Usar o tempo verbal sempre no presente;
18. Mencionar as imagens de fundo, detalhes, caixas de texto, bordas coloridas que aparecem na página, na parte inferior, pois os recursos gráficos utilizados traduzem a intenção do autor;
19. Mencionar, na descrição charge, cartum, história em quadrinho e tira cômica a fonte com a data da publicação (quando houver), a legenda com o nome do autor e, em seguida, a descrição da imagem;

20. Iniciar a descrição, usando a expressão: a charge, cartum, história em quadrinho e tira cômica mostra/apresenta;
21. Em histórias considerar alguns aspectos como idade, faixa etária e considerar a expressão verbal por faixa etária.
22. Descrever elementos gráficos como pontos de interrogação, exclamação, gotas de suor, raios, formatos diferentes de balões onde se localizam as falas;
23. Anunciar o número de quadros presentes e a mudança de um para o outro, quando a charge, cartum, história em quadrinho ou tira cômica forem constituídos por mais de um quadro, marcando-os com a letra Q e o número correspondente;
24. Mencionar quem são e quantos são os personagens, caracterizá-los, falar sobre o cenário e o tempo (dia, noite, inverno, verão), para depois fazer a descrição de cada quadrinho. Quando os personagens mudam a roupa no decorrer da história, o fato deverá ser mencionado no próprio quadrinho. Falar também sobre como aparecem as falas, se dentro ou fora de balões. Se o desenho do balão apontar para algum significado, como pensamento ao invés de fala (bolinhas), deverá ser apontado na descrição do quadro onde aparece;
25. Anunciar a fala dos personagens, por meio dos verbos: dizer, responder, perguntar, comentar, continuar, gritar, falar;
26. Discriminar, na descrição de paisagens, as urbanas das campestres ou marítimas, as paisagens naturais das humanizadas;
27. Manter a imagem da tabela, do fluxograma e do organograma com a sua descrição, apresentando de forma sequencial as informações disponíveis;
28. Reduzir ao máximo, o número de colunas utilizado;
29. Sintetizar cabeçalho e rodapé, expressos em poucas palavras;
30. Minimizar a introdução de elementos de formatação e cor, pois estes contribuem para dispersão no entendimento;